

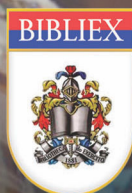
Joanine Kettner

Querido Haiti

uma missão de paz



Joanine Girardi Kettner é médica, nascida em Três de Maio, Rio Grande do Sul. Depois de exercer a medicina por alguns anos, em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul e, de breve passagem como médica temporária no Hospital de Guarnição de Santo Ângelo, cursou a Escola de Saúde do Exército, em 2008. Serviu na guarnição de Uberlândia, no 36º Batalhão de Infantaria Motorizada, de onde partiu para a Missão de Paz no Haiti. Lá foi médica da Companhia de Engenharia de Paz, de agosto de 2010 a fevereiro de 2011. Atualmente serve na guarnição do Rio de Janeiro, na Escola de Saúde do Exército.



Querido Haiti

Uma missão de paz



BIBLIOTHECA DO EXERCITO
Casa do Barão de Loreto
- 1881 -

Fundada pelo Decreto no 8.336, de 17 de dezembro de 1881,
por FRANKLIN AMÉRICO DE MENEZES DÓRIA, Barão de Loreto,
Ministro da Guerra, e reorganizada pelo
General de divisão VALENTIM BENÍCIO DA SILVA,
pelo Decreto no 1.748, de 26 de junho de 1937.

Comandante do Exército

General de exército Enzo Martins Peri

Departamento de Educação e Cultura do Exército

General de exército Ueliton José Montezano Vaz

Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército

General de brigada Marcio Roland Heise

Diretor da Biblioteca do Exército

Coronel Eduardo Scalzilli Pantoja

Conselho Editorial

Presidente

General de brigada Aricildes de Moraes Motta

Beneméritos

Coronel Nilson Vieira Ferreira de Mello

Professor Arno Wehling

Membros Efetivos

General de exército Gleuber Vieira

General de exército Pedro Luis de Araújo Braga

Embaixador Marcos Henrique Camillo Côrtes

General de divisão Ulisses Lisboa Perazzo Lannes

General de brigada Geraldo Luiz Nery da Silva

General de brigada Sergio Roberto Dentino Morgado

Coronel de artilharia Luiz Sérgio Melucci Salgueiro

Professor Guilherme de Andrea Frota

Professor Paulo André Leira Parente

Professor Wallace de Oliveira Guirelli

Biblioteca do Exército
Palácio Duque de Caxias, 25 – Ala Marcílio Dias – 3o andar
20221-260 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Tel.: (55 21) 2519-5716 – Fax (55 21) 2519-5569
DDG: 0800 238 365
Homepage: <http://www.bibliex.ensino.eb.br>

Joanine Kettner

Querido Haiti

Uma missão de paz

1ª edição



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro
2013

Copyright © by Biblioteca do Exército

Revisão: Suzana França e Ellis Pinheiro
Imagem da Capa: Joanine Gerardi Kettner
Capa e Diagramação: Leonardo Dessandes

K43 Kettner, Joanine Gerardi.
Querido Haiti: uma missão de paz / Joanine
Kettner. - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2013.
172 p.: il.; 23 cm. – (Biblioteca do Exército; 893.
Coleção General Benício; v. 495)

ISBN 978-85-7011-497-6

1. Haiti – História – Século XXI. 2. Haiti – Missões de
Paz. 3. MINUSTAH – Missão da Nações Unidas para
Estabilização do Haiti. I. Título. II. Série.

CDD 972.94



Apresentação

A obra *Querido Haiti*: uma missão de paz, ora entregue aos nossos leitores, dá prosseguimento ao projeto da Bibliex de publicar e divulgar o trabalho dos militares das nossas Forças Armadas, que se voluntariaram para participar dos contingentes da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

A autora, Joanine Gerardi Kettner, oficial do Exército Brasileiro, conviveu com a triste realidade do povo haitiano, no período de agosto de 2010 a fevereiro de 2011, e mostra, neste livro, a experiência vivida como oficial-médica do 13^o contingente da Companhia de Engenharia do Brasil.

Na leitura percebe-se claramente que a tenente Kettner compreendeu perfeitamente as tarefas a serem cumpridas em uma missão de paz: desprendimento, solidariedade e profissionalismo.

Sua competência profissional ficou patente ao descrever a integração ao novo ambiente de trabalho e o total envolvimento com as lides da caserna, com pessoas (militares e civis) determinadas em bem cumprir os seus deveres, além de representar o Exército e o seu país.

Os registros sobre o período quando esteve no Haiti são muito bem escritos, compostos de curiosas e inteligentes citações. Com descrições muito sensíveis e profissionais, narra de forma clara e franca o ambiente de trabalho em que esteve envolvida, em Ville de Port-au-Prince, ou Porto Príncipe, capital e maior cidade da zona conflagrada.

Relatou os problemas (os seus e de seus companheiros), as dificuldades, as apreensões e, sobretudo, a alegria de simplesmente servir. Também retratou, com rara habilidade, as pessoas com quem

conviveu e as que, por algum motivo especial, foram alvo de sua atenção. A história da menina Esther, uma das milhares órfãs da guerra civil, é um testemunho emblemático em emocionantes páginas, o que desperta no leitor o sentimento de intensa afeição nutrida pela autora à pequena vítima das atrocidades cometidas na região.

Outra página comovente é a da relação de camaradagem e o espírito de equipe, sempre presentes, entre as mulheres que também integraram o grupamento feminino da Companhia de Engenharia.

Em diversas passagens, afirmou que tanto a missão como todos os seus componentes são muito bem aceitos naquele país caribenhinho. O respeito para com os militares brasileiros é muito grande, particularmente o executado pelos que os antecederam. Os comentários e as observações ratificam o conceito conquistado pela Força Terrestre nas diversas missões monitoradas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em todo o planeta.

Na sequência das ações, o leitor vai se defrontar com outras tantas informações, cuidadosamente colocadas pela autora, sobre sua vida pessoal, escolhas, valores, crenças, gostos etc., tudo de forma natural e bem harmoniosa. Ao se referir à família, destacou a figura do pai já falecido. A maneira como é citado no texto deixa patente sua importante influência na formação de seu caráter e na escolha da profissão.

A sensibilidade da escritora aflorou no relato ao citar aspectos da cultura do Haiti e trouxe para as páginas do livro dados bem curiosos sobre o país, apesar de todas as carências e da imensa miséria de seu povo. Os hábitos da população e os seus traços característicos são mantidos com muito orgulho.

Em todas as oportunidades possíveis, Kettner procurou tirar um ensinamento para o leitor. Destacou sempre o lado positivo das experiências vividas. Além disso, expôs a beleza e os matizes do céu caribenhinho, deslumbrando-se com a transparência e a temperatura da água do mar das encantadoras praias que conheceu. São relatos simples, sinceros e convincentes como o trecho seguinte: “Pergunte a qualquer pessoa que tenha olhado aquele céu a respeito do tom avermelhado que ele tomava; mas tenha em mente que nem todos olhavam para o céu: alguns preferiam ver somente o que havia de triste ou difícil, como se a vida fosse assim em todos os lugares. Tal qual viver, a missão é uma escolha individual.”

Ela faz muitas reflexões sobre o cumprimento da missão, da motivação para se voluntariar em uma operação humanitária e menciona influências brasileiras sobre o povo haitiano. Reconhece, e deixa claro, que não enfrentou os mesmos momentos difíceis de companheiros de arma que integraram missões anteriores, quando Cité Soleil era um campo de batalha. Concluiu estar convencida de que o trabalho desenvolvido (o braço forte e a mão amiga) foi imprescindível e realmente necessário.

Trata-se de obra que deixa ao leitor uma mensagem de otimismo, de esperança e, sobretudo, de amor ao próximo.

Boa leitura!

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

Agradeço à minha mãe, Maria Elena, e ao meu irmão, Renato Kettner Filho, por tornarem o Haiti mais perto de casa. E ao meu pai, Renato Kettner, que esteve comigo durante essa e todas as missões da minha vida.

Este livro é dedicado a Alexander Striemer, meu mais elegante amigo, que partiu enquanto eu estava no Haiti, e a todos os componentes do 13º contingente da Companhia de Engenharia de Força de Paz.



Prefácio

Foi com muito prazer que recebi o convite de introduzir os leitores nas páginas deste livro. Joanine escreve com coração e alma de gaúcha e médica a experiência vivida no Haiti, em Port-au-Prince, quando serviu na Engenharia do Exército. Foram meses intensos, emocionantes e de muito aprendizado para todos nós que lá estivemos.

Para mim foi um prazer poder conhecê-la e, com ela, compartilhar nossas crenças e almas. Para vocês que leem, apenas sugiro que se deixem levar por este livro que conta, de maneira pessoal, e nem por isso menos importante, parte da história de um país. Aqui vocês encontrarão aquilo nunca explorado em um livro de história: o cotidiano colorido e sofrido, o gosto amargo que fica na boca e, sobretudo, o sorriso sincero de quem sabe que fez e faz a sua parte.

Roseana Aben-Athar Kipman*

* Roseana Aben-Athar Kipman desempenhou as atividades de embaixatriz do Brasil no Haiti, no período de 2008 a 2012. Professora de biologia por formação, além de chefe-escoteira, durante sua estada no país desenvolveu atividades no Centro de Cultura Brasil-Haiti, ministrando aulas de português a haitianos. Também atuou de forma voluntária no Centro de Saúde Rosalie Rendu, em Cité Soleil, e no Centro de Saúde Margarida Nazou, em La Plaine. Trabalhou em parceria com as Forças Armadas brasileiras, levando comida e água a populações afetadas pelo terremoto e pela epidemia de cólera.

Sumário

Apresentação	05
Prefácio	11
1. Chegada	15
2. Água	21
3. Crianças	29
4. Aciso.....	33
5. Cerimônias	45
6. Trabalho no Blessing	49
7. Esther	53
8. Cultos	57
9. Dia das Crianças	61
10. Cité Soleil	67
11. Incêndio	73

12. Pétionville	77
13. Cólera	83
14. Eleições	89
15. Feirinha	93
16. Andanças	97
17. Medal Parade	101
18. Natal	107
19. Ano Novo	111
20. Comemorações	117
21. 12 de janeiro	121
22. Inaugurações	125
23. Partidas	131
24. 'Rum Sour'	135
25. Blessing Hands	139
26. Minha Despedida	143
27. Posfácio	147
28. Referências Bibliográficas	153

Capítulo 1



Chegada

Acordei com um solavanco forte. Senti minhas costas empapadas de suor. Abri os olhos para me certificar onde estava. As últimas horas haviam sido tão movimentadas que já me confundiam os lugares nos quais havia deitado para dormir. Sobrevoava um mar verde, lindo, cor de esmeralda. Aquele calor na cabine mais o ar viciado de dezenas de homens suados, cansados e ansiosos causavam a sensação da água do mar tocando a pele, com a impressão de boas vindas a um oásis que nos esperava. Entretanto, sabíamos que não seria bem assim. Logo em seguida passamos a sobrevoar a terra: montanhas nuas, como corpos voluptuosos deitados de lado, com suas roupas arrancadas com violência; rios que pareciam não fluir para o mar e, vistos de cima, brancos, inertes; casinhas tão pequenas que pareciam um Lego¹ com peças incompletas, e estas haviam sido substituídas por outros materiais, os quais não faziam parte do jogo original. Do alto, não enxergávamos as pessoas. Aparentava ser um lugar desabitado, verdadeira maquete de uma cidade que ainda não estava pronta ou, pelo menos, em eterna construção.

Chegávamos ao Haiti. O solavanco que me acordara era do avião da Aeronáutica baixando seu trem de pouso. Eu havia dormido nesse voo de três horas entre Boa Vista, Roraima, e Porto Príncipe e despertei em um sobressalto, sem saber direito onde estava. Desde o preparo para a missão, passei por vários lugares, alguns conhecidos, outros nem tanto e, nesse momento, por alguns instantes, não sabia onde estava. O calor da cabine fazia todos suarem, e a visão do mar cor de esmeralda

¹ Marca registrada.

lembrava-me da chegada ao Caribe. Do avião já podia sentir a clareza forte. As montanhas de vegetação devastada pela extração do carvão tornavam a sensação mais árida, com a qual os olhos ardiam mais. O contraste com aquele mar indescritível era o porto da capital cercado por favelas, mesmo há muitos metros de altitude; percebíamos, também, que eram extremamente pobres e nada tinham de românticas, apesar da localização privilegiada. Os rios, inertes, assim o eram, pois neles não era água o que se via, senão lixo levado nos dias de chuva pelas enxurradas das encostas das montanhas, e transformavam cada episódio de chuva em tragédia para aquelas pessoas que – agora que a aeronave diminuía sua altitude – conseguíamos ver do alto.

Partimos havia dois dias do Sul do Brasil, da base aérea de Santa Maria, onde a temperatura beirava o zero grau. Pertencíamos ao 13º contingente da Companhia de Engenharia de Força de Paz. Acredito ter sido este o 3º voo que chegava para esse contingente. As chegadas e as saídas eram escalonadas. Era dia 5 de agosto de 2010, porém a seleção e o preparo já há muito foram iniciados.

No meu caso, desde dezembro de 2009, quando recebi a notícia da minha seleção para ser médica da Companhia de Engenharia. A partir daquele momento, todos os planos para o próximo ano estavam em função da Missão de Paz. O treinamento iniciou-se em abril, no Hospital de Guarnição de Santa Maria, com estada de três semanas em Manaus, para um curso sobre malária. Depois houve ainda o treinamento centralizado, mais três semanas cansativas em São Gabriel, Rio Grande do Sul, onde, além do esforço inerente ao treinamento, sofremos com o frio característico da região no mês de junho, que castigou muito a tropa formada basicamente por dois grupos: os já aclimatados gaúchos, componentes da metade do contingente, e o restante, militares das guarnições do Nordeste.

O que faz uma pessoa ser voluntária para uma missão dessas? Essa foi a pergunta mais ouvida antes, durante e agora, meses depois do término da missão. Não posso responder pelos outros, e sim por mim. Sei de alguns que o fizeram por dinheiro; outros para fugir de algum problema pessoal – acredito que poucos tenham conseguido, pois os problemas sempre nos acompanham, onde quer que tentemos nos esconder – mas, no meu caso, confesso, naquele momento quando o avião já fazia seu pouso, ainda não tinha uma resposta.

O Haiti recentemente havia sido devastado pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010. Mesmo entre os militares com quem servia, ouvi questionamentos a respeito da minha ida; se, depois dessa tragédia e da possibilidade de outra – já que a atividade sísmica se continuara por meses –, ainda teria coragem para seguir em frente. Eu já estava selecionada quando aconteceu o terremoto e posso afirmar que a sensação é de já estar lá naquele momento. O curioso foi ouvir essa pergunta de militares. Talvez essa fosse uma questão a ser feita por minha mãe ou por meu irmão; todavia, ao contrário de meus incrédulos colegas, eles sempre tiveram a firme opinião de que eu deveria ir, não importando o que houvesse acontecido. Essa atitude da minha família conferia-me a segurança necessária para acreditar em que tudo daria certo.

Enquanto o avião pousava no Aeroporto Internacional Toussaint Louverture, lembrava-me das notícias e das imagens mostradas pelas emissoras de televisão do mundo todo, desse mesmo aeroporto, hoje aparentemente em paz. Contudo, havia alguns meses que estava repleto de pessoas desesperadas tentando sair do país. Nesse momento, a animação tomou conta do receio e, quando tocamos o solo haitiano, uma salva de palmas irrompeu na aeronave. Ansiedade e curiosidade podiam ser lidas nos olhos de soldados jovens, alguns dos quais nunca haviam saído de suas cidades natais. Para muitos, essa “aventura” – digamos assim – proporcionou a oportunidade de viajar ao exterior, conhecer cultura nova, não apenas a haitiana, mas sobretudo a de outras tropas com as quais trabalhamos em conjunto. Desses militares, muitos vislumbraram oportunidades e capacidades que talvez ainda não soubessem que possuíam. O papel dessa missão na vida de um jovem é incomensurável. E, ao olhar para eles, eu pensava não só nisso, mas também no que significaria para mim esse período longe da minha família e do meu país. O que eu estaria pensando na volta daqui a seis meses? Teria valido a pena?

Ao sair do avião, ainda na porta, a claridade me invadiu de tal forma que quase nada enxerguei até colocar meus óculos de sol. O calor e a claridade foram os primeiros personagens haitianos com que tive contato. A aridez do país, cuja vegetação foi – e ainda é – devastada pela extração sem controle da madeira (do pouco que sobrou, como lembrado anteriormente, para o carvão), proporciona um ar seco, um calor cortante e uma claridade que, por não encontrar nada para absorvê-la, dói na retina desacostumada.

Era um sol que nos esperava com nossos companheiros que lá haviam chegado alguns dias antes. Era o primeiro dia de sol dos muitos que teríamos nesse período. Embarquei em um ônibus e, depois de passar pela Log Base (como o nome já diz, a base logística da MINUSTAH), a fim de fazer as identificações, seguimos todos para a base, o Camp Charlie, local de que ouvimos falar incessantemente nos últimos meses.

No caminho, o trânsito. Ou melhor, em Porto Príncipe o trânsito é o único caminho. Como em toda a cidade que cresceu desordenadamente, o trânsito é caótico. Albert Camus, quando esteve no Brasil na década de 1940, declarou no seu Diário de Viagem: “Os motoristas brasileiros são alegres loucos ou frios sádicos. A confusão e a anarquia desse trânsito só são compensadas por uma lei: chegar primeiro, custe o que custar.” Justamente essa frase veio-me à mente no momento quando passamos a ser conduzidos entre carros novos, carros velhos, carros muito velhos e carros híbridos, acredito eu, montados com peças de vários outros. Os sempre presentes tap-taps, que fazem, por assim dizer, o transporte público da população. Esses transportes são como impressões digitais, impossível encontrar dois iguais. Alguns eram quase como vans; outros, pequenas camionetes nas quais os passageiros subiam e acomodavam-se na carroceria. Em comum entre eles o colorido forte, quase agressivo, sempre pintados com citações bíblicas ou com a face de jogadores de futebol, como Ronaldinho Gaúcho, Kaká ou Messi; outras vezes estampavam algum rapper americano. Nas primeiras vezes em que saí pela cidade, não conseguia entender como os passageiros faziam o pagamento ao motorista, pois só os via subir sem pagar. Aos poucos observei melhor e vi que, ao desembarcarem, voltavam ao motorista e efetuavam-lhe o pagamento. O incrível era a capacidade do tap-tap. Quando se achava impossível que alguém mais embarcasse, surgia um indivíduo – muitas vezes carregando uma galinha, uma bacia, uma lata ou mesmo um móvel –, subia no tap-tap e, com sorte, ainda conseguia sentar-se. Mulheres de saia, salto alto ou ainda carregando crianças faziam isso. Tudo com a anuência dos outros passageiros, que não se incomodavam em ceder um espaço para que o recém-chegado se acomodasse. Agiam todos muito naturalmente, sem ar de enfado ou de incômodo.

Juntando-se ao trânsito, pelas ruas viam-se vendedores de tudo. Em qualquer canto, em qualquer esquina formava-se uma feirinha ven-

dendo desde comida até roupas e calçados. Medicamentos eram negociados nas ruas de maneira muito interessante: ao redor de um grande artefato com formato de cone, prendiam-se com elásticos diversos comprimidos e pílulas – acredito que organizados por marca ou finalidade, como antigripais, analgésicos etc. – e, dentro do cone, ficavam os cosméticos e outros produtos que não fossem comprimidos ou pílulas, porém guardados em frascos. Mais tarde, eu já estava acostumada a brincar com fato de que, comprando um cone desses, poderiam dispensar-se os médicos da Companhia. Ainda bem que não fizeram isso.

As comidas vendidas eram amplamente consumidas pela população: salsicha, milho, frango, banana, alguns fritos, outros assados em braseiros. A água era vendida em saquinhos por ambulantes que se embrenhavam entre os carros. Os gritos de dlo, dlo (água em creole²) misturavam-se às buzinas e aos chamados de outros vendedores, ao som altíssimo de alguns tap-taps, os quais, às vezes, também funcionavam como carros de som. Nas ruas de Porto Príncipe, durante o dia não havia lugar para o silêncio. O próprio tom do idioma deles é forte, trágico. O creole é uma mistura de francês com algum dialeto local. Quando se veem dois haitianos conversando, a primeira impressão de que se tem é de estarem brigando, tamanha a ênfase posta nas palavras e gestos. Pode-se dizer que é uma língua bem passional, que não se fala com indiferença, mas com vontade, paixão. É talvez a versão menos elegante e elitizada do francês, idioma usado pelo colonizador branco. É visceral, falada nas ruas, moldada pela população durante as tantas revoluções vivenciadas, decorada pela religiosidade do vodu, com seu panteão de divindades.

Pelas ruas víamos as pessoas rindo, gritando ou cantando. Em carros fechados, funcionários das Nações Unidas ou de alguma organização não governamental – há muitas lá –, protegidos da poeira e do calor por seus ares-condicionados. Em jipes abertos, passavam militares brasileiros e de outras tropas a caminho de alguma missão. Antigos ônibus escolares americanos – daqueles amarelos que se veem em filmes – carregavam pessoas, provavelmente vindas do interior para a capital. Comum a todos, só mesmo seus celulares sempre em ação. Um povo ocupado e sempre em atividade, como se via pela maneira frenética com

² Uma das duas línguas oficiais do Haiti; a outra é o francês.

que usavam seus celulares. Além disso, os toques polifônicos de músicas americanas eram um ruído a mais naquela babelônia sonora.

Chegamos à base por volta do meio-dia, já no horário do Haiti, duas horas a menos que o de Brasília. Largamos armamento, pegamos nossa bagagem e fomos conhecer o lugar onde seria nossa casa pelos próximos seis meses. Confesso que, ao chegar e deparar-me com o contêiner que eu dividiria com uma major, senti um aperto no peito. Nesse momento, em especial, tive a sensação de estar confinada. Não que o alojamento não fosse bom; ao contrário, era excelente. A parte destinada ao “grupamento feminino” – composto por nós, as cinco mulheres – era bom e possuía uma área que nos possibilitava, inclusive, certa privacidade. Porém, no momento quando larguei minha bagagem no chão e sentei-me no beliche, uma estranha sensação de isolamento invadiu-me. Eu já estava acostumada a ficar longe de minha família – servia em Uberlândia, Minas Gerais, enquanto minha mãe e irmão continuavam no Rio Grande do Sul. No entanto, a saudade de casa que experimentei nesse momento não me lembrava de tê-la sentido assim antes. Era como se, daquele momento em diante, nova etapa estivesse se iniciando e uma nova “eu” nascendo. Na avaliação psicológica antes da missão, conversei muito sobre as mudanças que sofreria ao longo desse período. Concordei na época, mas não acreditava que fosse provar tão cedo esse sentimento de despersonalização por estar fora do meu ambiente. Tive, naquele momento, a certeza de que não retornaria igual ao Brasil. Ali talvez começasse a vislumbrar a resposta para a pergunta que me seguia: por que ir ao Haiti?

Capítulo 2



Água

Nossa seção de saúde era excelente, bem como nossa equipe. Éramos dois médicos, eu e o capitão Jackson; mais 10 auxiliares de saúde, 9 sargentos e 1 subtenente, chamado Trindade, que, no decorrer da missão, foi promovido a segundo-tenente. As instalações eram muito boas, tínhamos, além dos consultórios, uma sala para curativos, outra para emergências com desfibrilador, ventilador, bomba de infusão, enfim, boas instalações para prestar o primeiro atendimento. Se fosse necessário, transferiríamos o paciente para o chamado nível dois, o Hospital Argentino, um hospital de campanha montado quase em frente à Log Base, que possuía bloco cirúrgico para intervenções de emergência, enfermarias e uma pequena UTI. Era de lá também que se faziam as remoções necessárias para o nível três, em Santo Domingo, na República Dominicana. O nível quatro localizava-se em Miami, no Jackson Memorial Hospital.

Fiquei feliz por encontrar um clima tão bom para o trabalho. No preparo, já havíamos trabalhado muito com o grupo na prevenção de doenças mais comuns no Haiti, como malária e infecções alimentares. A tropa sempre passa por inspeções de saúde; portanto, estavam todos saudáveis. Mesmo assim, ao longo da missão, houve alguns casos de malária, gastrenterites, infecções respiratórias, mas poucos tiveram de ser encaminhados a outros níveis – uma apendicite, uma colecistite e uma litíase renal –, todo o resto foi resolvido no primeiro nível mesmo.

Os problemas que chegavam a nós mais frequentemente eram de ordem psicológica. É incrível como a figura do médico agrega o aconselhamento. No primeiro mês, não houve muitos problemas; tudo era novidade, um dia era diferente do outro, e os militares estavam

se conhecendo. Nossa Companhia era formada por 250 homens, quase metade do Sul do país e a outra do Nordeste. Na época do preparo, ainda no Sul do Brasil, mas precisamente em São Gabriel, os nordestinos sofreram muito com o frio. Vários ficaram gripados e houve até um que me disse durante uma consulta: “Tenente, não sei como a senhora pode viver tanto tempo nesse lugar que parece mais um inferno”. Ainda brinquei e disse que não era inferno justamente por ser gelado.

Durante o treinamento, as diferenças culturais não se fizeram obstáculo e em seu encerramento, como não poderia de deixar de ser, foi feito um churrasco gaúcho. Logo em seguida, houve um espetáculo de danças e músicas típicas. Até eu que nunca participei de nenhum grupo tradicionalista gaúcho – de tradicional carregado apenas minha cuia de chimarrão e meu sotaque carregado – emocionei-me ao ver as danças e as músicas entoadas por grupos de crianças e de jovens, que apresentaram o xote, o vanerão, a chula e outras danças aos visitantes, todos aparentemente encantados com o que viam.

Depois dessa atração, subiu ao palco um cantor gaúcho, de quem infelizmente não recordo o nome. Ele iniciou sua apresentação musical, permeada por piadas e brincadeiras com o público. Porém, tínhamos mais um artista na casa: o sargento Barão Vieira, nordestino, percussionista e professor de música, que levava seus instrumentos para o Sul e juntou-se ao cantor no palco. O cantor gaúcho havia aberto sua participação com músicas tradicionais, as quais os locais prontamente foram dançar no salão. A parceria musical com o Barão Vieira rendeu um espetáculo de união e brasilidade que ainda não vi igual. Misturou-se música gaúcha com o ritmo do xaxado e do forró. Gaúchos que estavam no meio do salão dançavam com os nordestinos que batiam palmas e faziam os passos típicos de suas regiões. Não houve falta de ritmo ou descompasso, todos dançavam juntos, riam e se divertiam.

A culminância do momento aconteceu quando o cantor resolveu tocar o Hino do Rio Grande do Sul. Todos sabem que o gaúcho é meio, digamos, cioso das suas tradições, por isso acreditei que o hino fosse esfriar um pouco a festa, já que os visitantes não conhecem a música, muito menos a letra. Ledo engano! Todos assistiam encantados aos gaúchos entoarem o “sigam nossas façanhas de modelo a toda a terra”. Escutavam com um misto de respeito e admiração, como se esse hino fosse deles também. Ao final, o mesmo militar, que havia me pergunta-

do como eu tinha aguentado viver nesse “inferno” por tanto tempo, veio me dizer: “Tenente, eu sou da Paraíba, mas esse seu estado é foda!”

Contei essa história do preparo justamente para que se entenda o quanto o pessoal estava entrosado. Os problemas surgidos depois não foram propriamente as diferenças culturais em si, mas um somatório com as questões individuais de cada um. Problemas ocorridos no Brasil, contados pela família ao militar, muitas vezes deixavam-no com a sensação de impotência que a distância nos dá. E nós, na seção de saúde, acolhíamos quem estivesse precisando de amparo nesse sentido. Acredito que atuamos mais como psicólogos do que como médicos ou enfermeiros propriamente ditos. Entretanto, nós também éramos parte da missão e, como tal, alvos da carência, da tristeza e da eventual solidão.

Em realidade, os momentos de solidão eram poucos. Sempre havia alguém por perto, seja no contêiner, no rancho, no pátio ou trabalhando. Havia quem brincasse que aquilo era praticamente um Big Brother, pois sempre havia alguém observando o que o outro estava fazendo. Parecia o pan-óptico de Bentham, descrito por Michael Foucault, mas essa é uma situação típica de todos os quartéis por todo o Brasil, quiçá por todo o mundo. A diferença é que, no Haiti, ao acabar o expediente, não íamos para a casa, continuávamos na base. Talvez esse “tédio” da paisagem causasse uma sensação ruim, uma desesperança, o que propiciava o abuso da bebida (em quem já tinha propensão), da comida (houve vários casos de militares que ganharam peso) ou acirrasse mais os ânimos nos contêineres.

Todavia, o comando da Companhia sempre tentou aplacar esses problemas proporcionando confraternizações entre todos, até para se evitarem festas individuais que pudessem separar o grupo. Especialmente nosso subcomandante, major Emerson, era uma pessoa muito preocupada com o bem-estar individual. Procurava sempre manter contato direto com todos, oficiais, praças, soldados; tanto que, certa vez, quando viajou durante uma folga, um soldado veio a mim reclamar que estava sentindo sua falta e disse ainda que o major “era como um pai para ele”. O soldado, muito jovem, buscou uma identificação na figura do seu superior. Achei isso lindo! Méritos do major Emerson, pois não foram todos, nesse mesmo contingente, que conseguiram isso.

As confraternizações aconteciam nos finais de semana, a fim de se comemorar alguma data festiva, algum aniversário, enfim, encontrava-se um motivo. Em alguns sábados era feita uma pizza e, aos domingos,

servida uma sopa. Isso gerou um engraçado episódio em nosso último final de semana; eu ia para o rancho e escutei alguém gritar: “Ah! Minha última sopa!” Acho que deve ter enjoado.

Esse era o primeiro contingente da Engenharia que levaria mulheres. Éramos cinco: eu, major Gizele, da Comunicação Social, e as três sargentos: Bicca, Carolina de Sá e Duarte. Estávamos sempre muito próximas, sobretudo na área entre os dois contêineres, isoladas por um muro para termos mais privacidade. Pode parecer bobagem, mas quando se está em um meio eminentemente masculino, ter um cantinho para sentar e conversar com uma amiga faz muita diferença. Fomos muito alertadas, mais que isso, extremamente alertadas a respeito de assédio sexual. A ONU tem grande preocupação com isso, não apenas com relação à população local, mas também com os componentes da missão.

Eu estava acostumada, trabalhei praticamente minha vida toda em meio a homens. Blocos cirúrgicos de cidades do interior, como a minha, eram um território bem masculino até bem pouco tempo. Depois estive lotada em um quartel de infantaria, onde também fui a primeira mulher a servir. Acredito que as meninas e também a major já estavam bem habituadas. Não tivemos problemas maiores com relação a isso. Sabíamos que havia militares contrários à nossa presença, mas eles também devem saber que isso é uma evolução normal, quanto mais mulheres houver no Exército, em maior número estarão também em missões de paz.

Não acredito ter havido qualquer diferença de tratamento na realização dos trabalhos – especialmente as sargentos: quando houve necessidade que tirassem serviço na guarda da base, o que aconteceu no período eleitoral haitiano, fizeram-no junto aos homens, com a mesma excelência. Sou bastante “coruja” para comentar sobre as sargentos, até porque as três eram da seção de saúde e trabalhavam diretamente comigo. Todas tiveram importantíssimo papel nessa missão, não apenas como pioneiras, mas nas atividades desempenhadas, especialmente no orfanato assistido pela Engenharia, o Blessing Hands.

Logo na primeira semana, fui acompanhar uma entrega de água ao Blessing Hands. Se não me engano, isso foi no primeiro sábado pela manhã. Entre as atividades da Engenharia também estava a entrega de água, realizada a mais de um orfanato ou instituição; por esse orfanato, a Companhia nutria um carinho especial. Não sei precisar onde nem

quando isso aconteceu, contudo há alguns contingentes essas crianças estavam alojadas em lugar precário, próximo das montanhas. A Companhia cotizou-se e comprou um terreno na localidade de Croix-des-bouquets, onde foi erguida a casa na qual hoje vivem quase 50 crianças. Desde então, esse orfanato tem sido assistido com doações de alimentos, roupas, brinquedos e água.

Para ir a Croix-des-bouquets segue-se por uma estrada em direção à República Dominicana. É uma estrada movimentada, pela qual passam pessoas que vão à fronteira, muitos ônibus com turistas ou haitianos que lá trabalham. Fica na direção do Lago Azüei, na fronteira, onde a Engenharia também realizava patrulhas. Saindo de Tabarré, onde se localizava nossa base, em direção ao orfanato, a paisagem já mudava em poucos minutos. Estávamos rumo ao interior, às montanhas. Um cenário lindo: as nuvens planavam tranquilas na metade das montanhas, entre a base e o cume; o calor amainava, talvez pela proximidade com a água do lago. Quanto mais se aproximava do interior, o país ficava mais verde e a natureza com mais cores. Em Croix-des-bouquets há grande produção de artesanato em ferro.

Os haitianos são extremamente talentosos com as mãos. Seu artesanato é lindo, tanto em ferro como em madeira ou em pedra-sabão. Possuem também grande talento para a pintura; pelas ruas vemos inúmeros artistas vendendo suas obras. No caminho para o orfanato podíamos ver a arte em portões de ferro, portas, guardas de camas, máscaras, espelhos, ao mesmo tempo que víamos os artistas trabalhando nas ruas com seus maçaricos e muito pouca proteção, quando muito uns óculos de sol. Mais do que habilidosos com sua arte, ainda possuem uma displicência que não vemos mais, mesmo no Brasil, com relação à segurança do trabalho e outros aspectos.

Para chegar ao orfanato, entrávamos por uma estradinha vicinal estreita, uma subida íngreme com buracos e pedras enormes. A população que mora no entorno do orfanato é extremamente pobre, porém, por ser uma área mais perto do campo, a vida aparentemente é mais tranquila que em Porto Príncipe. Os moradores já nos aguardavam com seus baldes no portão do orfanato, esperando pela água. Era minha primeira visita lá. A administradora do orfanato chamava-se Suse e cuidava das

crianças com a ajuda de seu irmão – um pastor evangélico (não sei ao certo de qual igreja, pois em todos os lugares as igrejas evangélicas têm aumentado o número de adeptos, inclusive no Haiti) – e mais alguns colaboradores. No sábado, as crianças assistiam ao culto, que durava cerca de três horas, todas arrumadinhas, limpas, com suas melhores roupas. Enchemos a caixa d'água do Blessing e fomos distribuir o que sobrou de água à população do lado de fora.

Estavam todos muito agitados, tivemos de fazer uma espécie de isolamento para que as mulheres mais velhas pudessem ter acesso à água. Aliás, praticamente havia só mulheres pegando e carregando água. Os homens ficavam olhando de longe, das varandas das casas. Apenas um homem veio pegar água e veio falar comigo, desculpando-se. Eu tive dificuldade em entendê-lo, já que não falo o creole, porém ele conseguiu me explicar que sentia vergonha em estar ali, entre as mulheres, pegando água, mas que precisava para a mãe doente. Mostrou-me a casa onde morava com a mãe e levou-me até lá. Pelo que entendi, sua mãe sofrera um AVC³ e estava paralisada em um lado do corpo. Ao entrar naquela casa de dois cômodos, feita de madeira, muito precária, vi que ali jazia uma senhora que não me parecia tão velha quanto seu filho fazia acreditar. Entretanto, dei-me conta de que a expectativa de vida no Haiti é extremamente baixa, algo como 45 ou 50 anos. Essa mulher, se tivesse cerca de 60, já devia ser quase como um Matuzalém para eles. Apesar da pobreza do local, a casa estava bem limpa e cuidada. Perguntei se precisavam de atendimento. O filho agradeceu e disse-me que estava tudo bem, que só havia me trazido até ali para que eu visse que ele estava pegando água para sua mãe.

O orfanato estava instalado em uma casa de alvenaria, com dormitórios com beliches para as crianças, cozinha, sala e banheiros. Do lado de fora estavam montadas as barracas da Unicef, da época do terremoto, nas quais dormiam alguns adultos. No centro do pátio, grande barraca de lona preta era o local onde as crianças estudavam e o pastor pregava.

A higiene é uma questão bem complicada no Haiti. Culturalmente, eles são pessoas tranquilas com relação a isso. Como não há um sistema de recolhimento confiável, não há esgoto, e o saneamento

³ Acidente vascular cerebral.

básico é inexistente. Acredito ter a população crescido sem dar muita prioridade para a limpeza. As crianças estavam aparentemente bem nutridas, mas víamos sinais evidentes de carências vitamínicas e verminoses, além dos problemas de pele. Na cozinha, panelas destapadas com restos de comida atraíam moscas. No pátio, as próprias crianças jogavam o lixo no chão em vez de procurarem a lixeira. O que fazer? Por onde começar?

Do lado de fora víamos as pessoas curiosas. Alcançamos um balde de água por vez. Quem quisesse pegar outro tinha de entrar na fila novamente. Uma moça de menos de 20 anos com um bebê no colo e outro na barriga causava tumulto. Ela, muito magrinha e agitada, falava alto e debatia-se. Entrou na frente de idosas e de outras grávidas. Fazendo o contraponto da agitadora minúscula, estava outra grávida pela qual temi. O sol estava quente, e essa outra estava bastante inchada, já ia pelo final da gestação. Enquanto a “agitadora” causava tumulto, percebi que aquela cambaleava. Tirei-a da fila e levei-a para sombra. Entendi, já no meu parco creole, que se sentia mal:

“*Tèt fè mal*”,⁴ dizia-me, apontando para a cabeça. Inútil perguntar a respeito de pré-natal. Aliás, a maioria dos partos no Haiti é feito em casa por parteiras nada habilitadas. Por isso vemos pelas ruas tantos casos de tocotraumatismos (lesões que acontecem no momento do parto) e muitas hérnias umbilicais, acredito que por tração.

Como eu havia levado uma pequena maleta com algum material, aproveitei para verificar sua pressão. A mulher tinha um olhar bovino, quase alheio ao que acontecia ao seu redor. Sua pressão estava baixa. Dei-lhe um copo com água, pois acreditava que estivesse desidratada mesmo. Em poucos minutos levantou-se. Não me falou nada e seguiu andando. Eu havia pedido para que enchessem seu balde com água para que não precisasse entrar na fila novamente. Ela pegou o balde com uma agilidade impressionante para quem estava grávida e colocou-o sobre a cabeça, como costumam fazer as haitianas carregando coisas pesadas. Ergueu-se sem fazer ruído, como uma gata. E logo desapareceu em meio aos casebres.

Terminada a entrega de água, voltamos à base. Eu tinha a sensação de que nada fizera, que só havia a tudo observado.

⁴ “Tenho dor de cabeça”, em creole.

Capítulo 3



Crianças

Visitamos mais alguns orfanatos. Um deles era apadrinhado pela embaixatriz brasileira, Roseana Kipman, localizado igualmente em Croix-des-bouquets, porém em uma região extremamente alagadiça daquele distrito. Não recordo o nome do orfanato. Aliás, um comentário pertinente a respeito dos orfanatos haitianos: nem todas as crianças que estão nesses lugares são, de fato, órfãs. Grande parte tem os pais vivos e estes costumam ir vê-las; inclusive levam as crianças para passar temporadas com eles. Acontece que muitos pais estão desempregados e não têm condições de ficar com os filhos, então os entregam a um orfanato.

Voltando ao orfanato da embaixatriz, lá as crianças estavam alojadas em barracas de lona, muito quentes. O chão era cheio de poças d'água em meio à pedra brita. A “dona” do orfanato tentava ensinar alguma coisa para as crianças em mesas colocadas sob as poucas árvores que faziam sombra naquele pátio. O local havia sido muito afetado pelo terremoto.

Quando chegamos, as crianças, como em todos os lugares, cercaram-nos e acabaram por “eleger” alguém para pegá-las no colo, dar-lhes atenção e carinho por uns instantes. Várias delas cercavam-me e tentavam pegar em meu cabelo, de tom louro-claro. Demorei um pouco para perceber que talvez nunca tivessem tocado em mechas tão diferentes das deles. Deixei que desfizessem meu coque – andávamos com o cabelo preso quando fardadas – e brincassem com meus cabelos. Isso aconteceu novamente em outros lugares. Um menino e uma menina seguravam minhas mãos e espantavam as outras crianças que se aproximavam. Queriam atenção exclusiva para eles. Chegavam a ser até um

pouco agressivos com as outras crianças, por conta de disputar nossa atenção. De repente, um menino bem pequeno chegou pertinho de mim, começou a lambear meu braço direito e a olhar-me. Lambia, passava o dedinho, colocava-o na boca, chupava e olhava-me nos olhos, como que questionando o sabor daquela pele tão branca, tão diferente da sua ou de tudo com que ele estava acostumado.

Quando perceberam que íamos embora, as crianças maiores reuniram-se e pediram que esperássemos um pouco mais para assistir a uma peça de teatro que havíamos ensaiado. Rapidamente, encenaram uma peça que basicamente tratava sobre como tirar proveito dos outros ou vantagem em alguma situação. Um menino representava um senhor mais velho que aparentemente era enganado por alguém mais jovem e mais esperto. Contudo, o teor da encenação não era de recriminação sobre essa atitude, mas como se fosse aceitável e engraçada. Fiquei pensando nos códigos morais passados a essa nova geração haitiana. Triste mesmo não era ver a pobreza ou a fome; sempre havia algum membro de ONG ou algum militar que trazia comida, roupas e, eventualmente, até brinquedos. O que doía era ver a falta de perspectiva dessa geração. Perguntava-me: depois de completarem 18 anos – em geral a idade limite para ficar nos orfanatos –, para onde iriam? Seriam despejados nas ruas? Preocupava-me notadamente a situação daqueles que não tinham família, realmente órfãos.

O tema da peça de teatro mostrava como estavam sendo preparados, ou seja, para a vida. Em um país como o Haiti, só sobrevive nas ruas o esperto mesmo. Não os condeno. A atitude das crianças disputando nossa atenção, até mesmo agressivas com as outras, diz muito sobre a lei da sobrevivência a que são submetidas desde tão cedo. Depois da peça, as meninas apresentaram uma dança e fomos embora. Esse orfanato foi posteriormente assistido pelo Brabatt 2, o batalhão de infantaria. Acabei não voltando mais lá.

Alguns dias depois conheci, acompanhada pelo major Emerson e mais alguns militares, o Centro de Saúde das freiras em Cité Soleil, o Rosalie Rendu. Fomos visitar e levar água. O Rosalie Rendu não é um orfanato, trata-se de um centro de saúde, onde as crianças de até uns três anos passam o dia, enquanto suas mães recebem instruções a respeito de alimentação e de saúde. Lá também funciona uma oficina de artesanato das mães, gerida pelas próprias. Elas fazem lindos bordados, inspirados nas cenas do cotidiano do Haiti; bordam guardanapos,

toalhas e trilhos de mesa. Nos bordados, veem-se cenas de pescadores, colhedores de cana, marinas, crianças brincando, enfim, cenas de pessoas vivendo.

Esse centro de saúde tem outra peculiaridade: lá trabalha a Irmã Dulcimar, brasileira de Pernambuco, que já vive no Haiti há mais de 15 anos. Irmã Dulcimar é uma pessoa ímpar: deixou a família para dedicar-se àquela população carente. Ela conta histórias arrepiantes a respeito da época quando as gangues ainda ditavam as regras nas ruas de Porto Príncipe, especialmente de Cité Soleil. Apesar do perigo, as freiras nunca foram ameaçadas. Abrem suas portas todos os dias para receber a população lá atendida por médicos e dentistas. No centro de saúde funciona uma espécie de ambulatório no qual as crianças e mães são atendidas e recebem medicação. A diretora do centro era uma freira italiana, que falava muito bem o espanhol e arranhava o português. Não preciso dizer que elas falavam o creole muito bem, cantavam com as mães, ensinavam lições sobre saúde e higiene. Cada mãe que sai de lá é uma multiplicadora do que aprendeu no centro e passa adiante seu conhecimento na comunidade onde vive.

Irmã Dulcimar recebia-nos sempre com um coco gelado, colhido ali no próprio centro de saúde. Não só com a refrescante fruta nas mãos, mas também com um enorme sorriso no rosto. Seu sotaque nordestino misturava-se a algumas expressões em francês, coisa de quem já está há muito tempo longe de casa, e isso tornava a conversa agradável como um passeio. Conversando com ela esquecíamos onde estávamos.

O centro tem uma área coberta, toda colorida, com brinquedos doados da Espanha. Cavalinhos, escorregadores, casinhas, trepa-trepas, em um ambiente multicolor, limpo e que há poucos meses estava destruído pelo terremoto. Os lindos bebezinhos dormiam sossegados em colchonetes dispostos pelo chão. Aquele lugar era um oásis em Cité Soleil.

Entretanto, ao passarmos pelos portões do Centro de Saúde Rosalie Rendu, saíamos do oásis para o triste mundo real. Cité Soleil é, junto com Cité Liberté, Cité Simone e outras, chamada de bidonvilles, algo como favelas para nós. Cité Soleil em 2004, depois do exílio do presidente Jean-Bertrand Aristide, ainda era dominada pelas gangues que queriam governar o país. Os líderes e membros dessas milícias eram, muitas vezes, ex-militares das forças armadas que o próprio presidente

havia dissolvido durante seu governo. Outros eram ainda herdeiros dos chamados *ton ton macoutes*, a guarda dos presidentes Papa Doc e, posteriormente, do seu filho, Baby Doc, que espalharam o medo e o terror durante os governos ditatoriais da família Duvalier.

Casas semidemolidas, construídas com sobras de outras construções. Casas abandonadas, sem janelas ou portas; casas demolidas. Aquelas que se mantinham em pé, total ou parcialmente, apresentavam uma espécie de carimbo na frente: MTPTC, sigla que significa, em creole, Ministério do Trabalho Público, Transportes e Comunicações. Se o carimbo for verde, significa que se pode viver e trabalhar nesse lugar sem problemas; se for amarelo, pode-se entrar, mas o prédio não está intacto; se vermelho, o prédio representa perigo imediato. A maioria tem o carimbo vermelho. Esses carimbos são vistos não apenas em Cité Soleil, mas por toda Porto Príncipe.

Contudo, antes do terremoto a situação já era precária. Ali a pobreza era um insulto aos olhos de quem não está acostumado. Fomos de viatura até a região do porto. Meninas novinhas andavam seminuas e faziam poses insinuantes aos militares que por elas passavam. Crianças muito pequenas andavam sem roupas, sapatos ou qualquer supervisão por entre as casas, que tinham as portas abertas. Jovens, que deveriam estar trabalhando ou estudando, sentavam-se nas varandas das casas e pelas calçadas. Alguns conversavam ou jogavam. Outros mostravam o olhar perdido, tomado pelo tédio e pela falta de ter com o que sonhar. Ou querer. Sim, um olhar de quem já não quer mais nada, antes mesmo de ter alguma coisa.

Nos montes de lixo, os porcos eram os reis. Porcos imensos, que a população não costuma comer. Eles andavam sempre em grupos de dois ou três, fuçando, comendo. Os reis do lixo de Cité Soleil são os porcos, e, como aumenta a quantidade de detritos a cada dia, cresce, portanto, a riqueza dos reis. No fim, a perspectiva dos porcos é melhor do que a dos seres humanos que ali habitam.

No entanto, adolescentes e crianças uniformizadas saindo das escolas tomam conta das ruas. É a esperança que vem uniformizada. E limpa. Não se sabe como.

Ainda retornei mais duas vezes a Cité Soleil, no centro de saúde de Irmã Dulcimar e, algum tempo depois, acompanhei um jornalista gaúcho.

Capítulo 4



Aciso

A rotina da seção de saúde era relativamente tranquila. A tropa vai hígida para a missão. Faz parte da seleção uma inspeção de saúde, além da vacinação contra diversas doenças infecto-contagiosas. Os problemas de saúde, no geral, eram facilmente resolvidos por nós. Uma das grandes preocupações era com relação à malária, pois havia o histórico de vários casos nos contingentes anteriores e, por isso, a prevenção pelo uso do repelente, os cuidados na exposição aos horários do mosquito, era sempre observada, além do onipresente “fumacê”, que nada mais era que o termonebulizador para combater o mosquito. Pela manhã bem cedo, despertávamos com o barulho inconfundível do motor; ao final da tarde, novamente aquele barulho denunciava sua volta. Até hoje, meses depois do meu retorno ao Brasil, lembro-me do ruído.

Na mesma semana de minha chegada, fui conhecer outro orfanato: o Rosamina de Dieguez. Esse era localizado a caminho de Pétionville e pertencia a um casal. Ele, um ex-militar argentino; ela, uma pastora haitiana. Nesse orfanato, chamou-me a atenção a afetuosidade que as crianças demonstravam para com a “mãe” do orfanato, referindo-se, inclusive, a ela dessa maneira.

Lá vi que algumas crianças tinham alguns problemas de saúde, como uma menina com hidrocefalia e um menino sem a perna esquerda. Quando questionei a respeito da assistência médica, logo fui informada de que eles eram assistidos por ONGs, e isso significava que estavam recebendo atendimento. A menina com hidrocefalia logo seria levada aos Estados Unidos para uma cirurgia; o menino sem a perna já estava cadastrado em uma organização internacional que fornecia próteses.

Até pensei que se tratava de uma amputação em função do terremoto, mas não era: segundo ele, fora picado por um inseto e demorou muito a receber atendimento médico, o que ocasionou a gangrena da perna e, como consequência, a amputação.

Além disso, ali as crianças assistiam a aulas. Ao chegarmos pudemos vê-las, especialmente as maiorezinhas, sentadas em uma sala de aula com a professora que escrevia em um quadro-negro. Ao chegar, pedi licença à professora e minha presença em nada atrapalhou o andamento da aula, pois as crianças demonstraram grande respeito pela mestra. Nas ruas, uma das imagens mais lindas que se vê são as crianças indo ou retornando das escolas. Essa é uma cena recorrente nas lembranças de quase todos os que vão para o Haiti: crianças uniformizadas, com suas pastinhas andando pelas ruas. Os uniformes, em geral, são bem tradicionais, com saia, camisa, as meninas de cabelos impecavelmente arrumados em tranças com topes de fitas. Na saída das escolas, a visão das crianças em direção às suas casas dava uma sensação de paz, como se de alguma forma essas crianças estivessem sendo encaminhadas por uma senda bem-sucedida de alegria, de felicidade. Parecia um mundo infantil colorido, alegre, como sempre deveria ser.

Pelas ruas de Porto Príncipe víamos muitos anúncios de escolas. Chamava-me a atenção, inclusive, porque especificavam a linha filosófica da escola. Algumas seguiam a linha montessoriana, outras construtivistas. Contando isso para alguém que acredita ser o Haiti uma terra arrasada, parece delírio. Não se imagina nem que haja escolas, quanto mais a preocupação com o método empregado. Mas sim, as crianças seguem estudando. Essas escolas, quase na totalidade, são particulares e poucos têm condições de pagar por elas. Pelas ruas, as crianças e adolescentes que não tinham acesso a elas sempre manifestavam grande vontade de estudar e várias vezes pediram-me livros em português para poderem aprender nosso idioma.

Na volta dessa visita ao “orfanato do argentino” – era como nos referíamos a ele –, aproveitei para conhecer um hospital público haitiano. Pedi então ao motorista para levar-me ao Hospital Communautaire Haitienne-HCH. Era uma grande construção, na maior parte composta por ambulatórios, com imensas filas. As pessoas, em sua maioria idosa e gestante, pacientemente esperavam sua vez para o atendimento. Apesar do grande número de pessoas aguardando, parecia que a rotina ali

transcorria tranquilamente. Havia também um pronto atendimento, que aparentava calma, sem grandes emergências naquele momento.

Nos fundos do hospital, o que mais me chamou atenção foram algumas grandes barracas. Embaixo delas, várias pessoas esperando, algumas em cadeiras de rodas, outras com muletas. Entre elas, uma senhora que falava inglês, com quem fui conversar. Era uma fisioterapeuta americana, vice-presidente de uma ONG formada por fisioterapeutas que estavam ali atendendo pacientes vítimas do terremoto. Muito simpática, contou-me a respeito de seu trabalho e perguntou-me se não conhecia algum fisioterapeuta brasileiro que quisesse juntar-se a eles, pois precisavam de voluntários. Revelou-me também ser a maioria dos atendimentos destinada a mutilados, o que já havia constatado pelos pacientes que aguardavam atendimento.

As barracas eram, na verdade, somente a cobertura de lona. Os muros do hospital eram revestidos por uma vegetação do tipo trepadeira, o que arrefecia, em muito, o calor. O hospital ficava no alto de um morro, por onde passava uma brisa refrescante. Apesar de cada pessoa ali sentada trazer consigo uma história de dor, o ambiente era agradável. Ao chegarmos, quando notavam que éramos brasileiros, a maioria sorria e, quando nos aproximávamos, sempre falava alguma coisa agradável a respeito de brasileiros. A atmosfera era de paz, todos tranquilamente aguardando seu atendimento. Via naqueles rostos expressões de esperança e até certa felicidade por ainda estar vivo depois de tanto sofrimento. A gratidão pela vida, qual seja a maneira como ela siga, foi uma lição que aprendi com os haitianos.

No retorno à base, voltei pensando em tudo que vi naquela manhã. A menina com hidrocefalia que seria operada, provavelmente em um bom centro. O menino sem a perna, mas sempre sorrindo. Não vi sofrimento naquelas faces, apesar das histórias tristes. Vi afeto daquela mulher que cuidava de todas aquelas crianças e também o amor que eles tinham por ela. Naquele momento, senti a esperança na história de cada indivíduo. Cada um escreve seu livro da vida, e os daquelas crianças, com tão poucas páginas, tinham ainda a chance de ser preenchidos com belas histórias de superação, graças a pessoas que acreditavam nisso, como aquele casal que delas cuidava. Nesse momento, esqueci de todas as vezes em que ouvi: “A caridade não resolve nada”, ou ainda, “Ajudar essas pessoas é como secar gelo, não adianta nada”. Ainda bem

que nem todos pensam assim. Realmente os problemas sociais são bem mais complexos na sua resolução. No Haiti são seculares, assim como no Brasil. Entretanto, deve-se enxergar cada criança, cada pessoa como um indivíduo, proporcionar-lhe, ao menos, um momento de alegria, um dia com menos fome ou sede e fazer do mundo, por um instante ao menos, um lugar menos árido.

Depois de andar por esses orfanatos e ver toda essa realidade, confesso que fiquei perdida. Pensava por onde começar a trabalhar. Nossa prioridade, como militares da área da saúde – incluo aí médicos e enfermeiros –, era realmente dar assistência à tropa, porém tínhamos todo o incentivo para trabalhar com a comunidade local. Achei ser essa dúvida somente minha, mas, em uma conversa com a sargento Bicca, descobri estarem ela e as outras meninas também tentando, de certa forma, organizar um trabalho. Chegamos à conclusão de que, antes de qualquer outro lugar, o Blessing Hands, o “nosso” orfanato, deveria ser a prioridade.

Desde que a Engenharia havia iniciado o “apadrinhamento” do Blessing, seu auxílio constituía-se no fornecimento de água, alimentos, combustível para o gerador e outras pequenas necessidades que porventura alguma criança pudesse ter, como atendimento médico ou remédios. O G7 era o setor de relações públicas da Engenharia, cuja chefe, major Gizele, era nosso contato com Suse, diretora do orfanato. Como o G7 também recebia os visitantes e administrava o hotel de trânsito que mantínhamos lá, naturalmente por ali entravam as doações que por acaso alguém quisesse fazer.

No Blessing, a nosso ver, as condições de higiene eram precárias. Aparentemente isso não incomodava aos adultos que por lá viviam e trabalhavam, o que nos levava a pensar que, talvez, o conceito de higiene deles fosse um pouco diferente do nosso. As panelas com arroz destampadas e cobertas por moscas na cozinha, que nos causavam arrepios, para eles não pareciam nada demais. O cheiro de urina proveniente do banheiro também não. O lixo exposto pelo pátio parecia fazer parte da paisagem. As roupas também não estavam exatamente limpas como deveriam. Obviamente, eram muitas as crianças e poucos os adultos que trabalhavam ali para dar conta da lavagem das roupas. Ao observar tudo isso, levávamos em conta as dificuldades que Suse e sua equipe enfrentavam.

Não víamos entre as crianças casos de desnutrição grave, mas os problemas respiratórios eram muitos, além dos problemas de pele.

Quase todos tinham escabiose e, pior, alguns já tinham infecção de pele, justamente por se coçar muito. Havia também surtos periódicos de conjuntivite, que afetavam muito mais crianças precisamente pelo desconhecimento e pela falta de cuidado. Outros tantos apresentavam cáries, e havia, inclusive, um menino com um abscesso que teve de ser tratado. Enfim, tínhamos ali doenças que podiam ser prevenidas com higiene e educação.

Contudo, não queríamos nem poderíamos ferir suscetibilidades. À noite, na área comum de nosso alojamento, eu, Bicca e Carolina conversávamos muito a esse respeito. Nosso objetivo era promover uma mudança de comportamento tanto nos cuidadores como nas crianças para melhorar a qualidade de vida de todos. No entanto, havia o aspecto cultural. Apesar de doar alimentos, roupas e proporcionar o atendimento que fosse, não queríamos impor um modo de vida que ofendesse seus costumes nem que pensassem que, de alguma forma, quiséssemos subjugar-los. Nosso objetivo era ensinar coisas simples, como trocar os lençóis, lavá-los e expô-los ao sol, no caso da escabiose. E que todos aprendessem e, quem sabe, levassem esse conhecimento adiante. Atitudes prosaicas, como ensinar as crianças a colocar o lixo na lixeira, poderiam criar uma consciência nos pequeninos. Nosso objetivo era transmitir um conhecimento e torná-los autônomos depois disso. Seria um trabalho mais educativo do que assistencial.

O educador Freire⁵ diz que “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar; é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”. Era esse o espírito da nossa missão. Sabíamos que não salvaríamos o Haiti, nem tínhamos essa pretensão, mas se conseguíssemos ensinar um pouquinho do que sabíamos àquelas crianças, quem sabe a vida delas não melhoraria? Talvez aprendendo um pouco mais sobre higiene e saúde, ao crescerem não se tornariam cidadãos mais conscientes das suas necessidades e deveres? Não estávamos querendo dizer a eles que o seu modo de vida era errado e que, nós, os estrangeiros, estávamos certos, até porque, no meu ponto de vista, isso seria um desrespeito no próprio país deles.

Essas nossas conversas eram muito entusiasmadas, até porque já estávamos criando um vínculo emocional forte com aquelas crianças.

⁵ Pedagogia da Autonomia.

Eram tão amorosas que algumas já tinham aprendido nossos nomes. Engraçado o fato de ser Bicca o nome mais fácil para elas memorizarem e falarem. Logo que nos aproximávamos com as viaturas, começava a gritaria: “Bicca! Bicca!” Até hoje não sei se algumas das crianças, sobretudo as menorezinhas, não relacionam o nome “Bicca” a qualquer mulher fardada que se aproxime deles. De qualquer forma, éramos sempre recebidas com festa.

Há outra frase do mesmo autor que gosto muito: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Mal sabíamos o quanto íamos aprender ao iniciar essa jornada.

Toda a Companhia estava sensibilizada com as crianças. Acredito que muitos se identificavam, pois estavam longe dos filhos, da família e estar com as crianças, de certa forma, amainava a saudade do coração. Porém, apenas brincar ou levar comida de vez em quando não faria muita diferença. Esse sentimento era comum a várias pessoas. Surgiu então a ideia do projeto “Mãos Unidas”, elaborado pelo subtenente Bosco. Esse projeto era a formalização das nossas vontades: colocar no papel nossos objetivos claramente, aquilo que queríamos e o que podíamos fazer.

Esse projeto consistia em direcionar as doações feitas ao orfanato, bem como os recursos que a Companhia dispunha para trabalhar lá e convertê-los em melhorias que trouxessem benefício em longo prazo para as crianças. A premissa básica era o voluntariado: ninguém era obrigado a trabalhar ou a participar dessas atividades. Todos os envolvidos foram voluntários. A adesão foi de quase 100% da Companhia, mais alguns militares da MINUSTAH e de outros batalhões que participaram de algumas de nossas atividades envolvendo o Blessing Hands.

Enquanto o projeto era alinhavado, no dia 12 de setembro foi realizada primeira Ação Social, em comemoração ao dia da Independência do Brasil, 7 de Setembro. Foi o “Aciso⁶ da Independência”. Cada unidade militar ficou encarregada de uma zona em Porto Príncipe e arredores. Nós, da Engenharia, ficamos com a região de Croix-des-bouquets, justamente pela localização de nosso orfanato naquela região, que serviria como ponto de distribuição das cestas básicas e da realização dos atendimentos de saúde.

⁶ Ação Cívico Social.

Cerca de um mês antes, começamos as atividades de reconhecimento da área, a fim de instalar barracas para os atendimentos, um local para realização de atividades de recreação com as crianças e a distribuição de cestas básicas. Tudo isso pode parecer muito simples, mas não é. Como já mencionei, o acesso ao orfanato dá-se por uma pequena e apertada estrada que cruza uma movimentada rodovia, em direção à fronteira com a República Dominicana. O espaço era, digamos, estreito. Deveria ser organizada uma fila para as pessoas que procurariam por atendimento médico e outra para as que buscariam alimentos. A maioria, porém, ia pelas duas coisas. Como haveria aglomeração de pessoas, tudo teve de ser organizado para evitar tumulto e possíveis acidentes, uma vez que estaríamos nas proximidades de uma rodovia de trânsito intenso, ainda mais em um final de semana.

Havia também a questão da segurança: várias mulheres e idosos viriam em busca das cestas básicas e deveríamos garantir que ninguém usaria da força para tirar deles o alimento recebido. Queríamos garantir a segurança dessas pessoas, pois víamos muitas cenas de indivíduos mais jovens passando à frente de idosos ou tomando-lhes coisas à força nas ruas. O atendimento médico também deveria ser feito de forma ordenada, para garantir que aqueles realmente necessitados fossem atendidos.

Foram então realizadas várias idas à região com o intuito de fazer reconhecimento da área, distribuição de senhas para atendimento e retirada das cestas básicas. Foram montadas barracas no pátio do orfanato: uma na qual eu e o capitão Jackson atenderíamos os pacientes, moradores dos arredores do orfanato; outra onde foi montado um posto de enfermagem para realização de curativos ou distribuição de medicamentos. Ainda na área de dentro do orfanato foi instalada uma estrutura para que alguns militares participassem de brincadeiras com as crianças, tanto aquelas do orfanato como outras de fora, além da distribuição de lanches. Do lado de fora, seriam distribuídas as cestas básicas, com a devida segurança feita por nossos militares.

Acompanhei um desses reconhecimentos, já que conhecia a área. Caminhamos por todo o entorno do Blessing. Conversamos com os moradores, fizemos uma estimativa de quantos atendimentos seriam feitos, quantas cestas distribuídas, onde seria organizada a fila etc. Por onde eu andava, sentia uma presença atrás de mim. Eram passinhos miúdos e tímidos, risadinhas abafadas. Eu olhava para trás e via algumas

crianças. Seguia meu caminho e continua ouvindo as risadinhas, cada vez mais próximas de mim. Olhava para trás; eram outras crianças, umas pequenas, outras maiores. Cada vez em que me virava, mudavam quase todas as crianças que me seguiam. Um se distraíam com alguma coisa que viam e iam brincar, outras passavam a receber a atenção de alguma pessoa, mas sempre que eu olhava, uma menina estava atrás de mim. Ela tinha dificuldade para andar, aparentemente sua perna esquerda era mais curta, assim como o braço do mesmo lado tinha a movimentação limitada; era estrábica, parecia ficar um pouco à parte das outras crianças, talvez porque não conseguisse ser tão ágil, ou porque, em razão de sua deficiência, sofresse algum tipo de discriminação em seu meio. Porém, por todo o caminho, ela me seguiu. Voltei-me para ela e perguntei seu nome: Geniflor.

Além do nome, não consegui conversar mais com ela. Ela não entendia muito do que eu falava nem eu o pouco que ela dizia. Era tímida, escondia o rostinho entre as mãos enquanto eu falava com ela. Apareceu então uma menina maior, que disse ser sua prima. Disse Geniflor ter 13 anos – mas acredito ter menos. Disse ainda ter nascido com essa deficiência – talvez um tocotraumatismo? – e que morava nas proximidades do orfanato com sua família.

Geniflor pouco falava, mas sorria. Na verdade, sorria o tempo todo. Foi a criança mais sorridente que vi em muito tempo. A princípio nos olhava de longe, timidamente. À medida que conversávamos, ia se aproximando. Em alguns minutos estava segurando minha mão. Despedi-me de todos, inclusive dela, convidando para que viesse participar das atividades do dia 12 de setembro. A partir desse dia, Geniflor, a vizinha do Blessing, participou de todas as nossas atividades. De uma menina tímida que me seguia a distância, passou a uma criança extrovertida, carinhosa e que se revelou muito inteligente.

No dia 12 de setembro, sábado, às 5h da manhã, a Companhia de Engenharia estava saindo para a região de Croix-des-bouquets para a realização do Aciso da Independência. As barracas já haviam sido montadas anteriormente. Tivemos apenas que descarregar os materiais e acomodar-nos. O sol ainda estava nascendo quando chegamos. Enquanto eu ajudava no descarregamento do material da ambulância, vi que um capitão – que não vou dizer o nome! – tropeçara em uma das cordas esticadas que mantinham as barracas de pé. Como a corda ficava atrás

da barraca onde seria feito o atendimento de enfermagem, ele pensou que ninguém tivesse visto. Levantou-se correndo e fez aquela cara de paisagem. Confesso que tive muita vontade de rir e fazer-lhe alguma brincadeira, visto ser uma pessoa bem divertida e adorar deboche com os outros; porém, naquele momento, eu estava com as mãos ocupadas e acabei deixando de lado. Mais tarde, meu colega, capitão Jackson, tropeçou também em uma das cordas da barraca onde faríamos os atendimentos e se “estabacou” no chão. Só que seu tombo aconteceu em um lugar mais exposto, diante de todos. O capitão que havia caído anteriormente começou a rir e disse:

– Ah, conseguiu, hein Jackson?

Jackson é uma pessoa muito boa, mas muito séria. Não sei o porquê, mas desde que o conheci tive um sentimento de superproteção em relação a ele. Antes que ficasse vermelho, gritei:

– Capitão, quem está falando? O senhor achou que ninguém viu quando o senhor caiu lá atrás? Pois eu vi.

Todos caíram na gargalhada, inclusive o capitão autor da piada com Jackson. Conto essa história para ilustrar o clima de camaradagem e de brincadeira no qual vivíamos. Entretanto, para evitar que mais pessoas caíssem, as cordas das barracas foram sinalizadas com fitas zebradas.

Tudo montado e, por volta das 8h30min, começamos as atividades. Duarte revelou-se uma excelente maquiadora e pintou a face de alguns soldados de palhaço. Lembro-me bem de dois que se caracterizaram bem: Roberasmo e Suíno (um apelido, é claro!). Eles e mais alguns se caracterizaram tão bem, além de terem brincado tanto, que acredito ter sido a diversão maior do que a das crianças. Bicca estava encarregada de distribuir o lanche: cachorro-quente e refrigerante. Carolina e o restante da equipe de saúde estavam ocupados fazendo os atendimentos de enfermagem.

A princípio eram 50 fichas para atendimento médico. Senhas foram distribuídas entre a comunidade. Começamos a atender. Havia um espaço que seria a “sala de espera”. Claro que chegaram mais algumas pessoas que não haviam recebido fichas, como idosos e grávidas, aos quais não negaríamos atendimento. A pessoa chegava, apresentava a senha e então uma ficha com seu nome, peso e altura era preenchida. Isso tudo organizado pelo nosso sargento Freire. Entretanto, os papéis com a

senha não estavam sendo recolhidos quando as pessoas entravam, então a população começou a passar o seu número adiante. O que era para ser um atendimento a 50 pessoas passou a 100, com inúmeras pessoas que não estavam cadastradas entrando. Chegava uma mãe com três crianças, uma grávida com mais duas e assim por diante. Atendíamos com a ajuda de um intérprete, mas no final eu já estava me virando sozinha, já que o intérprete teve de ajudar em alguma outra coisa, em razão do volume de pessoas que compareceram.

Surgiram muitas gestantes. Todas sem fazer pré-natal. Talvez o único atendimento médico recebido durante toda a gestação tenha sido o nosso. Muitas crianças com infecção respiratória, verminose e desidratação. Aquela grávida que conheci na primeira vez ao distribuir água na região também apareceu, mas agora já carregando seu bebê. Era um menino muito pequeno para a idade e visivelmente desidratado, apático. Ministramos soro de reidratação oral e foi como regar um plantinha: o menino avidamente bebia o soro; em pouco tempo, já estava mais ativo, respondendo aos estímulos que fazíamos, apesar do calor insuportável dentro das barracas. Demos mais alguns envelopes de soro para a mãe, com algumas orientações. Ela saiu silenciosa e com o mesmo olhar de quando a vi pela primeira vez.

Em virtude do calor escaldante, acabamos instalando uns ventiladores nas barracas, mas eram tão barulhentos e faziam tanto vento, que era difícil atender com aqueles aparelhos funcionando. Observei que as mulheres andavam frequentemente com seus cabelos envoltos em toucas de lã ou de plástico, daquelas que usamos para tomar banho. Atendemos muitos idosos. Um senhor contou-me que, desde o terremoto, não conseguia dormir, pois sempre acabava sonhando com a tragédia na qual perdera vários amigos. Vi pessoas com faces de tristeza, outras um tanto indiferentes. Conversei também com mulheres cheias de energia, que trabalhavam e cuidavam de suas casas, assim como conheço muitas que assim o fazem no Brasil.

De repente, um tumulto: Jackson estava atendendo uma senhora que aparentemente desmaiou. Foi um susto! Ainda bem que levamos todo o material de emergência. Ela foi levada para a barraca da enfermagem, onde tínhamos instalado leitos para alguma eventualidade. Quando o enfermeiro preparava-se para fazer a punção da veia, a sargento Carolina acreditou estar a senhorinha com os sinais vitais muito bons

para quem estava “desmaiando”. Nem hipotensa estava! Carolina, muito “safa” como se diz no Exército, olhou para a senhora e perguntou: *Mangê?*, essa era a expressão usada quando queriam comida. A senhorinha piscou os olhinhos brilhantes e abriu um sorrisinho de poucos dentes: *Oui!* Nesse momento estavam distribuindo o lanche das crianças, ela ganhou um cachorro-quente e um refrigerante. Saiu “curada”, nem precisou do remédio.

Enquanto atendíamos, o pessoal do lado de fora distribuía as cestas básicas e cuidava para que as mulheres e os idosos conseguissem levar as suas cestas sem que ninguém tentasse tirá-las deles. Os meninos da recreação garantiam a animação com a criançada do orfanato e de fora. Geniflor foi uma das primeiras a chegar e estava animadíssima. Como disse antes, revelou-se muito esperta e sociável. Da timidez inicial pouco sobrou. Conversava com todos e não saía de perto da barraca da enfermagem, onde recebia atenção e todos falavam com ela. Estava totalmente integrada.

No final da manhã, eu já havia realizado mais de 40 atendimentos. Estava desidratada e cansada. Jackson já devia ter feito outros tantos e era visível também o cansaço em seu rosto. O lanche já havia acabado, a medicação e as cestas básicas também. As crianças ainda corriam e dançavam com a música. Acho que, por eles, a festa não teria acabado. Foi um sucesso! O orfanato tornou-se ponto logístico, pode-se dizer, na região. Conseguimos atender a população e ainda realizar uma atividade de integração local. Todos da Companhia participaram de algum modo, fosse ajudando a entregar alguma coisa, fosse montando a estrutura, organizando a fila ou brincando. Vi militares aparentemente “durões” divertindo-se com os *petits* e, na hora de ir embora, com dificuldade de se despedir. Vi vários com os olhos cheios de lágrimas. Porém, vi todos sorrindo. Coisas de Haiti.



Cerimônias

Uma das experiências mais legais que tivemos na missão foi a convivência com as tropas de outros países. No Camp Charlie, além dos batalhões de infantaria, da Companhia de Engenharia e do grupamento da Marinha brasileiros, havia as tropas de engenharia chilena e equatoriana, que compartilhavam o espaço. Também estavam estabelecidas as bases nepalesa, japonesa, peruana e boliviana. Sempre era comemorado o dia nacional de algum desses países ou ocorria a cerimônia de entrega de medalhas, as *Medal Parades*. Na Engenharia, foi estabelecida uma escala para que todos os interessados pudessem participar dessas festividades.

A primeira na qual comparecemos foi a da *Medal Parade*, da Bolívia; aconteceu logo na primeira semana. Como éramos poucas mulheres, pelo menos uma de nós quase sempre participava para representar o efetivo. Nesse dia fomos eu, major Gizele, sargento Duarte e outros militares da Companhia. A tropa boliviana, que contava com várias mulheres, tinha sua ordem unida – o modo de a tropa desfilar – um pouco diferente da nossa. Nessas ocasiões, cada país também fazia uma apresentação folclórica, com músicas e danças típicas. Não foi diferente com a Bolívia. Brindaram-nos com inúmeras canções e bailados bolivianos. Todas as apresentações faziam menção aos costumes e à natureza do país; dançarinos com máscaras e roupas típicas de cada região. Depois do espetáculo, foram servidos pratos típicos de sua culinária, com muito milho e carne de porco.

Como nós, todas as outras tropas foram convidadas. Tiramos muitas – muitas mesmo – fotos com coreanos, bolivianos, japoneses e chilenos. Enfim, todos queriam tirar fotos conosco, prova de que a presença feminina ainda causa alvoroço na missão.

Fomos a várias cerimônias como essa, pudemos conhecer muitas coisas a respeito de todos os países participantes da missão e fizemos vários amigos. Esse intercâmbio de experiências servia, inclusive, para quebrar certos estereótipos a respeito de culturas tão diversas das nossas. Sempre tivemos boa convivência com todos. Os japoneses, quando trocaram seu contingente, procuraram-nos para troca de informações a respeito da malária, doença sobre a qual não tinham muito conhecimento. Eles, por sua vez, possuíam um aparelho de Raios-X digital muito prático, na própria base, que nos facilitou muito a vida, pois evitava algumas visitas ao hospital argentino quando havia algum exame a ser realizado em algum paciente.

Outra cerimônia muito interessante foi o dia nacional do Equador. Este, confesso, é um país sobre o qual conheço muito pouco; contudo, os militares que compunham a missão eram muito amáveis. Nesse dia, participamos da cerimônia de formatura com todas as pompas militares. Depois, como de costume, foi apresentado o show. Havia uma dança na qual um homem vestido tipicamente com uma máscara, que parecia representar um ser diabólico, dançava freneticamente com uma espécie de chifre nas mãos. Depois de todo o seu número de dança, era passado para a plateia esse chifre cheio de um destilado típico do Equador. Cada um que pegava no chifre tinha de tomar um gole da bebida. Foi muito engraçado, pois pegou a todos de surpresa. A bebida era forte, e as reações muito diversas. Alguns faziam de conta que ingeriam, mas somente molhavam os lábios; outros, de fato, tomavam a bebida e, em seguida, faziam aquela cara de susto, como se não estivessem esperando um gosto tão forte, um ardor na boca. Confesso que tomei de verdade e fiquei com os lábios amortecidos por um tempo.

Depois nos foi servido um jantar, todo à base de milho. Milho na espiga, milho torrado, canjica e carne de porco, tudo regado a um molho picante. Depois do jantar, muita dança e muitas fotos! Como a base do Equador era conjunta com a do Chile, nessas festas não faltavam excelentes vinhos chilenos nem o pisco, bebida traiçoeira, docinha, gelada e de efeito bombástico.

Nós também tínhamos nossas festas. A primeira foi a passagem de comando do contingente anterior para o nosso. Também ocorreu logo no início da missão, quando ainda restavam alguns militares do es-

tado-maior do 12º contingente. Uma cerimônia muito bonita, em que receberam o comando os novos comandantes do Brabatt 1, da Engenharia e da Marinha do Brasil. Entretanto, as presenças mais importantes foram as crianças do Blessing, que vieram prestigiar a cerimônia.

Como estava de serviço no dia, não entrei em forma com a tropa. Fiquei junto às crianças. Elas estavam todas arrumadinhas. As meninas, com seus vestidinhos limpinhos e cabelos trançados; os meninos, elegantes; alguns vestiam a camiseta do Internacional, time de futebol do Rio Grande do Sul. Algum integrante do contingente anterior, provavelmente um colorado fanático, presenteou as crianças com essas camisetas, e elas fizeram questão de usar no dia da festa.

A cerimônia foi longa, como a maioria das cerimônias militares, ainda mais porque essa era a passagem de comando de três unidades militares. Houve vários discursos, todos traduzidos para o inglês. Naturalmente, todos começaram a demonstrar cansaço, em especial as crianças. Uma menina bem pequena que estava sentada bem na frente escorregava da cadeira, caindo de sono. Sentei-me com ela no colo em meio a todas as outras. Elas olhavam com curiosidade para todos aqueles homens e mulheres parados estáticos, provavelmente nem sabiam o que estava acontecendo. Começaram a tocar os hinos: o brasileiro, depois o haitiano. Fiquei prestando atenção na reação das crianças frente ao hino de seu país; no entanto, não houve reação. Algumas ficaram de pé porque alguém as mandou, mas acredito que também não estavam entendendo muito o porquê de terem de levantar-se nesse momento.

O hino do Haiti é muito bonito, sua melodia é doce e suave, bem diferente do nosso. O hino brasileiro é imponente, forte, de letra contundente. Quando soam os primeiros acordes, não há lugar para outro som. Ele se impõe. Já o hino haitiano não. É sutil, começa devagarinho em nossos ouvidos, pedindo licença. Quando o escutei pela primeira vez, lembrei-me da menina que morava perto do orfanato, Geniflor. É isso: o hino haitiano é sutil e suave como a presença de Geniflor, que me seguiu silenciosa pelos caminhos percorridos no dia em que a conheci. É canção que não força sua presença, que chega aos pouquinhos, segue-nos, observa-nos discretamente. Talvez a melodia do hino nacional seja o reflexo da presença dessas crianças que, com seus olhares curiosos, seus sorrisos e sua curiosidade inocente, vão tomando lugar em nossos corações. Apesar de a letra dizer que morrer

pela pátria é bom, não passa uma mensagem de revolta. É a sonoridade suave de uma ilha rodeada por um mar esmeralda e com o céu mais lindo que já vi.

Todas as manhãs quando levantávamos, éramos brindados com lindo espetáculo do nascer do sol por detrás das montanhas. O sol lançava matizes avermelhados pelo céu como anunciando sua chegada, até que resolvia mostrar-se por inteiro, quente, forte e ardido naquele mês de agosto quando chegamos. Sua claridade onipresente inundava o dia de luz e assim se mantinha até o anoitecer, quando se punha majestoso por detrás das mesmas montanhas de onde despertava todas as manhãs. E o pôr do sol não devia nada ao seu nascer, quando chegava novo e resplandecente. Quando se punha, deitava-se solene, mais uma vez tingindo o céu de tom laranja, muitas vezes carmim. Dava lugar então à lua, guardiã das noites e dos nossos sonhos. Lua essa que, quando cheia, parecia sempre tão próxima de nossas cabeças, como se, ao estender o braço, pudéssemos tocá-la.

Foi em uma noite como essa, enquanto o sol dormia, que festejamos o início oficial da nossa missão. Enquanto a festa mais formal acontecia no Bar Brasil no Brabatt 1, à Engenharia foi servida uma pizza, para nós e as crianças. A música corria solta a cargo dos nossos artistas, que cantavam músicas brasileiras. As crianças participaram ativamente da festa, dançando junto e brincando. O sargento Barão Vieira comandava o espetáculo com canções de norte a sul do Brasil. Camisetas dos times de futebol surgiam ao longo da festa, provavelmente de alguns inconformados com as crianças vestidas com a camiseta do Internacional. Bandeiras dos estados de onde vinham os militares também decoravam o “Recanto do Engenheiro”, o espaço carinhosamente chamado de “área vip”, onde aconteciam nossas festas e confraternizações.

Essa foi a primeira de muitas comemorações ocorridas ao longo dos seis meses em que estivemos lá; foi a primeira em que o Blessing esteve presente com todas as crianças. Uma noite linda e inesquecível. Ao longo dos seis meses, tivemos festejos de várias datas, como o dia dos gaúchos, festas de aniversário, pizzas nos finais de semana e as festas do dia das crianças, do Natal e do Ano-Novo. Essa, entretanto, foi especial por ser a primeira e porque marcava nossa chegada de forma solene e alegre.



Trabalho no Blessing

Começamos de forma sistemática as atividades no Blessing. As crianças foram todas cadastradas, todas as 47. Algumas estavam com problemas respiratórios, mas a maioria apresentava mesmo problemas de pele, como escabiose. Um dos meninos maiores estava com um abscesso dentário e foi trazido à base de modo a ser atendido pelos dentistas do Brabatt 1. Ao longo do tempo, trouxemos esse mesmo menino para que desse continuidade ao tratamento, assim como outros que foram surgindo à medida que realizávamos os atendimentos.

Esse menino chamava-se Pèlege. Já devia ter uns 13 anos. Era alto, magro e tinha um belo sorriso, apesar da dor que sentia. Quando o trouxemos pela primeira vez, parecia assustado, mas confiou em nós quando lhe dissemos que seria atendido e logo aliviaríamos a dor sentida. Ele chegou pela manhã; depois de atendido, foi-lhe servido um almoço, pois estava faminto. Eu o observava comer, sentado no refeitório das praças, no ar-condicionado, feliz assistindo à televisão que transmitia desenho animado. Pèlege não tirava os olhos da tela, às vezes até parecia esquecer a comida no prato, mesmerizado com o colorido da imagem. A expressão de medo que demonstrava quando saiu do orfanato para vir à base havia desaparecido totalmente. Estava sentindo-se bem ali conosco e recebia a atenção que sempre deveria ter recebido. Depois, ao levá-lo de volta, no final da tarde, ele timidamente me disse *merci* para despedir-se.

Em todas as nossas chegadas ao Blessing, as crianças cercavam a viatura e gritavam fazendo festa. Até desembarcar do veículo era difícil, tamanha a excitação que nossas presenças causavam. Era um dia diferente de suas rotinas, pois havia lanche gostoso, brincadeiras e atenção,

o que, seguramente, mais lhes faltava. Nos dias de atendimento, montávamos o “consultório” na varanda do orfanato, com uma mesa, materiais médicos, medicamentos e balança. Enquanto eu os examinava, alguém, em geral uma das sargentos, pesava-os e media-os. Periodicamente, ministrávamos também uma dose de vermífugo.

Todos sentadinhos em suas cadeirinhas, como em uma sala de espera, aguardando pelo chamado. Havia uma menina maior, de nome Malaika, que deveria ter por volta de 12 anos. Na primeira ocasião em que fui fazer seu atendimento, ela me abraçou e só me largou quando pedi que me ajudasse a organizar a fila, brincando que seria minha secretária. Dessa vez levei junto um intérprete, um dos muitos que trabalhavam na base. Posteriormente, eu já os conhecia e comunicava-me tão bem com eles que nem precisava de tradutor.

Outra criança era Martina, uma menina linda, de traços fortes, lábios imensos. Tinha por volta de oito ou nove anos. Era uma das primeiras a correr em nossa direção quando chegávamos. Martina tinha um dom: era excelente dançarina. Com qualquer música ou canto, Martina começava seu bailado, como se esquecesse de todo o resto à sua volta e entrasse em um universo somente seu e de sua música. Tinha uma ginga toda própria e um movimento ritmado com os pés difícil de reproduzir-se, mesmo por alguém que dançasse muito bem. Martina era epiléptica, apresentava episódios esporádicos de convulsões. A primeira vez em que a atendi, estava coberta de pústulas na pele. Tinha escabiose infectada por coçar muito as lesões com as mãozinhas sujas. Chorava de dor, mas continuava se coçando. As lesões estendiam-se por seu corpinho, deixando os bracinhos robustos todos marcados. Havia vários casos parecidos, todavia o dela era o pior. Prescrevi antibiótico, mas era preciso limpar aquelas lesões e usar também uma pomada.

Carolina encarregou-se da pele da Martina. Diariamente, durante longo período, foi ao Blessing lavar as lesões e, para ter a certeza de que a medicação seria usada corretamente, ela mesma a ministrava. Martina chorava de dor quando ela se aproximava, mas Carolina não se comovia: pegava a menina e lavava suas feridas com vontade e passava a medicação, mesmo que ela reclamasse e chorasse. Eu, que conheço o tamanho do coração de Carol, não me surpreendi em nada com sua atitude. É uma pessoa obstinada e havia colocado na cabeça que ia curar Martina de todo o jeito. Em pouco tempo, Martina apresentava nova-

mente a pele lisinha, sem nenhuma mancha ou ferida. Continuou dançando feliz da vida, no seu mundinho puro de menina.

Enquanto tudo isso acontecia, os soldados que nos ajudavam brincavam com as crianças e estreitavam os laços de afeto. Eu olhava para o lado e via todos lambuzados de iogurte, deliciando-se com o lanche. Ensinamos a eles que, depois que terminassem, deviam pôr o lixo na lixeira. Fazíamos com que cada um colocasse seu lixinho no lugar para que aprendessem e mantivessem o pátio limpo. Assim também acontecia com as instalações, onde cheiro de urina era muito forte. As sargentos tomaram a frente na faxina, fizeram grande limpeza, tiraram todo o lixo e mostraram às crianças como usar o banheiro corretamente. As meninas mais velhas ajudavam tanto na limpeza quanto no cuidado com os pequenos. Passamos a cobrar essa limpeza para que pudéssemos seguir com nosso trabalho. Era imprescindível que Suse e sua equipe entendessem que, vivendo em lugar limpo, o risco de doenças era bem menor, assim como a qualidade de vida de todos aumentaria.

Apesar da melhora na limpeza, as instalações ainda precisavam ser aprimoradas com, por exemplo, a retirada das barracas. O local onde as crianças estudavam e celebravam seu culto também deveria ser mais apropriado do que aquela barraca quente que usavam. Foi então feito um projeto pelos engenheiros da Companhia para reformar a área do orfanato. Seria necessário também um gerador novo, pois o que havia já dava sinais de desgaste. Lavar a roupa de quase 50 crianças, que passavam o dia brincando, era quase impraticável de se fazer à mão. Cobrávamos o resultado daquilo que lá implementávamos, porém devíamos ter a medida do que poderia ser cobrado, e tudo isso foi levado em conta ao longo do período em que trabalhamos lá.

Aos poucos as coisas funcionavam. Na segunda visita que fiz para atendê-los, já não havia mais cheiro de urina. Encontramos algumas dificuldades no uso dos medicamentos para as crianças que estavam doentes, porém tudo deu certo, graças à tenacidade com que as sargentos Carolina, Bicca e Duarte realizavam o trabalho. Nessa ocasião, todas as crianças já haviam ganhado peso e estavam com aparência bem melhor, visto que, até mesmo da dieta, as meninas estavam cuidando. Como mencionei anteriormente, não podíamos ferir os costumes locais. Por exemplo, o café da manhã deles em geral se constituía de macarrão e não mudamos seus hábitos. Passamos a levar os mantimentos e a ter

certo controle do que era realmente servido para as crianças. A dispensa do Blessing nunca esteve tão cheia e, muito importante, limpa.

A atitude do haitiano frente a doações não é exatamente de agradecimento. Por causa disso, algumas pessoas ofendiam-se e diziam não receber nem sequer um “obrigado”. Não acredito que boas ações devam ser feitas em troca de alguma coisa, mesmo que seja um agradecimento. Também não sei se, por um costume ou por anos de submissão, em algumas ocasiões, o povo comporta-se como se nós, os “estrangeiros”, tivéssemos a “obrigação” de ajudá-los de alguma forma. Essa passividade em receber a ajuda foi motivo de muitas discussões que travamos ao longo da missão; todas elas sem chegar à conclusão alguma. O fato é que fizemos questão de não adotar uma atitude condescendente com relação às crianças nem aos adultos do orfanato. Não os tratamos como vítimas da fome, da miséria ou de um terremoto, senão com o respeito que mereciam. Estávamos em uma missão de paz, mas queríamos melhorar a vida daquelas crianças. Ajudamos a quem queria ser ajudado e eles aceitaram nosso auxílio. Portanto, sentíamos-nos à vontade para cobrar a limpeza, a ordem, o uso correto dos medicamentos ou a economia do combustível do gerador. Enfim, esperávamos que aprendessem a usar com parcimônia o que recebiam. Até mesmo as doações de roupas foram organizadas de acordo com as idades. Não é porque se tratava de uma doação que a distribuição deveria dar-se de forma desorganizada. Pelo contrário, as roupas deveriam ser bem usadas para que durassem bastante e que servissem para todos.

No começo houve certa resistência por parte de Suse, a administradora do Blessing. Em dado momento, ela chegou a reclamar que estava sendo pressionada demais. Porém, ao longo do tempo, acredito que ela tenha entendido as melhorias lá realizadas e que não queríamos apenas largar as doações por lá ou eventualmente ir atender alguém que estivesse doente. Queríamos ensiná-los a prevenir doenças, a usar seus recursos de modo que durassem mais tempo; desejávamos que as crianças recebessem educação em termos de higiene e saúde, além, é claro, de que vivessem em ambiente mais saudável. Isso tudo ainda agregado ao tempo de convivência que teríamos. Elas adoravam a atenção que lhes dávamos, mas nós aproveitávamos muito mais o carinho que recebíamos em troca.

Até Lucky, o cachorro do orfanato, entrou nessa roda de ações: tomou banho e vermífugo!

Capítulo 7



Esther

Certo dia, fiz um dos meus atendimentos no Blessing acompanhada pelo subtenente Bosco, um dos mentores do projeto de melhoria do orfanato. As meninas estavam de serviço ou no período de *leave* ou *rest*, não lembro bem. Fomos dar continuidade aos atendimentos e levar mantimentos. Na viatura, Bosco – que já estivera no Haiti em 2004, no primeiro contingente brasileiro – falava-me das diferenças entre suas duas missões. Contou-me sobre as dificuldades que enfrentaram quando a tropa brasileira chegou. As instalações precárias, a dificuldade de comunicação com a família e, a diferença mais marcante, a violência que imperava no Haiti na época quando as milícias governavam o país, depois do afastamento do presidente Aristide.

Agora, anos mais tarde, podíamos sair às ruas sem vestirmos o “tudão” – que consistia, além da farda, em um colete balístico, um capacete e o fuzil –, pelo menos nas áreas que não eram “vermelhas”, ou seja, não apresentavam perigo. Em 2004, segundo ele, em qualquer saída era necessário o uso de todo o equipamento, pois o perigo era constante e os militares eram frequentemente alvo das gangues. Na opinião dele, a vida no Haiti havia melhorado em muito, tanto para os haitianos quanto para quem estava trabalhando lá, fossem militares ou civis.

Nessa conversa, lembrei-me do livro de Graham Greene, *Os comediantes*, que narra parte da história do Haiti durante o governo do Papa Doc, o patriarca da Dinastia Duvalier, que governou o país com mão de ferro durante 30 anos. Em determinado trecho, diz que “Port-au-Prince era, poucos anos atrás, um lugar muito diferente. Era, creio eu, tão corrupto quanto então; era até mais sujo; continha o mesmo número de mendigos, mas pelo menos os mendigos tinham alguma esperança.”

Talvez agora os mendigos tivessem novamente mais esperança. Por toda a cidade víamos resquícios de uma era de pujança do país. O estilo arquitetônico, sobretudo no Centro, chamado de estilo *ginger bread*, com casas de madeira ornamentadas com delicados detalhes em suas sacadas, era lembrança de uma era quando o Haiti apresentava-se como um destino de turistas, que vinham visitar suas praias de águas verdes. Um povo de identidade forte, que negou nova “colonização” pelos americanos no início do século XX e iniciou um movimento de valorização de sua cultura ancestral africana, o movimento chamado Noirisme. O vodu e o creole foram os principais instrumentos desse movimento que advogava o orgulho às tradições negras e rejeitava a influência europeia do colonizador. Quando se trata da passividade do povo haitiano, sou obrigada a discordar: não há nada de passivo na história dessa gente, e é por isso que há esperança no desenvolvimento da nação. O próprio Bosco, ao citar as melhorias que vê hoje, com relação à situação que encontrou seis anos antes, corroborava minha ideia.

Chegamos ao orfanato e as crianças já estavam sentadas na sua “sala de espera”, aguardando-me. Comecei a atendê-las como de costume, brincando, fazendo graça. Eu sentia, a cada visita que fazia, a diferença para a primeira vez em que lá estive. Achava engraçado quando as crianças menores, que antes me olhavam com desconfiança, já vinham levantando as blusinhas para que eu auscultasse seus corações. Ninguém mais chorava quando eu ia examinar um ouvido ou olhar algum machucado; eu havia conquistado a confiança delas e isso me deixava extremamente feliz.

De repente, Suse me trouxe uma menina que eu ainda não conhecia. Havia chegado fazia poucos dias ao orfanato, deixada por algum parente ou conhecido. Devia ter uns seis ou sete anos. Sua mãe havia falecido no seu parto, ou logo em seguida, e seu pai fora vítima do terremoto. Seu rosto tinha traços finos, perfeitos; a boca, bem desenhada, era delicada, assim como o nariz levemente afilado; os olhinhos rasgadinhos, com uma expressão assustada. Não falava nada, não respondia à pergunta alguma. Sentou-se em meu colo e ficou brincando com meu relógio. Deixei que ficasse por alguns minutos assim, bem à vontade. Chamava-se Esther.

Esther conquistou-me no primeiro instante quando a vi. Movimentava-se como uma gatinha, sempre à espreita de alguma coisa. Suse

não sabia dar muitas informações a seu respeito. Depois que a deixei brincar com meu relógio, examinei-a, ao que não apresentou nenhuma resistência. Tinha escabiose, como a maioria das crianças de lá, portanto, devíamos ter cuidado para que não infectasse todo o orfanato novamente. Além da escabiose, apresentava diversas cicatrizes pelo corpinho magro, além de volumosa hérnia umbilical. Tentei comunicar-me com ela perguntando seu nome, até que, de repente, respondeu-me com um grito agudo, cujo sentido não consegui compreender. Cheguei a cogitar a hipótese de que fosse surda, mas não era, pois respondia bem aos estímulos e aos ruídos que eu fazia quando estava de costas para mim, em uma grosseira tentativa de testar sua audição.

Ela acompanhou atentamente todos os meus movimentos. As outras crianças estavam recolhidas na casa, lavando-se para o almoço, e ela ainda estava ali, olhando-me. De repente, levantou-se, urinou em pé e molhou toda a roupinha. Esse fato, somado à dificuldade em se comunicar, demonstrava a falta de cuidado com que devia ter sido criada até agora. As cicatrizes levaram-me a pensar também em maus-tratos, embora tivesse sido muito carinhosa comigo e permitia ser examinada por mim sem dificuldades.

Ao ver Esther urinando, Bosco logo chamou Suse e lhe explicou que deveria ensinar a menina a pedir para ir ao banheiro. Uma das mulheres que ali trabalhavam veio trocar-lhe a roupa por uma limpa. Ela deixava-se levar pela mão placidamente e olhava para tudo com um ar de medo e surpresa. Quando embarquei na viatura e acenei chamando-a pelo nome, ela ficou me olhando sem responder, até que saíssemos pelo portão.

O olhar de Esther não saía do meu pensamento. Era uma criança linda, talvez a mais linda que eu tivesse visto entre tantas desde que chegara ao Haiti. Tinha também o olhar mais triste de todos. Triste porque era alheio, como se não estivesse ali. Temi por sua convivência com as outras crianças; temi por pensar que, talvez, ela necessitasse de cuidados que não poderiam ser dados no Blessing.

No caminho de volta para a base, pensava em Esther e naquela história tão triste para uma vidinha tão curta. Rezei para que ela se adaptasse bem à vida no Blessing. Pedi a Deus que olhasse por ela, pelas outras crianças e por nós também, para que pudéssemos continuar nosso projeto com sucesso. Nesse mesmo instante, observei vários anúncios de salões

de beleza pintados em várias construções. Eles estavam por toda a parte, todos com o mesmo estilo: a face de mulher sorridente, muito bem penteada e maquiada, uma expressão de felicidade, como se preparada para grande evento que estivesse para acontecer a qualquer momento. A mim, parecia que aquelas lindas mulheres dos anúncios viviam em um mundo paralelo, no qual não havia histórias tristes como a de Esther.

Capítulo 8



Cultos

A medida que passava o tempo, continuávamos nossas atividades, tanto no Blessing quanto na Companhia. A Engenharia fazia vários trabalhos por todo o Haiti: construía estradas, cavava poços, recuperava construções, enfim, muitas atividades. Nos finais de semana, entretanto, as confraternizações eram muitas. Por toda a Companhia ouvíamos violas tocando, vozes entoando cantigas de sua terra. Nos passadiços para onde se abriam os contêineres, reuniam-se os militares a conversar, muitos sentados com os *notebooks*, com a família na tela do aparelho.

Os oficiais reuniam-se no corredor dos contêineres, em quase nada diferente do resto da Companhia: alguém tocando um violão, outros cantando. Abria-se um vinhozinho para aqueles que apreciavam ou, para outros, uma cervejinha. E a conversa ia até tarde. Muitas amizades formaram-se ali, naquela intimidade que se criava entre pessoas que tinham em comum a distância de casa. Cada um trazia a própria história e opiniões.

As atividades religiosas também tinham lugar na missão. Os grupos evangélicos mantinham seus cultos, os espíritas reuniam-se, bem como havia também a missa semanal para os católicos. Há uma história engraçada envolvendo o padre, que celebrava as missas às segundas-feiras. O capelão, segundo-tenente, era uma pessoa muito afável, simpática e logo se tornou conhecido por todos. Em uma dessas segundas-feiras, quando chegava para celebrar a missa na Companhia, o capelão, seguro de ser já conhecido por todos, não levou sua identificação. Nunca haviam lhe pedido, mas justamente naquele dia não a portava, e o soldado da guarda, sem titubear, pediu:

– Sua ID, por favor.

O padre argumentou, disse que vinha todas as semanas e nunca haviam lhe pedido a tal ID. No entanto, o soldado manteve sua posição, respondeu que não o conhecia e exigiu o documento ao padre para que, enfim, pudesse autorizar a sua entrada. Depois de usar todos os seus argumentos, o capelão, muito bem-humorado, perguntou:

– Meu filho, você é evangélico?

Ao que o soldado respondeu:

– Não, sou católico.

– Então está na hora de começar a ir à missa. Se fosse, você me conheceria.

Em alguns finais de semana íamos à praia. As praias no Haiti são lindas. O mar, como já contei, é verde esmeralda. Afinal, estávamos no Caribe, o que na correria do dia a dia nem nos dávamos conta. As praias no Haiti são pagas. Paga-se para entrar e usufruir da infraestrutura que elas têm. Quanto melhores as instalações, mais caro o ingresso. O Club Indigo costumava ser um Club Méditerranée nos tempos de Duvalier. Agora a estrutura ainda era de um hotel, mas a maioria dos frequentadores passava apenas o dia lá. Esses usuários eram, em grande parte, membros da MINUSTAH, das ONGs e militares.

O caminho até a praia era longo; demorávamos quase duas horas para chegar. Saíamos de Porto Príncipe na direção de Cabaret, uma pequena cidade situada na chamada Côte des Arcadins, onde estava localizada boa parte dos balneários, inclusive o Club Indigo. Até chegarmos lá, passávamos pela Chaine des Matheux, uma cordilheira de montanhas quase desmatadas que ia até o mar. Essa costa era cercada por arrecifes de corais no canal entre a praia e a Île de La Gonâve, a maior ilha do Haiti. Muitas pessoas deixavam de ir à praia por acharem o caminho longo e cansativo. Eu, ao contrário, gostava de fazer o trajeto. A parte de Cabaret pela qual passávamos era uma espécie de mercado público, onde se vendiam frutas, comida e gelo. Pelo caminho, também víamos pessoas muito arrumadas saindo de suas casas em direção às suas igrejas. O programa dominical obrigatório dos haitianos nos domingos era participar de seus cultos religiosos.

Passando Cabaret, as montanhas – apesar de devastadas – eram um espetáculo à parte. Imponentes, majestosas, desafiando a ação do homem que não as poupava de sua ânsia de devastação. De repente,

surgia o mar ao lado daquelas montanhas. Um mar verde, lindo. Surgiam também os clubes e as marinas onde estavam atracados os barcos e lanchas de moradores mais abastados. Como era de manhã cedo, o sol ainda não estava tão quente e dava aquele ar de dia novo, de domingo começando. Chegávamos enfim a nosso destino.

A areia era grossa, quente e gostosa, onde afundávamos nossos pés. A água morna acariciava a pele de quem nela entrava. Uma água limpa, na qual enxergávamos peixes nadando por entre nossas pernas; uma água que despertava o desejo de segurá-la entre as mãos, de tão gostosa que era. Um lugar mágico, lindo, onde passei momentos maravilhosos. Houve um dia em que estava no mar e senti como se fosse a única pessoa naquele paraíso, como se Deus tivesse feito aquele lugar só para mim. Fechei meus olhos e fiquei sentindo as suaves ondas batendo em minhas costas, como um afago da natureza. Abria meus olhos e via a Île de La Gonâve à minha frente. Essa é uma das lembranças que levo do Haiti que me apaixonei. É a imagem que tenho quando fecho meus olhos e busco na memória os momentos felizes que passei naquele país.

Certamente, essa não é a imagem que a maioria das pessoas tem quando se fala em Haiti. Um país que aparece no noticiário pela pobreza ou por desastres naturais. Entretanto, é ideia muito pequena pensar que esse país tão rico possa ser somente isto: desgraça e tristeza. Tenho certeza de que, algum dia, todo esse potencial turístico voltará a ser explorado. Talvez a beleza das praias, ainda de certa forma pouco desbravadas, deva-se a isso, ao desconhecimento desses encantos pela maioria do mundo.

Foi uma pena que, durante a epidemia de cólera, nossos passeios à praia foram proibidos como medida de precaução. Tão logo fomos liberados para frequentá-la novamente, aproveitamos de imediato, o que, graças a Deus, aconteceu antes do término da missão.

Que as excursões à praia renovavam os ânimos, percebia-se na expressão de todos. Os soldados e praças costumavam ir à praia levando seus instrumentos musicais e seu churrasco: faziam a maior festa! Esses passeios, além de permitirem que todos conhecessem um lado diferente do país, reduziam o estresse de quem passava a semana toda realizando trabalhos pesados em obras ou mesmo de quem ficava na base, cuidando da manutenção e tirando serviço. Voltavam todos queimados de sol, cheios de histórias que contariam para suas famílias. Experiências para toda a vida.



Dia das Crianças

Aproximava-se, como o comemoramos no Brasil, o Dia das Crianças. Bicca, junto do pessoal das relações públicas, encarregou-se da organização. Ela empenhou-se muito para fazer desse dia uma data especial para todos, tanto para as crianças quanto para nós, adultos. A ideia era que fosse uma festa diferente, em que cada criança se sentisse única. Como fazer isso? Ora, crianças na situação das nossas estavam acostumadas a receber doações de forma generalizada, roupas ou brinquedos não comprados especialmente para elas. Então, o objetivo era designar um “padrinho” a cada criança, e este lhe desse um presente especialmente escolhido, em uma festa na qual todos curtissem juntos.

Cada detalhe da festa foi pensado com muito carinho por Bicca. Usando o cadastro de cada criança, com foto, nome e idade, ela começou a campanha de adesão dos padrinhos. Na Companhia não houve problemas, todos aderiram. Algumas crianças tinham dois ou três padrinhos. O cuidado era para que nenhuma fosse esquecida e não ficasse sem receber seu presentinho. Além de angariar padrinhos, havia toda a organização e o *timing*: as atividades desenvolvidas com as crianças, desde o momento da chegada até a hora da partida.

Tivemos grande surpresa: além da adesão dos componentes da Companhia de Engenharia, alguns integrantes da MINUSTAH, que moravam no hotel de trânsito da Companhia, vieram voluntariamente se oferecer para apadrinhar as crianças. Um deles era um tenente-coronel que não só escolheu um afilhado, como também levou a lista para a MINUSTAH e conseguiu com que vários outros colegas seus participassem da atividade. Não faltaria presente para ninguém!

As crianças seriam trazidas bem cedo para a Companhia. Logo na chegada, seria servido a elas um lanche: cachorro-quente com suco. Depois disso, seriam levadas para a área vip, onde as esperaríamos com giz de cera e papel para que pudessem desenhar e pintar, além de outras atividades. Haveria música, filminhos e nossos animadores de plantão: os mesmos soldados animadores do Aciso que, mais uma vez, fariam a graça da festa vestidos como palhaços.

Durante a tarde, em determinado momento seriam distribuídos os presentes. Cada padrinho seria chamado e faria a entrega do presente ao seu afilhado, depois de passarem o dia todo brincando juntos. A ideia era sensacional, elaborada com muito carinho e cuidado.

Celebramos o dia no domingo posterior ao dia 12. Cedinho as crianças foram trazidas. Algumas ainda com carinha de sono, vieram dormindo no caminho do Blessing até a Companhia e, sonolentas, foram comer. Todas quietinhas, meio desconfiadas; as menorezinhas não sabiam muito bem o que estava acontecendo, mas as mais velhas já presentiam que teriam um dia muito especial pela frente.

Estávamos ansiosos para que tudo desse certo. Enquanto elas se acomodavam nas mesas, cortávamos os pães e colocávamos a salsicha com molho para servi-los. E como comiam rápido! Mal dávamos conta de servir a todos. Vieram, além das crianças do orfanato, a Suse, seu irmão, as mulheres que trabalhavam lá e, como não poderia ser diferente, convidamos Geniflor, que veio acompanhada de sua mãe.

As meninas todas muito arrumadinhas com vestidinhos de festa, alguns com bordados e brilhos. Os meninos também estavam vestidos com suas melhores roupas. Era emocionante ver que haviam se preparado para a festa. Foi ainda mais emocionante vê-los alegres quando, enfim, chegaram à área vip toda decorada com balões coloridos, formando um portal de boas vindas na entrada. As mesas estavam dispostas com gizes de cera e papéis para que desenhassem, o campo de futebol bem ali ao lado, com música. Assim, rapidamente eles entraram no clima.

Além das crianças, chegavam também as pessoas de fora da Companhia. Alguns amigos do Brabatt 1 e do Brabatt 2 vieram. O pessoal da MINUSTAH não apenas os presenteou, como fez questão de participar da festa e das brincadeiras. Logo o campinho de futebol estava cheio de meninos jogando com os adultos. Corriam suados e sorridentes, cada um sentindo-se um pouco Ronaldinho ou Kaká a cada gol que faziam.

Nas mesas, mais crianças pintavam e faziam desenhos. Nas brincadeiras de levar o ovo na colher, pular corda, muitos adeptos. Nossos palhaços não paravam um minuto – divertiam-se mais do que as próprias crianças, tenho certeza. Aliás, mais uma vez nossa querida Duarte superou-se na maquiagem de nossos artistas. Estavam engraçadíssimos!

A música começou com Barão Vieira e sua turma. Participaram também alguns dos nossos colaboradores haitianos que trabalhavam na base, como Jerry que trouxe suas duas filhas; e Nelson, que também veio com seus filhos. A presença deles ajudou muito, pois falavam português muito bem, ajudando a todos na comunicação com as crianças. Jerry e Nelson pegaram os microfones e deram um show, cantando músicas em creole, as quais as crianças dançavam alegremente. Ao som da percussão de Barão Vieira, Martina deu mais uma vez um show com sua coreografia toda própria, que todos tentávamos acompanhar sem sucesso. Ela era um talento nato para dança.

De repente, olho para o lado e vejo que os balões da decoração já haviam virado brinquedos nas mãozinhas ativas. O colorido espalhava-se pelo chão e pelo ar, com as crianças jogando-os para cima. Olhando encantada para um balão que vinha ao chão, estava Esther. Trajava um vestidinho verde-claro que contrastava com sua pele escura. Ela já estava de pés descalços, suada e não parava de rir olhando para o balão que, cada vez que chegava às suas mãos, era atirado novamente para cima. E ria-se por inteiro, tanto quanto poderia um balão deixar uma menina repleta de alegria! Em determinado momento, ela olhou para mim, largou o balão e veio correndo na minha direção. Jogou-se em meus braços, entregue de uma maneira que eu não esperava ver tão cedo. Em nada lembrava a menina arredia e apática que encontrei na primeira vez quando a vi. Senti-me tão feliz com Esther em meus braços que até me esqueci do resto. Sua gargalhada quando olhava para os balões dava-me um alívio. Sua reação na festa demonstrava estar adaptada à sua nova realidade e ao meio em que estava vivendo. Desceu do meu colo e correu para junto das outras crianças que brincavam. Nossa! Escrever agora sobre isso, depois de passado um tempo, faz-me reviver aquela sensação tão boa.

Foi montada uma sessão de cinema, com direito a telão e tudo o mais. Cabo Gonçalves, que trabalhava na seção de relações públicas, fez um vídeo emocionante com fotos das crianças. E eles vibraram ao

verem-se na tela, gritavam e riam a cada foto que aparecia. O vídeo foi feito com imagens das crianças e do pessoal que trabalhava lá. Foi ótima a ideia do vídeo e de mostrá-lo para elas, um dos pontos altos do dia.

Depois do filme, era chegada a hora tão esperada da distribuição dos presentes. Na área vip, havia uma espécie de palco, onde foi instalado o sistema de som e para onde eram chamadas as crianças, uma a uma, e seu respectivo padrinho, que então fazia a entrega do presente. Era muito divertido: os maiores já subiam sabendo o que aconteceria e postavam-se direitinho ao lado do padrinho ou madrinha para tirar a foto. Já os pequenininhos subiam meio atrapalhados, tímidos até que o padrinho subisse e entregasse-lhes o presente, muitas vezes pegando a criança no colo, deixando-a mais à vontade.

Minha afilhada foi Malaika, minha “secretária” nos atendimentos no Blessing. Ela é uma menina muito carinhosa, estava sempre nos abraçando e pedindo atenção. Fiz questão de escolhê-la, pois tenho um carinho grande por ela. Malaika tem cerca de 13 anos, mas comporta-se como se fosse bem mais nova, ainda chupa o dedo e faz birra. Entreguei o presente e, em troca, recebi o maior abraço do Haiti.

Depois da entrega dos presentes e depois de um dia tão agitado, estávamos todos muito cansados, nós e as crianças. Chegava a hora de ir embora. Muitas já dormiam pelos colos dos padrinhos ou deitadas pelos cantos, sobretudo as menores. Foram levadas então de volta ao Blessing, depois de viverem o dia das crianças felizes do Haiti. Agora, podíamos contar a história do dia em que a terra não tremeu, em que as casas permaneciam de pé, firmes. Ninguém estava com fome nem sede. A comida era abundante e gostosa e ninguém estava doente. Todos haviam acordado cedo, não porque precisassem trabalhar ou entrar em alguma fila para doação ou para conseguir um visto para os Estados Unidos. Levantaram-se com o sol porque havia uma festa para elas, as crianças felizes do Haiti!

Podemos dizer que houve uma festa em que homens e mulheres vindos de longe se prepararam para receber aquelas crianças. Uma a uma, recebidas pelos seus nomes, pelos seus padrinhos com o carinho de quem sente saudades dos seus, mas transforma a saudade em sentimento novo: a solidariedade.

Houve um dia de festa, brincadeiras e presentes. Um dia quando todos viraram um pouco criança. Um dia que foi a primeira vez de muita

gente: o primeiro abraço, o primeiro presente, o primeiro brinquedo e a primeira das vezes em que várias daquelas pessoas, vindas de tão longe, vão querer repetir a festa por onde quer que andem pelo mundo.

Houve um dia de festa na Companhia de Engenharia do Brasil no Haiti. Um dia quando as crianças e os adultos foram felizes juntos. Um dia que queríamos que fosse para sempre. O dia das crianças felizes do Haiti.

Capítulo 10



Cité Soleil

Chegado o mês de outubro, completamos dois meses de missão, o que não deixava de ser um marco. O período das novidades já havia passado, a rotina se instalara. E, com ela, alguns problemas de relacionamento; foram poucos, acredito eu, mas ocorreram. Pessoas que não se conheciam estavam dividindo um exíguo espaço e algumas brigas acabam acontecendo, todas resolvidas sem maiores problemas. Havia também o problema da solidão, especialmente entre os que não viajavam durante a missão. Os militares que ficavam na base no período de folga não andavam fardados.

O fato de ficar sempre no mesmo lugar e ver a mesma paisagem causava grande grau de estresse em cada um. Tanto que era amplo o número de militares que, durante a folga, procurava a seção de saúde com queixas de insônia e ansiedade. Tratávamos tudo com muita conversa e sugeríamos que, quando fosse possível, o militar fizesse alguma atividade diferente. Foi no intuito de evitar problemas que os militares que não fossem viajar no período de *rest* ou *leave* foram autorizados a ir à praia, mesmo durante a semana.

Grande preocupação também foi em relação ao consumo de álcool na base. Durante a semana, isso era terminantemente proibido. Tanto que as bebidas compradas pelos militares deveriam ser guardadas junto ao almoxarifado e eram liberadas somente nos finais de semana. Nesse dias, como já disse, quase sempre havia alguma atividade, como churrasco ou pizza, e as bebidas então podiam ser consumidas, desde que com parcimônia. Se houve quem se excedesse? Claro, sempre acontece, mas foram casos esporádicos que não comprometeram o andamento dos trabalhos.

Em um domingo, no final da tarde, fui chamada por um sargento, pois havia um jornalista querendo conversar comigo. Gaúcho também, frisou o sargento. Era o jornalista Túlio Milman, apresentador de programa de TV de grande audiência no Rio Grande do Sul. Túlio estava no Haiti para fazer uma matéria sobre o período pré-eleitoral e a situação do Haiti pós-terremoto. Coloquei-me à disposição para qualquer coisa que ele precisasse. Combinamos de conversar mais sobre sua matéria no outro dia, já que deveria estar cansado da viagem.

A viagem em si não era tão cansativa quanto chegar ao aeroporto de Porto Príncipe a bordo de um voo comercial. O aeroporto internacional Toussaint Louverture era um caos! Chegando ao aeroporto, o passageiro logo era cercado por alguns homens, todos de bonés vermelhos, pedindo propina para passá-lo à frente na fila de *check-in*. Uma fila interminável, com centenas de haitianos embarcando para os Estados Unidos. Senhoras idosas usavam vários chapéus, um por cima do outro, malas cheias de comida que sempre tinham de esvaziar e crianças, muitas crianças, quase sempre chorando. Enfim, era uma prova de paciência. Sem falar que, ao passar pelo RX, mesmo que na bagagem de mão houvesse líquidos, como xampu ou cremes, no limite de 100ml, acondicionados em saquinhos *zip locks*, os produtos eram invariavelmente confiscados.

O desembarque não era muito diferente. Quando finalmente se conseguia pegar a mala na esteira, muitas vezes vinha a desagradável surpresa de ver que alguém dava uma “olhadinha” dentro dela. Já no saguão, os onipresentes homens de boné vermelho novamente pediam dinheiro para carregar a bagagem. E mesmo que o passageiro dissesse não, eles persistiam, fazendo-se de desentendidos. Por tudo isso, acreditei estar mesmo o jornalista bem cansado depois da viagem e de toda essa aventura.

Em outro dia, de manhã cedo, Túlio juntou-se a nós na seção de saúde para tomar um chimarrão. O sargento Dibiazzi, nosso conterrâneo gaúcho, era quem fazia o melhor chimarrão da seção. Depois de muita conversa, combinamos então que, no outro dia, eu e Bicca, as duas militares gaúchas da missão, iríamos acompanhá-lo em um passeio a Cité Soleil, uma das mais pobres regiões de Porto Príncipe.

Depois de nos paramentarmos com o “tudão” – necessário para irmos a Cité Soleil, considerada área vermelha –, embarcamos em um ônibus, com o Brabatt 1. Já no caminho para nosso destino, Túlio não

parava de filmar. Estava acompanhado de um fotógrafo do Ministério da Defesa que fazia fotos nossas e de tudo mais que achava interessante. Nossa primeira parada foi no Ponto Forte 16, uma base no meio de Cité Soleil. Essa base era compartilhada por brasileiros e paraguaios e lá estava trabalhando meu colega de Escola de Saúde, o tenente Ayres.

Ayres é grande amigo meu, parceiro de outras batalhas e, mais uma vez, o destino havia nos colocado juntos em uma missão. Ayres passou quase todo o tempo de sua missão locado em Cité Soleil. Acredito ter sido seu trabalho muito mais árduo do que o nosso. Como estava em uma área mais violenta e vivendo praticamente no meio da população, fazia muitos atendimentos, não apenas a militares, mas à população de um modo geral. A cada patrulha em que era efetuada alguma prisão, Ayres tinha de fazer exame de corpo de delito, o que acontecia a qualquer hora, muitas vezes de madrugada.

Além de ter ficado um tanto isolado, Ayres teve como missão ministrar palestras de higiene e saúde em vários campos de deslocados por toda a cidade. Sua tarefa não foi fácil, mas desempenhou-a com muita competência, como era de se esperar. Mesmo tendo contraído malária, não esmoreceu. Mal se recuperou e já estava de volta ao trabalho no seu posto.

No Ponto Forte 16, o comandante era um capitão que deu instruções a respeito das atividades desenvolvidas ali. Na verdade, no Ponto Forte, o personagem principal foi um cachorrinho adotado pelos militares, batizado com o singelo nome de Soleil. Ali foi filmado e fotografado à exaustão e teve seus 15 minutinhos de fama.

O Ponto Forte 16 ficava ao lado de um comissariado da polícia nacional haitiana. Essa polícia tinha uma fama de truculência e corrupção, notadamente nos idos de 2004. Agora estava recebendo treinamento da Polícia Federal brasileira, que desenvolveu no Haiti um trabalho de capacitação dos policiais.

Cité Soleil foi palco de manifestações políticas importantes, especialmente a favor do presidente deposto Jean-Bertrand Aristide que, mesmo no exílio, ainda contava com seguidores no país. Lá também foi o epicentro da atuação das gangues armadas que dominavam o país no começo dos anos 2000. No livro *Adeus Haiti*, a autora Edwige Dandicat, uma haitiana radicada nos Estados Unidos, narra fatos de sua infância passada na Rue Tiremasse, no coração de Cité Soleil. Sua família foi

vítima da violência dos *ton ton macoutes*, a guarda pessoal dos Duvalier, durante um período em que a população vivia acossada pelo medo e pela insegurança.

Depois da parada no Ponto Forte, fomos levados até Cité Gerard, uma favela praticamente dentro de Cité Soleil. Sempre escoltados pelos militares paraguaios – estes faziam nossa segurança –, caminhamos pelas vielas pobres daquele lugar. Confesso sentir muito constrangimento por estar andando toda equipada e escoltada em meio à população. Sei que soa estúpido vindo de uma militar; afinal, nós, militares, sempre somos alvo de algum ato de violência, sobretudo daqueles que são contra a presença da MINUSTAH no país, e essa segurança fazia-se sim necessária. Além do mais, eu que nunca saía armada. No meu entender, enquanto eu usasse o braçal de saúde, não portaria arma alguma. Túlio brincou dizendo que se sentia o presidente americano Barack Obama por conta de toda aquela segurança.

Enquanto andávamos pelas ruas, as crianças nos seguiam. Pegavam-nos pelas mãos, riam, brincavam. Um menino veio conversar comigo falando em português e pediu-me livros para estudar. Era incrível como essas crianças aprendiam rápido nossa língua. Depois de anos convivendo com brasileiros, muitas nos abordavam pelas ruas falando um português perfeito, inclusive com gírias.

Pelo chão víamos os famosos biscoitos de barro secando ao sol. Algumas pessoas os preparavam: remexiam com as mãos dentro de latas o barro com alguma farinha, depois os moldavam redondinhos e os colocavam a secar sobre uma lona. Vi crianças pequenas comendo os biscoitos; era, acredito, a única coisa que comeriam naquele dia.

As casas estavam todas abertas, algumas nem tinham porta. As pessoas ficavam todas sentadas do lado de fora, talvez pelo calor, talvez pelo movimento causado por nossa presença. Era tudo muito miserável. Ali não vi sorrisos. Ouvi choro e reclamações, como a de um jovem homem. Este me falou em inglês que éramos mais um grupo a ver sua pobreza e não fazer nada por eles. Estava certo: não fizemos nada pela sua pobreza, pelo seu desespero. Estávamos ali como espectadores da dor daquele povo. Algo que não é diferente no Haiti ou no Brasil.

Chegamos à frente de uma casa onde dois bebês gêmeos dividiam uma pequena bacia cheia de água. Olhando de longe eram crianças perfeitas; de perto podíamos perceber as lesões de pele e os visíveis si-

nais de desnutri o. Os dois beb s não nos deram muita aten o, continuaram brincando na água suja da bacia, observados pela mãe.

Seguimos para a região do porto, onde, naquele momento, pude ver de perto o contraste visto quando sobrevoei o Haiti na chegada. A pobreza e a sujeira margeadas pelo mar esmeralda. Canoas muito precárias navegavam perto da costa, talvez fossem pescadores tentando pegar alguma coisa. L  do alto, o mar parecia limpo; ali de perto, via o lixo boiando. Aqueles rios, que de cima não se moviam, não continham água, mas garrafas plásticas em profusão, trazidas a cada chuva para que o mar esmeralda engolisse.

Um grupo de meninos estava no porto. Eram mais ou menos uns 15, todos em torno de 12 a 15 anos. Entre eles havia um menino albino, cuja pele era coberta de feridas, provavelmente queimaduras do sol. Tinha o cabelo claro, meio avermelhado. Na tentativa de me aproximar, mostrei meu cabelo loiro e comparei com o dele, a fim de demonstrar-lhe que éramos parecidos: nossa pele branca e o cabelo claro. O menino me olhou e, em seguida, tentou pegar meus óculos de sol. Bicca começo logo a conversar com todos sobre futebol, que mais uma vez revelou ser assunto universal e que despertava o interesse de qualquer menino. Eles posaram para as fotos, fizeram poses como cantores de rap americanos, tal como os meninos da mesma idade no Brasil. Alguns estavam s  de cal o, outros de cal o e camiseta. Vi algumas crianças correndo sem roupa. Algumas meninas muito jovens paravam na frente das casas de frente ao porto, faziam poses lascivas e chamavam os homens; enquanto outras brincavam inocentemente.

T lio e o fotógrafo do Ministério da Defesa fotografavam e filmavam tudo. Conversavam também com as crianças, apesar de que elas não se mostrassem dispostas a conversar: ficavam nos pedindo tudo o que tínhamos como óculos, máquina fotográfica, capacete. Algumas pediam dinheiro. Ali ouvi também o famoso: *hey you*, expressão usada quando algumas crianças se referiam a estrangeiros, como aprenderam com os americanos no começo dos anos 2000.

De repente, surgiu do nada um menino. Devia ter mais ou menos a mesma idade dos outros. Segurava duas pombas pelas pernas com uma mão. Exibia as pombas como se fossem um troféu. Uma das pombas estava inerte; a outra ainda tentava se debater, mas ele as segurava de modo que pouco conseguiam se mexer. Era visível o desespero do bicho tentando se

soltar. Não sei o que pretendia: se exibir as pombas que havia apanhado ou se estava querendo vendê-las. O menino não tinha expressão alguma nos olhos, não se poderia dizer se estava alegre ou triste. Não nos pedia nada, apenas exibia as suas pombas desesperadas. Por um instante senti raiva do menino por estar maltratando aqueles animais, mas foi por uma fração de segundos. Em seguida, dei-me conta de que sentia era pena da situação em que todos se encontravam: ele, as pombas e todas aquelas pessoas que eu tinha encontrado naquele lugar.

Paramos ainda para ver algumas casas destruídas pelo terremoto, ainda cobertas por montes de entulho. No entanto, a visão das pombas na mão do menino sem expressão continua viva em minha memória até hoje.

Em outro dia comemoramos o Dia do Médico. Fui homenageada pelo major Emerson, subcomandante, durante a formatura matinal.



Incêndio

Nós tínhamos períodos de folga, os chamados *leaves*, com folgas mais longas, de mais ou menos 12 dias; e os *rests*, com quatro ou cinco dias, totalizando 30 dias de folga ao longo da missão. Durante esse período, muitos voltavam ao Brasil ou aproveitavam para viajar, fosse pelo Caribe mesmo ou para os Estados Unidos, onde alguns faziam compras. Durante uma das minhas folgas o furacão Thomas foi uma ameaça ao Haiti. Acompanhei o noticiário desde a República Dominicana, para onde fui viajar. Aparentemente, os resultados com relação ao furacão frustraram um pouco o “caçador de furacões”, como se intitulava o repórter americano que fazia a cobertura do fato, pois o dito furacão resultou em uma tempestade tropical, uma das muitas que passaram pelo Haiti durante o período quando lá estivemos. Aliás, em razão da precariedade das barracas nos campos de deslocados que se espalhavam por todo o país, não era necessário muito mais do que uma chuva forte para deixá-los desabrigados.

Já estávamos em novembro, perto do final do ano. Durante o período, no orfanato, as obras se seguiram. Estava sendo construída uma área onde as crianças assistiriam às aulas e seria celebrado o culto, um espaço com telhado feito de alvenaria, em lugar da precária barraca que possuíam até então. Ocorreu um surto de conjuntivite no período. Várias crianças infectaram-se. Assim, tornou-se necessário ir várias vezes até lá fazer a higiene com soro e aplicar colírios com antibiótico.

Havia um menino chamado Samah. Ele era quietinho, tinha entre quatro e seis anos, olhos enormes e cílios muito compridos. Começou a apresentar uma febre persistente e tosse. Iniciamos o tratamento com antibióticos, porém a febre não cedia, e resolvemos procurar

atendimento em um hospital onde ele pudesse submeter-se a exames complementares. O hospital argentino era destinado à MINUSTAH e aos haitianos que nela trabalhassem, por isso o conduzimos ao hospital Saint Damien, que atendia exclusivamente crianças. Esse hospital ficava próximo à embaixada americana. Eu já havia estado lá anteriormente, quando levei medicamentos que tínhamos em excesso. Chamaram-me a atenção a beleza e a higiene do lugar. Era dirigido por um padre americano, mas não consegui entender qual era a instituição mantenedora do local, pois fui atendida por seu secretário, um haitiano que falava pouco inglês e que apenas repetia a respeito de uma festa que havia ocorrido, cujos fundos foram revertidos para o hospital.

A construção era grande, ampla e clara, toda decorada com objetos do artesanato local. As salas de espera estavam repletas de grávidas e crianças pequenas, de até uns 10 anos de idade, no máximo. Essas mesmas salas tinham ar-condicionado e sistema de senha digital. Do lado de fora, a segurança era muito rigorosa: para que entrássemos, tivemos de nos identificar várias vezes e fomos acompanhados por um segurança até a parte interna. Nos fundos, havia uma construção grande, à parte do hospital propriamente dito, onde era feita a reabilitação de crianças cujos membros foram amputados durante o terremoto. Soube que, no período imediato ao terremoto, esse hospital foi um dos centros que mais recebeu vítimas. Mais adiante, ainda em sua área, foi instalado um Centro de Tratamento ao Cólera, com várias barracas onde eram acomodados os pacientes durante o tratamento.

Samah foi atendido lá. Achemos que seria internado, mas não foi. Mantiveram nossa conduta. Aparentemente era uma pneumonia. Enquanto esperávamos o atendimento, fui chamada à base, pois um de nossos militares não estava passando bem, e meu colega estava viajando. Deixei a sargento Bicca com Suse no hospital e retornei à base para atender o militar, diagnosticado com malária. Bicca contou-me um fato curioso: Samah estava com muita febre e o levaram ao banheiro para dar-lhe um banho. Como o menino estava mais acostumado com Suse, foi ela quem o auxiliou. Bicca saiu por uns instantes do banheiro e, quando voltou, viu Suse arrumando a blusa, puxando-a para baixo enquanto o menino lambia os lábios. Ela percebeu que Suse ficou um pouco constrangida e disfarçou, mas era visível o que ela tinha feito: tinha acabado de amamentá-lo, um menino já de quase cinco anos que

não era seu filho, sem que ela tivesse dado à luz há pouco tempo, ao menos que soubéssemos.

Não tocamos no assunto, temerosas em ferir alguma suscetibilidade ou algum costume, mas passamos a reparar que as crianças, inclusive as maiores, muitas vezes, vinham em direção aos nossos seios, tentando pegá-los. Talvez fosse uma prática ou uma necessidade, não chegamos a descobrir.

No período quando estive fora, quase houve uma tragédia na Companhia. Um colega nosso, aquele mesmo capitão que riu do tombo do Jackson durante o Aciso, ateou fogo no próprio contêiner. Sim, isso também aconteceu.

Na base havia muitos mosquitos, tanto que o fumacê passava pela manhã e à noite. Havia também algumas moscas e algumas pessoas gostavam de usar aquelas “raquetes” para matar esses bichos. Esses aparelhos têm de ser recarregados na tomada. Nosso amigo deixou sua raquete ligada à rede elétrica e foi ao rancho tranquilamente tomar seu café da manhã. Eis que, de repente, alguém escuta o alarme anti-incêndio do contêiner tocando. O lugar estava trancado e havia o receio maior de que houvesse alguém dormindo lá dentro. A porta foi então arrombada, e o fogo debelado com extintor. Tudo isso acontecia enquanto o dono do contêiner calmamente tomava café da manhã. Mesmo avisado de que o seu contêiner estava em chamas, não se abalou por pensar tratar-se de um trote. Ao retornar para escovar os dentes, entrou em estado de choque ao ver todas as suas coisas queimadas e, aquilo que não estava queimado, preto de fuligem. Entretanto, furioso mesmo estava seu companheiro de contêiner, que nem sequer usava uma raquete daquelas.

O coitado ficou tão abalado que não conseguia fazer mais nada, a não ser esfregar um paninho já todo sujo em suas coisinhas, que tirava para fora, enquanto seu companheiro de alojamento não conseguia articular as palavras para xingá-lo, tamanha era a sua raiva.

Major Cláudio, o G1, ou seja, uma espécie de responsável pelo departamento pessoal da Companhia, acabou usando o fato ocorrido para alertar os soldados de que deveriam tomar cuidado com o que deixassem ligado nas tomadas, justamente pelo risco de incêndio. E mais: sugeriu que todos dessem uma passada pelo local para ver os prejuízos causados. E assim foi: os soldados em fila vendo o tal capitão abaixado, limpando suas coisinhas com seu paninho já tomado de fuligem.

A imagem era tão triste, tão comovente, que seria engraçada se não fosse trágica. O capitão estava se sentindo tão mal que chegou a pedir para o major parar de usá-lo como exemplo.

Poucos dias depois, esse mesmo capitão estava em sua seção trabalhando quando, de repente, um dos haitianos que trabalhava na base caiu do telhado, quase sobre ele. O colaborador estava arrumando o telhado e, provavelmente, este não aguentou seu peso, o que causou sua queda com telhado e tudo, na seção do azarado capitão, por pouco não o acertando. Atendi o haitiano em seguida. Não havia se machucado, só tomado um susto. Já até ria do ocorrido, mas o capitão não. Ele foi até a seção de saúde para saber como estava o haitiano, todavia não conseguia rir. Por mais que disséssemos que ele havia tido muita sorte pelo fato de o homem não ter caído sobre ele – aí sim, poderiam ter se machucado seriamente –, ele não encarava assim. Em menos de uma semana, o capitão havia colocado fogo no contêiner e agora chovia haitianos sobre sua cabeça: o que mais faltava acontecer?

Por tudo isso, eu costumava fazer muita troça com ele, já que era aquele tipo de pessoa com quem tudo acontecia: no café da manhã sumiu seu queijo do pão ou, quando foi viajar em seu *rest*, teve diarreia, só para citar alguns dos fatos ocorridos com ele. Contudo, dessa vez, não consegui fazer graça. Corri ao meu contêiner e peguei um terço abençoado que eu tinha e dei de presente para ele. Contaram-me depois que houve quem o mandasse frequentar a missa e tomar bênçãos. Parece que, além de fazer isso, também tomou passes com o pessoal da reunião espírita. Só para garantir.



Pétionville

Pétionville é área mais rica de Porto Príncipe, onde está localizada a maioria das embaixadas, inclusive a brasileira. As melhores residências ficam também nos morros que cercam esse distrito. Lá vemos o comércio mais diferenciado, composto por pequenos shopping centers, com lojas de roupas e calçados. Os supermercados de Pétionville são bem guarnecidos com produtos importados, queijos e vinhos franceses, chilenos e argentinos, além de produtos de higiene e cosméticos muito bons. Há também alguns bons restaurantes e hotéis. Graham Greene já falava sobre Pétionville no seu livro sobre o Haiti. O Hotel Trianon, de propriedade do protagonista, está localizado lá. Acredito ter se inspirado no Hotel Oloffson para criar o seu Trianon, porém o original fica na Avenue Christophe, no bairro Pacot, próximo ao centro da cidade. A construção do Oloffson é bom exemplo do estilo *ginger bread*, que ainda encontramos pela cidade.

Em Pétionville encontramos restaurantes muito bons. Um deles é o Quartier Latin. Faço questão de escrever sobre esse lugar, pois foi um dos locais mais encantadores que fui durante minha estada. Uma casa antiga, localizada na frente da Place Boyer; nessa praça, atualmente estão vivendo em barracas centenas de famílias, em um dos chamados campos de deslocados – as pessoas que ficaram sem casas depois do terremoto. Dizem que muitos dos moradores desses campos ainda têm suas casas, algumas sem condições de serem habitadas, mas outras ainda em boas condições; entretanto, em razão de ali receberem alimentação, preferem ficar morando no campo. Não sei se isso procede, mas o fato é existir, a poucos passos de um desses campos, um lugar que não lembra em nada a dura realidade haitiana.

Ao entrar no Quartier, logo vemos uma fonte com carpas coloridas e um deck de madeira com mesas e cadeiras. Na casa, as paredes estão todas escritas com mensagens de pessoas que passaram por lá. Há uma adega respeitável, formada, em sua totalidade, por vinhos franceses. Nos fundos, abre-se um pátio com mesas ao ar livre, protegidas por imensas barracas ou guarda-sóis, para o caso de chuva ou sol forte. Há um piano de cauda negro e um pequeno palco, onde, às quintas-feiras, há apresentações de música, em geral jazz ou salsa. A cozinha é internacional, com pratos italianos, franceses e espanhóis, com leve toque creole.

Ao se adentrar no local, somos transportados para outro Haiti: um Haiti civilizado, onde se come e bebe-se muito bem. Quando chegamos, o som de *Garota de Ipanema* tocado por um saxofonista recebeu-nos. O músico desfilou seu repertório de bossa-nova durante todo o tempo em que lá ficamos. Senti-me no próprio romance de Greene, como uma personagem de *Os comediantes*, na época quando turistas, especialmente americanos, abundavam no país, antes da ascensão de Duvalier pai. O calor abrandado por uma brisa serena embalava nossas conversas regadas a um bom vinho. Um legítimo paradoxo haitiano, aliás, o melhor de todos. Olhando-se para fora, poderíamos ver o país atual, real. Lá dentro, a imagem de um passado distante, fora da realidade. Ninguém ousava olhar para fora enquanto estava lá dentro.

Em Pétionville também pudemos conhecer o Hotel Ibo Lele, um remanescente da época de ouro haitiana nos anos 1960. Situado na Route Ibo Lele, no alto de um morro, garante vista privilegiada de toda a cidade. O hotel possui um ar um tanto decadente, com paredes cheias de fotos de cantores que deviam ser famosos no passado e que provavelmente se apresentaram por lá. Fomos até lá em um domingo para conhecer a piscina, onde pudemos passar o dia. Um ar de tempo perdido, meio melancólico, permeia o lugar, frequentado quase exclusivamente por militares e membros da MINUSTAH. Na entrada há também uma fonte com carpas coloridas – por certo uma tendência arquitetônica – e muitos murais que retratam cenas rurais do país: pessoas colhendo cana, trabalhando com animais, tudo em um colorido quente, com muito vermelho e laranja.

Em direção ao centro da cidade, passamos pelo bairro Pacot, um lugar bucólico, com pouco movimento, onde as ruas estendem-se sobre uma colina um tanto íngreme. Em meio a construções da década de

1960, várias delas um tanto quanto deterioradas, ainda que algumas se mantenham belas, encontramos várias galerias de arte e o Comité Artisanat Haitien, uma espécie de cooperativa de artesãos haitianos. Lá nos deparamos com várias peças de todo o país: trabalhos em ferro, vindos de Croix-des-bouquets; caixinhas de madeira pintadas, um souvenir imperdível; peças em papel machê, vindas de Jacmel;⁷ bijuterias feitas com ossos; e esculturas em pedra-sabão e madeira. Reúne-se em um só lugar tudo aquilo que se vende pelas ruas, mas de modo organizado. É um lugar silencioso e tranquilo, onde se pode olhar e escolher com calma o que se quer comprar. Depois de efetuada a compra, as peças são muito bem acondicionadas para viagem em sacolas feitas com folhas de palmeiras, muito ecológicas e bonitas.

Ainda no bairro Pacot, por indicação de um guia turístico, encontrei linda galeria de arte, que se revelou um dos melhores passeios que fiz na cidade. Vi muitas telas expostas pelas ruas, umas muito bonitas e outras um tanto primitivas. Em algumas, podíamos ver que os artistas usavam fardas militares descoradas no lugar da tela para pintar. Eu queria levar comigo uma lembrança única, uma tela especial. Pesquisei muito a respeito da Galerie Issa. Esta havia sido propriedade de importante colecionador de arte local chamado Issa El Saieh, já falecido. O mapa que possuíamos com a suposta localização da galeria já estava defasado. Era de antes do terremoto. Andamos muito em círculos, pedimos muitas informações nas ruas, já estávamos desistindo até que, atrás de grande portão de ferro negro, escondia-se a galeria.

Passou a ser denominada de El Saieh Gallery, depois do falecimento de Issa, e era comandada por seu filho Jean-Emmanuel e sua nora Sharona, por quem, quando chegamos, fomos recebidos. Dona de uma personalidade vivaz, israelense de nascimento, Sharona vivia no Haiti havia anos, desde o casamento com Jean-Emmanuel. É uma entusiasta da arte haitiana como eu ainda não havia conhecido. A galeria abrigava três andares abarrotados de obras de arte. No terceiro andar, estavam expostas obras que retratam os Duvalier, pai e filho. São obras grandes, quase murais, com os rostos de Papa e Baby Doc representados em meio ao colorido da vida haitiana, engalanados em fardas militares e com expressões sisudas, como convinha aos governos que fizeram.

⁷ Cidade do sul do país, famosa pelo artesanato em papel machê e seu carnaval.

À medida que descíamos, os temas das obras tornavam-se mais suaves: retratos da flora do país, cenas do cotidiano, tudo sempre muito colorido. Algumas obras *naïf*, estilo proeminente na pintura haitiana durante certo período; e algumas curiosas, como as telas de um determinado artista que retratava atitudes humanas com as faces de cães. Muitas pinturas sobre tela, outras tantas sobre madeira. Eu ainda não havia encontrado o que procurava. Falei a Sharona sobre o que eu buscava: queria uma cena típica do país, de preferência com o céu do Haiti. Ela, então, mostrou-me um quadro meio escondido em um canto: uma marina, com pescadores em seus barcos e canoas sob o céu avermelhado. Era aquele o céu do Haiti que eu levaria para casa finalmente! O artista chamava-se Chérizol e, segundo ela, era empregado da construção civil, como a maioria dos artistas haitianos que não consegue sobreviver apenas da arte – nada diferente do Brasil.

Nesse momento, estou olhando para o céu do Haiti pendurado na parede de minha casa. Por onde quer que eu ande, sempre levarei o Haiti comigo nesse quadro.

Até que a tela fosse embalada, ficamos conversando, e Sharona mostrou-nos fotos de seu falecido sogro que, além de colecionador, era músico de jazz. Mostrou-me alguns catálogos de mostras de arte haitiana pelo mundo, onde foram expostas peças da galeria, inclusive uma ocorrida em São Paulo. Ainda pude ver um livro onde havia fotos que Pierre Verger fez quando passou pelo Haiti, nos anos 1930 ou 1940.

Troquei e-mails com Sharona depois que retornei ao Brasil, inclusive mandei-lhe uma foto da tela emoldurada para que mostrasse ao artista como está a sua obra, agora tão distante dele.

No meu entender, a existência de lugares assim prova que a vida segue no Haiti. A imagem do país na imprensa mundial é sempre aterradora, como se tudo tivesse ruído com o terremoto e a pobreza: a cultura, a culinária, a arte e a educação. Não deixa de ser uma visão preconceituosa de um lugar onde existe vida inteligente e ativa, com centros de cultura e universidades que persistem com muito esforço. Não é nem necessário ir até Pétionville, uma localidade mais abastada, para deparar-se com manifestações culturais riquíssimas. O povo haitiano não vive apenas esmolando nas ruas. Essa é uma ideia que também se tinha a respeito do Brasil e somos a prova de que não é verdade, sobretudo nos últimos anos em que nosso país cresceu tanto, em tantas áreas diversas, como economia e cultura.

Talvez, se cada um que tiver a oportunidade de conhecer esse país trazer na bagagem um pouco mais do que a lembrança de cenas tristes, a imagem do país possa mudar frente à comunidade mundial, e, um dia, quem sabe, o Haiti volte a ser um destino turístico concorrido como já foi. Tem tudo para que isso aconteça.

Capítulo 13



Cólera

Nossas atividades no Blessing continuavam. As meninas com frequência iam até lá fazer a manutenção na limpeza. Podíamos ver as crianças divertindo-se com os brinquedos e usando as roupinhas que ganharam no Dia das Crianças. Uma das meninas, chamada Fedina, fora presenteada por seu padrinho com um ursinho de pelúcia e andava com ele por todo o canto. Deve ter sido a primeira vez em que ganhara um presente comprado especialmente para ela. Fedina parecia uma boneca, ainda mais quando estava de vestido, tinha os olhinhos rasgados e uma pele lisa, e uniforme, como uma porcelana. Era quietinha e tinha um ar sério, compenetrado; mas era só alguém chegar perto que logo abria um lindo sorriso.

Outra de quem me lembro era Tatá. Aquela menina era uma graça. Se houvesse um campeonato de popularidade no Blessing, certamente seria a campeã. Estava sempre no colo de alguém e não tinha favoritos, bastava que alguém se distraísse que logo ela pulava no colo da pessoa. Estava sempre sorridente e falante.

Houve uma ocasião em que chegamos cedo e as meninas ainda se arrumavam na casa. Os cabelinhos estavam sempre com aquelas tranças firmes, presas rente à cabeça. Eu nunca as havia visto com o cabelo solto, mas, dessa vez, pude ver algumas assim. As meninas mais velhas ajudavam a arrumar o cabelo das menores. Vi Esther com o cabelo solto. Meu Deus, quantos cabelos arrepiados! Quando a vi, logo começou sorrir timidamente, escondendo o riso com a mão. Porém, essa timidez restringia-se ao sorriso. Com o passar do tempo, começou a impor-se entre as outras crianças, muitas vezes pela força. Revelou um temperamento um pouco difícil, brigava constantemente com as outras meninas,

o que se denunciava pelas diversas cicatrizes nas pernas e marcas de mordidas pelos braços.

Fora isso, as crianças estavam cada vez melhores. O peso aumentava, e a aparência da pele era melhor, já não tínhamos mais aquelas infecções de pele como a de Martina. A escabiose parecia estar sob controle, apesar de que o problema da lavagem das roupas só seria solucionado com a compra de uma máquina de lavar, o que posteriormente fizemos.

Algumas dessas crianças passavam algum tempo com os pais e depois retornavam ao orfanato. Sempre tive curiosidade de conversar com um de seus pais, para saber a opinião a respeito de nossa presença lá, mas nunca tive a oportunidade. Queria saber que tipo de influência exercíamos e como esses pais percebiam isso, já que as viam de quando em quando. Suse já estava mais adaptada com as exigências que lhe eram feitas. Acredito que tenha absorvido mais os ensinamentos e os porquês de tantas exigências com relação à higiene. Afinal, era visível a higiene do local, a ausência do lixo pelo pátio e do cheiro de urina, sinais de que estavam usando o banheiro corretamente e haviam aprendido a colocar o lixo no local adequado.

Os sargentos de saúde acompanhavam todas as atividades da Engenharia, mesmo fora da Companhia. A cada deslocamento, mesmo que não fosse em Porto Príncipe, um dos nossos sargentos acompanhava a tropa. Havia obras em Jacmel, Beladere e outras cidades por todo Haiti. Muitas dessas obras eram feitas em conjunto com tropas de outros países, cujos hábitos eram muito diferentes dos nossos. Nesses lugares, muitas vezes o militar de saúde era responsável por instituir a higiene do local, incluindo controlar a manufatura dos alimentos para evitar problemas de saúde.

Vários militares que adoeceram no transcorrer dessas obras foram diagnosticados e socorridos por esses sargentos, competéssimos na remoção para a base ou mesmo para o hospital. Nossa equipe de saúde era muito bem preparada e estava sempre pronta para qualquer missão, e a oportunidade de trabalhar com eles foi única em minha carreira.

Em outubro deflagrou-se uma epidemia de cólera no Haiti. Fomos alertados que estavam proibidos os passeios à praia, bem como o consumo de comida que não fosse fornecida pela base. No dia em que

recebemos essa informação, fizemos inspeção em todos os contêineres da Companhia, a fim de verificar se havia algum alimento que pudesse ser potencialmente perigoso. Alertamos a tropa a respeito da doença, das formas de contágio e da prevenção. Instituímos uma espécie de pedilúvio na entrada da Companhia e na frente das áreas dos contêineres para que todos que entrassem limpassem os pés, além de que lavassem as mãos e higienizassem-nas com álcool. As viaturas também tinham a sua superfície de contato com o solo borrifada com hipoclorito.

Os militares vindos de áreas notoriamente contaminadas eram submetidos a uma desinfecção severa, em um banheiro localizado na entrada dos fundos da Companhia. Ali a concentração de cloro da água também era mais alta, e as viaturas igualmente higienizadas com maior apuro. Tomamos essas medidas antes de qualquer caso de cólera entre nossos militares e antes de qualquer ordem vinda da MINUSTAH. O cuidado foi tanto que, posteriormente, nossa Companhia foi incumbida de demonstrar as medidas de precaução que instituímos para todos os médicos e comandantes da missão.

No que concernia ao contágio, a parte mais sensível eram os colaboradores haitianos. Eles moravam em diversas localidades da cidade, em muitos locais onde provavelmente havia casos na vizinhança. Não queríamos passar ideia de que estávamos com medo de que fossem nos contaminar. Abordamos o assunto de forma a chamá-los à prevenção também em suas residências. As mesmas medidas de higiene que qualquer um de nós tomava ao entrar na base eram executadas por eles, com a diferença de que, a partir de então, usariam um uniforme para trabalhar e que seria lavado na Companhia. Essas medidas depreenderam gastos, como a construção do banheiro para desinfecção, pedilúvios, compra de mais máquinas de lavar roupas, mas contamos com o apoio do fiscal administrativo, major Frank, sempre sensível aos apelos meus e do Jackson.

Por toda a cidade víamos o pânico causado pelo cólera. Assisti a uma cena muito triste, em uma das ocasiões em que voltava do Blessing: um homem deitado na carroceria de uma camionete, sujo de vômito e fezes, enquanto seus familiares, sentados ao seu lado, tentavam cobri-lo com um pano sujo. Estavam em busca de atendimento. Vi que saíam do centro de tratamento do cólera localizado nos fundos do hospital infantil Saint Damien, que já estava lotado; seguiram em alta

velocidade, provavelmente em direção a algum dos muitos centros que existiam pela cidade.

No centro do hospital infantil, as barracas estavam cheias. Conversei com um médico haitiano que lá trabalhava, e ele me relatou o enorme número de pacientes que tinham de mandar embora por falta de leitos. Enquanto conversávamos, vi as enfermeiras saindo de uma barraca com baldes cheios de excremento ou vômito; ao fundo, os pacientes recebiam soro. Questionei a respeito da medicação, mas naquele lugar aparentemente não faltava nada.

Na UN Clinic, a clínica que prestava atendimento à MINUSTAH, localizada na Log Base, foi erguida uma “Cholera House”. Também foi feita uma escala com os médicos de todas as tropas, que ficavam de sobreaviso caso houvesse algum paciente suspeito de cólera. A ordem era não segurar na base qualquer caso que fosse suspeito, mas encaminhá-lo diretamente para a UN Clinic. Nós, da Engenharia, não precisamos evacuar ninguém para lá; afinal, estávamos sendo espartanos em nossos cuidados com a infecção. Além de todo o cuidado com a higiene, por um bom tempo abolimos as folhas e frutos do mar da dieta como precaução.

O auge da epidemia ocorreu em meados de outubro e novembro. Ao longo de um ano o Haiti havia sofrido um terremoto, uma ameaça de furacão, e agora passava por uma epidemia de cólera, que tendia a ser muito pior do que o imaginado graças às péssimas condições sanitárias do país. Um fator estressante também era a proximidade das eleições presidenciais. O cólera poderia ser usado como arma política por algum candidato contrário à presença da MINUSTAH no país, uma vez que se levantou a hipótese de que as tropas nepalesas haviam trazido o vibrião para o Haiti, já que o agente era da mesma cepa encontrada na epidemia que há pouco assolara Bangladesh. Todo o cuidado era pouco.

Tínhamos, sobretudo, grande preocupação com o Blessing. Várias crianças que não eram do orfanato entravam lá o tempo todo para brincar e frequentar as aulas e o culto. A própria Geniflor teve a entrada barrada, pois surgiu o boato de que havia alguém próximo de sua casa doente.

No entanto, nossos cuidados com a prevenção também se estenderam ao orfanato. Carolina fez uma palestra no Blessing explicando como ocorria o contágio e o que deveria ser feito para prevenir-se. Também os deixamos muito bem abastecidos com hipoclorito para higiene

do local; porém, nosso maior medo era, caso alguma das crianças contraísse cólera, saber para onde a levaríamos, uma vez que havia carência de leitos por toda a cidade. Antes de nos confrontarmos com essa situação, conseguimos junto a UN Clinic antibióticos o suficiente para tratar de todas as crianças. Graças a Deus não foi necessário usar, pois, assim como nossos militares, nenhuma criança foi contaminada.



Eleições

No dia 5 de agosto de 2010, o dia de minha chegada, 34 pessoas registraram-se como candidatas à eleição presidencial no Haiti. Alguns dias depois, o Conselho Eleitoral Haitiano divulgou a lista dos candidatos que tiveram suas inscrições aceitas. Pelo número inicial de candidatos, pode-se imaginar a confusão em que estava envolto esse pleito, considerando-se ainda a situação pós-terremoto – para se ter uma ideia, 30% dos servidores públicos haitianos morreram na ocasião. A maioria dos candidatos era insignificante, restando aqueles que representavam interesses de alguns partidos políticos ou grupos específicos; desses, permaneceram 19, cujas candidaturas foram aprovadas. As ruas estavam cobertas de cartazes de candidatos a presidente e a deputados. Ruas forradas e sujas, com propaganda política por toda a parte, fosse em muros ou postes, o que conferia poluição visual a mais em meio à confusão urbana.

Goudou-goudou é uma onomatopeia usada pelos haitianos para referir-se ao ruído que ouviram quando os tremores iniciaram. Depois do terremoto, um milhão de pessoas ficaram desabrigadas, a maioria em Porto Príncipe, que nunca pareceu tão cheia como agora. Boa parte das pessoas que saíram da cidade, fugindo da fase imediata depois da catástrofe, está retornando. De acordo com a reportagem da revista *The New Yorker*, de 6 de setembro de 2010, com base em dados fornecidos pela Digicel – maior companhia de celulares do país, que acompanha os movimentos demográficos de seus usuários –, as pessoas têm voltado dos campos com seus familiares em busca de emprego. Isso significa que Porto Príncipe passou a representar 23% da população total do país.

Ainda segundo a revista, se medidas drásticas não forem tomadas, até 2015 essa população pode dobrar.

Ao conversar com haitianos, ouvi vários dizendo que não votariam em novembro, quando as eleições ocorressem. Hélène, professora de francês cujas aulas eram na base, explicou-me que votar ou não em nada mudaria. Questionei-lhe por que então continuava no Haiti, se não fosse melhor ir embora, uma vez que era inteligente, bem formada e dona dessa opinião tão pessimista a respeito do futuro de seu país. Respondeu-me, entretanto, que não: era seu país, nascera ali e achava que deveria permanecer. Acreditei ser uma pessoa mais intelectualizada e, portanto, considerar as eleições como um momento de muitas possibilidades de mudanças e melhorias, mas ela não pensava assim. Se Hélène tinha essa opinião, imaginei o resto da população menos intelectualizada: ou não votaria, ou poderia ser facilmente manobrada por candidatos mal-intencionados.

A tropa brasileira desempenhou importante função no pleito, ao fazer a segurança durante o processo de votação, além de atuar na prevenção de conflitos e manifestações que pudessem ter um desfecho menos favorável. Sob sua responsabilidade estava também a distribuição do material eleitoral, como urnas e cédulas, por todo o país. Até mesmo os militares de saúde estiveram envolvidos nessa operação e fizeram a segurança das urnas.

O dia da eleição foi aguardado com apreensão. Não pudemos sair em viagem durante os 15 dias que a antecederam. Ao longo do dia foram registradas poucas intercorrências, como algumas manifestações em bairros do centro da cidade, facilmente debeladas. Passaríamos ainda pela divulgação dos resultados, ocorrida em janeiro, depois de diversas denúncias de irregularidades e a recontagem dos votos. Três candidatos foram os mais votados, e, após a desistência de um deles, o segundo turno foi disputado em março de 2011. Em maio, tivemos a notícia da posse do novo presidente haitiano: Michel Martelly, ex-músico de *konpa*, um estilo afro-caribenho muito popular no país. Não poderia ser um presidente de estilo pessoal mais diverso do que René Préval, seu antecessor. Enquanto Martelly é dono de uma personalidade esfuziante, própria de um artista, Préval é bastante introspectivo, muito criticado por falar pouco com a população no período do terremoto. Em termos de comportamento, talvez “Sweet Micky”, como o novo presidente costumava

ser chamado, tenha uma personalidade mais extrovertida, ao feitio dos políticos mais proeminentes da recente história do Haiti, como Duvalier e Aristide. Esperamos que exerça um bom governo.

Durante esse período, seguimos com nossas atividades na base. Uma delas, depois do expediente, era a corrida diária em torno do Camp Charlie. Durante alguns sábados foi feito um “corridão” com toda a tropa, mas, com o passar do tempo, a ideia foi abandonada, por caminhadas e corridas feitas de modo individual. Acredito que todos estavam preocupados em manter o peso, pois era notório muitos militares retornarem ao Brasil bem mais pesados. Eu mesma aproveitei o período para melhorar meu condicionamento. Essas corridas à tardinha contavam com a beleza do entardecer, como já afirmei em outras ocasiões. A beleza do sol pondo-se atrás das montanhas e a lua surgindo em seguida. Pergunte a qualquer pessoa que já tivesse olhado para aquele céu de tom avermelhado, mas tenha em mente que nem todos fizeram isso. Alguns preferiam ver somente o que havia de triste ou difícil, como se a vida fosse assim em todos os lugares. Tal qual viver, a missão é uma escolha individual.

Muitas vezes, quando me comunicava com amigos no Brasil, a pergunta mais frequente era: “Tem vivenciado muitas tristezas?” Sim, é fato vivenciá-las, mas a tônica não era essa. Passei por grandes alegrias, aliás, mais alegrias do que tristezas. Estas nos acompanham em todos os lugares, e não é necessário sair de casa para encontrá-las. É bastante difícil para algumas pessoas, não todas, entenderem isso.

Enquanto corríamos ou caminhávamos pela Companhia, podíamos ver também o lindo ajardinamento feito pelo sargento Josias, que manteve a Companhia impecável durante todo o período quando por lá estive. Claro que a limpeza e o capricho dos canteiros contavam com a colaboração e consciência de todos que viviam ali. Josias era incansável na poda e no plantio de flores lindas e da grama que quebrava a aridez do concreto; deixava a Companhia graciosa, um ar de cidade pequena, onde os moradores concorrem para ver quem tem o jardim mais belo. Ele, tenente Seabra e os sargentos Juliano e Miolo cuidavam da manutenção da Companhia. Faziam parte da chamada “prefeitura”, e Seabra era nosso “prefeito”.

Pelo Camp Charlie corriam também alguns cachorros. Todos muito bem tratados, gordinhos até, que de lá de dentro não saíam de

jeito algum. Imagina perder a boa vida? Eles estavam tão acostumados conosco, que se mantinham deitados no meio do caminho e não saíam nem quando passávamos correndo ou caminhando. Acho que já confiavam que ninguém lhes faria mal. Aliás, cães em quartéis são folclóricos: no quartel em São Gabriel, onde fizemos nosso treinamento, havia uma collie muito bonita, já velhinha, chamada Baioneta. Ela seguia os soldados em forma, como se também cumprisse as ordens do comandante. Os cães da base no Haiti não eram diferentes.

Nas ilhas do Caribe encontramos muitos lagartos, e o Haiti não fugia à regra. Em nosso alojamento sempre recebíamos a visita de alguns, que gostavam muito de entrar em nossos coturnos. Acontecia uma coisa curiosa: possuíamos dois banheiros, um de frente para o outro. Em um deles, a população de pererecas era perene, e no outro havia sempre lagartixas. Uma não invadia o território da outra, como se houvesse um acordo tácito entre as duas espécies. Desconheço se uma é predadora da outra, mas, no final, um banheiro era das pererecas e o outro das lagartixas. E assim conviveram bem durante toda a missão.

Um acontecimento triste com relação aos animais foi o de uma gatinha que apareceu na base. Gatos são muito raros no Haiti. Dizem que a população costuma comê-los, mas não sei se esse é o real motivo. O fato é que essa gatinha apareceu esfomeada e com uma ferida no pescoço. Começamos a alimentá-la, e ela vinha todas as noites ao nosso alojamento requisitar sua refeição. Já deixávamos um pratinho com água limpa para que bebesse e tratamos de sua feridinha, que melhorava a cada dia. Em um sábado, fui chamada às pressas à zona de contêineres dos oficiais masculinos: a gatinha jazia inerte no chão. Aparentemente havia consumido algum tipo de veneno. Fiz massagem cardíaca e, com ajuda do pessoal da seção de saúde, conseguimos pegar um acesso venoso e até administrar algumas drogas na tentativa de reverter o quadro, mas infelizmente a gatinha sobreviveu por poucas horas.



Feirinha

Um dos programas mais tradicionais para os militares brasileiros em missão no Haiti é a feirinha *bon bagay* dos sábados. Na entrada do Camp Charlie, nesses dias pela manhã, haitianos organizavam-se sob guarda-sóis, quase todos com a propaganda de uma grande empresa de celulares. Ali se vendia de tudo: roupas de marca, tênis pouco usados, igualmente de marcas famosas, artesanato, cigarros, alguns eletrônicos, material para camping, enfim, coisas que, segundo informações, foram doadas aos haitianos, mas vendiam aos estrangeiros que estavam no país.

Havia um produto que se tornou verdadeiro uniforme entre os militares: as camisetas de times de seleções de futebol de diversos países. Quando estive em Punta Cana, olhei para um grupo de brasileiros sentados no café da manhã do hotel e disse para minha mãe, que estava comigo:

– São militares.

– Você os reconheceu pelo corte de cabelo? – perguntou minha mãe.

– Não – respondi rapidamente. – Foi pelas camisetas *bon bagay*.

Essas camisetas que, no Brasil, custavam centenas de reais cada uma, no Haiti eram encontradas em lotes de três por 20 dólares. Acho que eram ponta de estoque do fabricante, pois algumas trazidas ao Brasil tinham pequenos defeitos de fabricação. Ainda assim muita gente recebeu as tais camisetas de presente no Brasil e, na base, era modelo obrigatório dos militares em seus períodos de folga.

Muita gente vinha carregada de sacolas da feirinha com tênis para os filhos, pen drives, DVD players portáteis, relógios e belas peças de artesanato. A feirinha começava lá pelas 9h da manhã e se prolongava até

depois das 3h da tarde. Sob sol forte, mulheres e homens faziam seu comércio, almoçavam e conversavam. Tudo muito naturalmente. Ao fazer concorrência com os locais, os nepaleses, durante a feira, vinham discretamente oferecer suas famosas facas *gurka* para quem por ali passasse. Essas facas são tradicionais da guarda do país. Possuem a lâmina curva e a bainha decorada com moedinhas. São bonitas e muito apreciadas por admiradores de facas.

Aos sábados, com o clima mais descontraído, também aconteciam as reuniões sociais, nas quais havia muita música e bate-papo. Surgiu na Companhia uma confraria dos apreciadores de charutos, que, aliás, eram também vendidos na feirinha. Não sei se eram legítimos, mas víamos uma profusão de Cohibas a preços suspeitamente baixos. Havia também os militares que traziam os charutos de suas viagens de *leave e rest*, seguramente de procedência mais confiável.

Já na segunda metade da missão, iniciou-se o trabalho da confecção da tradicional revista, que em todos os contingentes é impressa e mostra as atividades realizadas no período. O setor responsável pela confecção da revista era o G7, relações públicas. Nessa revista, eram feitas matérias sobre as obras nas quais a Engenharia esteve envolvida e todas as outras atividades e peculiaridades que fossem interessantes. O responsável pela montagem da revista foi o tenente Lorenzo.

Lorenzo era uma figura elétrica, agitada, fazia mil coisas ao mesmo tempo. Durante o preparo, ministrou palestras ótimas para a tropa, já que essa era a sua segunda vez no Haiti. Ele, além de relações públicas, fazia as vezes de agente de viagem – ajudava-nos na compra de pacotes turísticos para a República Dominicana –, fotógrafo, intérprete – fala muito bem inglês e espanhol –, além de ser uma das figuras mais folclóricas da Companhia. Quando começou a montar a revista, reuniu as fotos necessárias e convocou os componentes de cada seção para sessões de fotos em que estivéssemos exercendo nossas atividades. Lorenzo passou um bom tempo tentando reunir todos da área de saúde para fazer as fotos que queria, mas nunca conseguia fazê-lo. Toda vez em que nos encontrava, dizia: “Temos de tirar as fotos da seção”. Até que, um dia, desistiu de juntar todos e fotografou quem estava por lá mesmo.

Outra matéria tratava a respeito de uma dessas peculiaridades daquela missão: a primeira vez que mulheres compunham o efetivo da Companhia. Para tanto, Lorenzo queria fazer fotos especiais, com ilu-

minação correta e tudo o mais. Convocou-nos após o meio-dia, quando, segundo ele, o sol estaria em boa posição para as fotos. Paramentadas com o “tudão” – capacete, colete e luvinhas –, lá fomos para as fotos. Lorenzo, contudo, não queria fotos com poses tradicionais, e sim um astral cinematográfico. Inspirou-se no filme *Quatro mulheres e um destino*, o qual, no cartaz, as personagens principais – quatro mulheres moradoras do velho oeste americano – portavam pistolas e caminhavam na direção do espectador.

Eu, Carolina, Bicca, Duarte e major Gizele fomos em direção ao sol, voltamos contra ele e andamos de um lado para o outro, até que Lorenzo deu-se por satisfeito com nossas poses. As fotos ficaram boas. No entanto, depois de impressa a revista, ele ainda achou ruim o fato de não termos feito cara de “malvadas”. Lorenzo, realmente, assiste a filmes demais!



Andanças

No transcorrer da missão, tive a oportunidade de conhecer alguns serviços de saúde locais. Alguns militares apresentaram problemas de saúde e necessitaram ser submetidos a alguns exames complementares, como o ultrassom. Tal exame não estava disponível no hospital argentino na época. Buscamos então uma clínica particular que realizasse esses exames. O hospital forneceu-nos uma relação de clínicas em Porto Príncipe que dispunham desses recursos. Aliás, o próprio hospital servia-se de alguns serviços médicos especializados locais, quando se fazia necessário.

Peguei a lista com os locais e, em determinada manhã, saímos em busca da clínica para fazer o ultrassom de um paciente. Munidos de um mapa, fomos em direção ao centro da cidade. Nas proximidades do Palácio Nacional – agora uma triste ruína que lembrava incessantemente o terremoto –, havia várias clínicas e consultórios. Entramos na primeira da lista. Era uma clínica com várias especialidades, de aspecto um pouco lúgubre, na qual o atendimento deixava muito a desejar. As informações eram um pouco desencontradas, e o preço cobrado extorsivo. Resolvi andar um pouco mais.

Encontramos, enfim, uma clínica de radiologia mesmo, com ultrassom, tomografia, RX e mamografia. O prédio era modesto, porém limpo. As pessoas estavam acomodadas confortavelmente em uma sala de espera com ar-condicionado; as recepcionistas bem-humoradas. Assim que chegamos, fomos bem atendidos, e, em seguida, nosso paciente foi chamado para fazer seu exame. O preço não diferia da média praticada no Brasil. Ou seja, mesmo pelo fato de sermos militares, não tentaram nos explorar: cobraram o mesmo valor que seria devido por qualquer um.

Um senhor passou pela sala de espera e viu nosso braçal de saúde, com a cruz vermelha e perguntou se eu era médica. Ante a minha confirmação, convidou-me para conhecer a clínica. Era o proprietário. Médico, formado em Porto Príncipe na década de 1950, fez sua residência nos Estados Unidos. A médica que realizava o exame de nosso paciente era dominicana, também com formação impecável. Isso mostra que no país há profissionais de boa formação e com atuação de excelência.

O interior da clínica era semelhante ou melhor do que muitas clínicas de nosso país. O exterior contrastava: ao sairmos, logo ao lado, havia casebres semidestruídos e, mais adiante, uma feira onde se vendiam alimentos em meio a bastante sujeira. O primeiro mundo era apenas da porta para dentro.

Senti grande satisfação ao conhecer essa clínica. Às vezes eu me perguntava se poderia viver no Haiti com minha profissão, se não fosse o Exército. Ao conhecer esse serviço, vi médicos que trabalhavam normalmente e tinham as mesmas lutas que os médicos brasileiros. Esforçam-se para manter suas clínicas, para ter boa formação e dar o melhor a seus pacientes. Mais uma vez comprovei a vida seguindo depois da tragédia. Quando conto a respeito desse fato, algumas pessoas olham-me com espanto:

– Mamografia? Fazer mamografia no Haiti, onde todos estão morrendo de fome?

– Sim, mas o câncer de mama também ocorre entre as haitianas.

– Tomografia?

– Ora, e os traumas, os tumores? – lembrava-lhes. – Só por que o país é pobre, as pessoas não são dignas de receberem uma medicina preventiva de qualidade?

– Ultrassonografia?

– Vi várias grávidas na sala de espera – explicava pacientemente – e concluí que sim, uma parcela da população, nem tão mais abastada, fazia um pré-natal decente.

Houve um tempo no Brasil em que os serviços de saúde foram bem mais precários do que são hoje, e o acesso a eles muito difícil. Ao longo dos últimos anos, temos de admitir que o acesso à saúde melhorou. Acredito que, em questão de anos ou, quem sabe, na próxima geração, os haitianos também possam olhar para trás e fazer essa observação. A existência dos profissionais qualifica a sociedade e dá essa esperança, afinal as grandes transformações sociais em todos os países partiram do povo.

No caminho de volta, aproveitamos para fotografar o Palácio Nacional e a Catedral também destruída. Restaram algumas paredes em pé, e um vitral com desenho de um sol com uma face de homem no centro. Era o sol mais uma vez presente, fosse no céu, fosse na arte. Ao olhar a foto que tirei do palácio, percebe-se que a parte central está ruída, como bolo desabado. Sua base jaz no chão e o telhado, em forma de cúpula branca, caiu inteiro sobre as paredes. Nessa foto, há também uma montanha ao fundo e algumas nuvens. Uma das nuvens está bem no centro, pontuda, em forma de torre, disposta como se fosse a continuação da parte ruída em direção ao céu.

Vários prédios públicos estavam localizados naquele entorno. Agora, na praça central, há um campo de deslocados com suas indefectíveis barracas brancas e azuis. É um local bastante emblemático. O mundo todo viu a imagem do palácio, uma das construções mais belas do país. De repente, uma viatura brasileira passa por nós e faz uma das incontáveis patrulhas. Era hora de voltar para casa, antes que o trânsito piorasse. Como se isso fosse realmente possível.



‘Medal Parade’

E stávamos prestes a completar três meses de missão, o que nos conferia o direito à medalha das Nações Unidas. Depois de comparecermos a várias cerimônias de recebimento de medalha de tropas estrangeiras, chegava agora a nossa vez. Com a proximidade da cerimônia, iniciaram-se os treinamentos para o evento, o que poderia significar horas em pé.

A primeira notícia foi com relação ao hino haitiano: teríamos de aprendê-lo, já que o entoaríamos na ocasião. A princípio parecia um tanto absurdo, pois a maioria da tropa não falava francês, língua na qual o hino foi composto. Recebemos então um papel com a letra e, ao lado, os fonemas das palavras. As pessoas cantavam, mas não sabiam nem o que estavam dizendo. Ante essa dificuldade, depois na cerimônia foi instalado um telão, no qual aparecia a letra do hino. No final, foi uma bela homenagem dos brasileiros aos haitianos.

E, como prevíamos, os treinamentos foram feitos de muita espera, muita marcha e longos períodos em pé. Enquanto os organizadores – eu costumava brincar, chamando-lhes “os coreógrafos” – resolviam quem desfilaria primeiro, como a tropa procederia em frente ao palanque das autoridades ou em que momento quem discursa, nós esperávamos pacientemente. Contudo a paciência, parece-me, é um desses atributos que desenvolvemos ao longo da vida no Exército. Além de, claro, varizes.

O dia 3 de dezembro foi escolhido para a nossa cerimônia. No horário determinado, dirigimo-nos ao pátio do Brabatt 1, onde tomaríamos nosso “lugar no dispositivo”.⁸ A medalha seria recebida por nós da

⁸ Aqui a expressão “dispositivo” é utilizada como jargão militar: todos os militares perfilados formam um dispositivo.

Engenharia e pelas duas tropas de infantaria, com um pelotão paraguaio que estava subordinado ao Brabatt 1 e à Marinha brasileira.

A solenidade contaria com a presença de várias autoridades locais e estrangeiras, além de militares de alta patente, brasileiros e de outros países. O evento aconteceria da seguinte forma: depois dos discursos das autoridades e execução dos hinos brasileiro e haitiano, haveria a entrega das medalhas. Alguns oficiais seguiriam até a frente do palanque das autoridades, onde receberiam a sua insígnia das mãos do *Force Commander*, um general brasileiro; de seu vice, ou *deputy*, como até os que não são de países de língua inglesa o chamam; e do próprio diretor da MINUSTAH. Depois que esses tivessem recebido a sua condecoração, cada um retornaria ao seu local original, em frente a uma coluna de militares, porém virados de frente de modo a colocar a medalha no próximo militar, seguindo assim até os últimos da fila. Achei o modelo prático, pois demorava menos do que se o comandante fosse condecorar cada um, além de muito mais simbólico. Afinal, o comandante não se torna um companheiro tão próximo como aquele que trabalha a seu lado. Isso deu uma impressão de igualdade; os semelhantes se condecorando. Achei bonito. Recebi a minha medalha do tal *deputy* do *Force Commander* e ainda revejo a foto. Ele era chileno. Apresentei-me e agradei em espanhol, ao que ele respondeu com um sorrisinho. Depois fiquei imaginando se havia falado algo errado ou se fora somente gentileza dele.

Receber essa medalha significava muita coisa. No meu caso, neófito na carreira militar, foi a primeira vez em que fui condecorada. Conversando com os mais antigos na carreira e que já receberam várias distinções desse tipo, a medalha de uma missão de paz traz mais do que simples simbologia por serviços prestados. É condecoração que representa sacrifício pessoal bem palpável: a distância da família, a adaptação a um lugar diferente e o medo do desconhecido nos momentos iniciais, quando ainda não se está habituado à rotina, ou quando, como no caso do Haiti, há a possibilidade de tanta coisa acontecer. É uma medalha que o militar sabe que será agraciado se for a termo na missão. Entretanto, como o período de trabalho é condensado em seis meses, consegue-se visualizar bem tudo pelo que se passou para recebê-la. É diferente da medalha por tempo de serviço, por exemplo, pois será difícil para o militar lembrar tudo vivido no período em que fez jus à medalha.

Depois que a recebi e condecorei o companheiro que estava atrás de mim, relembrei o momento quando fui noticiada sobre minha seleção à missão. Servia no interior de Minas Gerais, em Uberlândia, no 36º Batalhão de Infantaria Motorizada; em uma tarde o batalhão recebeu um fax que comunicava a seleção e fornecia alguns telefones para entrar em contato. Desde aquele dia, em dezembro de 2009, minha vida ficou condicionada ao período no qual passaria no Haiti. Minha família envolveu-se da mesma forma, especialmente depois do episódio do terremoto, quando, muitas vezes, fui questionada se deveria ir ou não. Isso nunca ocorreu por parte de meus familiares, pois, repito, sempre me apoiaram na decisão de ir à missão. Minha mãe, inclusive, participou do treinamento. Por ter trabalho ao longo de 12 anos em uma organização não governamental de Santo Ângelo, o Grupo Vida, que prestava apoio a pessoas com HIV/Aids, sobretudo na questão da prevenção, adquiriu vasta experiência para falar com o público sobre o tema. Nada mais natural que viesse colaborar no treinamento e ministrasse palestra sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Participou graciosa e voluntariamente, além de ter conhecido as pessoas que estariam convivendo comigo durante os próximos seis meses.

Relembrei passagens de nosso treinamento, o frio da minha terra, nossa despedida em Santa Maria, o choro coletivo que uniu todos que ficaram em solo, minha primeira impressão ao vislumbrar o solo haitiano. Naquele momento senti uma saudade infinita da família. Queria muito que minha mãe e meu irmão estivessem comigo compartilhando esse instante. Aquela sensação de que parte do dever estava cumprida, apesar de ainda termos metade da missão pela frente, e muito ainda iria acontecer. Sabia que, naquele momento, eles pensavam em mim, e meu pai, onde quer que estivesse, olhava também por sua filha. Ele costumava dizer: “estava sempre inventando alguma coisa”.

Não sei se essa expressão usada por meu pai em relação a estar “inventando alguma coisa” poderia ser aplicada. Talvez “buscando alguma coisa” fosse mais adequada à ocasião. Contudo, buscando o quê? Cada um tinha o seu motivo para ir à missão e eu, confesso, ainda não conseguia vislumbrar o meu. Claro que havia o gosto por viagens, pelo desconhecido, pelas coisas novas e diferentes da minha rotina que me trariam essa oportunidade. Todavia, eu ainda acreditava em uma razão mais profunda que o meu destino previa desde o começo da minha existência: uma parada nessa ilha.

Por que conhecer pessoas de realidade tão distinta da minha? Por que a amizade com outras de tão longe? Por que a convivência, a atração e os sentimentos surgidos nesse período? Foram experiências pelas quais tive de passar; afetos que mereci cultivar e lembranças que estarão para sempre na minha memória. Uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, sem dúvida, mas acho que essa definição seria simplória por demais. Foi, na verdade, viver o Haiti com tudo o que vinha junto.

Ainda em forma, sentia-me muito feliz por dividir esse momento com os militares que passaram todo esse período comigo. Nossa Companhia era composta por 250 militares, o que tornava possível o contato com todos. Hoje, ao olhar a revista com as fotos de cada um, vejo, de fato, que em algum momento cheguei a conversar com todos; alguns mais, outros menos, o que é muito difícil de acontecer em quartéis maiores. Hoje em dia, por exemplo, sirvo em uma organização militar de saúde imensa, onde se passam meses sem encontrar um conhecido, o que torna o convívio bastante impessoal. No Haiti não. Compartilhamos dias, noites, finais de semana e dias consagrados, como o Natal, por exemplo. Isso estreitou muito os laços entre todos. Jamais imaginaria a saudade que viria a sentir daquele instante que passava.

Depois, quando rompemos a marcha, podia ver o mesmo sentimento compartilhado por todos os que estavam em forma. O orgulho de representar nosso país ali, longe de casa, era muito gratificante. Isso pode parecer um tanto piegas, mas se não fôssemos esses seres extremamente sentimentais, qual a graça disso tudo?

Depois da cerimônia, houve uma recepção no Bar Brasil, no Brabatt 1, destinada às autoridades. Porém cada unidade realizou também a própria comemoração. A nossa, na Engenharia, tradicionalmente era a mais animada, com nossos músicos e o astral do pessoal sempre pronto para a festa. O pessoal do rancho também se superou e preparou um coquetel com comidinhas deliciosas e leves, que acompanhavam muito bem a cervejinha de uma marca tradicional nossa, trazida da República Dominicana. Isso era para garantir o próximo dia sem a dor de cabeça que as cervejas locais costumavam deixar.

De início estava presente somente o pessoal da Companhia mesmo, mas, logo em seguida, começaram a chegar nossos amigos vindos das outras unidades. A música brasileira evocava muita nostalgia. O axé

da Bahia e o forró embalavam os militares que comemoravam importante etapa a ser vencida. Para muitos, como eu, era a primeira condecoração. Especialmente para os soldados mais jovens, a emoção era evidente.

De muitos ouvi palavras de agradecimento pelo apoio prestado e pela amizade. Isso, para mim, valia tanto ou mais do que a medalha. A festa durou até que o cansaço vencesse-nos. Dormimos cientes de que, no outro dia, iniciariamos nova etapa da missão.

Capítulo 18



Natal

O final do ano se aproximava e, com ele, muitos trabalhos importantes, como o Natal do Blessing. A exemplo do que foi feito no Dia das Crianças, queríamos realizar um evento inesquecível para elas e para nós também. A organização mais uma vez ficou a cargo do G7, auxiliado por Bicca, Carolina e Duarte. O esquema de padrinhos foi mantido e, novamente, teríamos uma festa na Companhia, nos mesmos moldes da anterior.

O clima de Natal estava instaurado por toda a Companhia. Major Gizele, auxiliada pelo soldado Neves, decorou a Companhia com enfeites natalinos e os característicos pisca-piscas. Foi montada uma árvore muito bonita na área de formaturas, assim como outra, igualmente linda, para as crianças no orfanato. Encontramos enfeites para a venda em um mercado que costumávamos frequentar, próximo à embaixada americana: a Maison Handal.

Na noite do dia 24 de dezembro, parte dos componentes da Companhia estava viajando. Alguns retornaram ao Brasil para encontrar suas famílias. Aqueles que ficaram comemoraram juntos, e era inegável perceber certo clima melancólico. Todos se lembraram de seus familiares que estavam longe. Acredito ter sido difícil, especialmente para aqueles com filhos pequenos.

Um auto de Natal foi encenado pelos componentes da Companhia. Muito bem montado, os integrantes da peça estavam sentados em meio a todos e, quando era o momento de sua deixa, levantavam-se por entre os demais para dizerem suas falas. A sargento Duarte foi Maria, mãe de Jesus. O auto narrou o momento quando José e Maria procuravam um local para que ela pudesse dar à luz. A família buscava abrigo,

mas não encontrava, até que se alojaram na manjedoura onde Jesus finalmente nasceu. Foi muito bonito e singelo. Os integrantes usavam o uniforme da Companhia, sem nenhuma caracterização especial, o que deu um tom muito pessoal. Interpretei como se o Natal estivesse em cada um de nós. Foi bastante emocionante, mesmo havendo uma passagem, de certa forma, engraçada. Aconteceu enquanto Maria e José recebiam negativas dos donos de estalagem onde pediam abrigo. Um dos militares que interpretava esse papel era o subtenente Nelson. Quando chegou o momento de sua fala, Nelson levantou-se e resumiu-se a dizer: “Está lotado!”, com os braços levantados e um ar de indignação. Por sua excelente atuação, Nelson ouviu o bordão “está lotado” até o final da missão.

Depois da peça, foi servido um delicioso jantar, com tudo a que o Natal faz jus: peru, panetone, frutas secas – mais uma vez o pessoal do rancho superava-se. Depois do jantar, o tenente Lorenzo e o sargento Ângelo assumiram os microfones e iniciaram as atividades. A seguir, passaram um vídeo com mensagem de fé e esperança, próprios para a ocasião, e fomos surpreendidos com a chegada do nosso Papai Noel. O soldado Souza Silva, nosso querido “Suíno”, como era carinhosamente chamado na Companhia, encarnou o personagem com a roupa característica e fez a entrega de uma lembrança a cada um dos militares ali presentes.

Foi um Natal diferente de todos que já vivi. Não me sentia só, apesar da falta que minha família fazia. Achei tudo muito singelo e bonito, e todos se sentiram um pouquinho em casa. Um pouquinho de Jesus no coração.

O Natal do Blessing foi no outro dia. Dessa vez as crianças escreveram cartinhas ao Papai Noel, pedindo seus presentes. Houve algumas que pediram motos e carros, fantasias que crianças podem e devem ter o direito de exercer; mas a maioria pedia roupas, tênis, alguns brinquedos e material escolar. Os presentes seriam comprados mais uma vez pelos padrinhos; entretanto, quem haveria de fazer a entrega seria o Papai Noel em pessoa.

E quem seria a encarnação do bom velhinho no Haiti? Houve uma preocupação anterior em saber se na cultura do Haiti havia um Papai Noel, como estamos acostumados. Contudo, a cultura de um Natal branco, liderado pelo senhor de vermelho, realmente atinge todo o Ocidente e povoa a fantasia de todas as crianças haitianas, bem como a das brasileiras, americanas ou francesas, para usar como exemplo.

Vários militares foram aventados para ser o Papai Noel. Os critérios variavam: os mais velhos, os que aparentemente tinham mais afinidade com as crianças e até o que tinha a maior barriga foi cogitado. No entanto, um aspecto interessante devia ser levado em conta: o Papai Noel precisava ser capaz de se comunicar com os pequenos. Com isso, o escolhido foi o sargento Dias, que era fluente em francês.

Dias possuía um tipo físico magro, mas isso não foi problema. A fantasia havia sido uma doação trazida de Miami – devo lembrar que vários militares, depois de relatarem o trabalho realizado no orfanato, trouxeram na bagagem de retorno do *leave* ou *rest* diversas doações feitas por amigos e familiares – e era um traje muito bem feito. A barba branca, bastante volumosa, dava um ar de sisudez ao Dias, que vivia sorrindo. Somado a isso, uma barriga enorme foi posta por baixo da roupa e o deixou perfeito!

Mais uma vez, o dia foi programado com diversas atividades para as crianças, assim como a alimentação na Companhia. Todos dançaram e cantaram, dos grandes aos pequeninos. Partidas de futebol foram o ponto alto para os amantes do esporte. As brincadeiras de roda e de pular corda transportaram todos para as próprias infâncias. Aqueles que não viajaram ao Brasil no final do ano aproveitaram para festejar ali como se estivessem com seus filhos.

Colchonetes dispostos pelo chão já estavam lotados com crianças cansadas – e alguns adultos também. Começou então a entrega dos presentes. Dias chegou em seu “carro de Papai Noel”: um jipe especialmente decorado, que trazia o Papai Noel sentado em um reboque. Ele, por sua vez, era auxiliado por seus “duendes”: Bicca e sargento Israel. As crianças olhavam estupefatas! Algumas choravam assustadas, mas a maioria estava encantada com a chegada triunfal do Papai Noel. Esther, a menininha que havia se juntado mais tarde ao orfanato, estava eufórica. Corria de um lado para o outro e agarrava-se em minhas pernas rindo.

Dias entrou e conversou em francês com as crianças, o que logo acalmou aqueles mais assustados. As crianças foram dispostas em um círculo ao redor dele, que trazia um saco enorme com os presentes identificados. A cada presente, ele chamava a criança com o padrinho. Minha afilhada, Malaika, foi bastante singela no seu pedido: material escolar, uma mochila e um tênis. Para acertarmos o número do calçado, os sargentos deram-se ao trabalho de medir o pezinho de cada um e assim

comprávamos sem chance de erro. Como Malaika já era uma mocinha, além do material escolar, comprei também um kit composto de relógio, óculos de sol e uma bolsinha, muito graciosos.

As crianças recebiam os presentes e abriam os pacotes com voracidade. Alguns nem conseguiam desembrulhá-los; tínhamos de ajudá-los, não porque não fossem capazes, mas porque a ansiedade era tanta que se atrapalhavam. Esther era afilhada do tenente Janilson e, assim que recebeu o pacote, correu ao meu encontro para ajudá-la e abri-lo. Ganhou linda boneca e não se conteve de alegria. Juntou-se às outras meninas que também ganharam bonecas e cada uma exibiu a sua. Os olhinhos de todos brilhavam com tantas coisas bonitas!

A melancolia da noite anterior fora totalmente dissipada pela alegria das crianças. Mais uma vez receberam presentes comprados especialmente para elas, pois alguém havia pensado em cada criança em particular. Aquele Natal foi mesmo inesquecível para todos.



Ano-Novo

Tenho recordações vívidas dos ruídos das noites na Companhia. O som insistente do britador lembrava uma canção do U2: *Mother of Disapperead*. O início dela sugeria o barulho que as mães da Praça de Mayo faziam em seus protestos, em Buenos Aires. O britador tinha esse mesmo som que, de tão repetitivo, acabava tornando-se imperceptível. A lembrança da música dava-me a impressão de que, a qualquer momento, um solo de guitarra irromperia e daria seguimento ao resto da canção.

Às vezes, quando eu ficava lendo na nossa área comum do alojamento, ouvia risos vindos dos contêineres dos soldados. Estes ficavam no passadiço em frente aos seus alojamentos, ouviam música ou conversavam com suas famílias pela internet. Os gaúchos reuniam-se para tomar chimarrão e conversar na mesma área e, por muitas vezes, juntei-me a eles. Não só eu, mas Bicca e nosso amigo Israel, um baiano que aprendeu a apreciar nossa bebida típica. Aliás, muitos eram os nordestinos que gostavam de chimarrão. O próprio subcomandante, major Emerson, pernambucano, era fã da bebida desde os tempos quando serviu no Rio Grande do Sul. Em muitas manhãs tomamos chimarrão juntos e falamos sobre os acontecimentos da Companhia e os planos para novas atividades.

Atrás dos contêineres femininos estavam alguns outros que, acredito, eram depósito de algum país que falava espanhol, não sei ao certo qual. Em algumas noites escutei suas vozes, quando buscavam por alguma coisa. Posteriormente, eles foram removidos, e um muro foi erguido no local pelo tenente Seabra e pelo sargento Juliano, que comandavam seus *bon bagays* na execução do trabalho.

Os latidos dos cães que andavam pela base, o miado da gatinha que vinha nos visitar e a campainha que soava no alojamento quando alguém queria falar conosco eram outros ruídos familiares aos meus ouvidos durante aqueles meses.

Contudo, na madrugada, o silêncio era imperativo. Na volta de algum atendimento na enfermaria durante esse período, às vezes perdia o sono e escutava os passos da sentinela fazendo sua ronda. Nada mais solitário do que a sentinela e seu fuzil andando pelos recônditos daquele espaço, enquanto todos dormiam. Somente há a lembrança dos ruídos diurnos a acompanhar-lhe no caminho mais solitário que alguém pode fazer. Pergunte a qualquer pessoa que faça algum serviço de ronda noturno se ela não tem a sensação de ser o único ser acordado na face da Terra, naquele momento.

O último dia de 2010 chegou. Eu mal podia acreditar, pois esse ano foi tão cheio de acontecimentos que nem percebi sua passagem. Fui incumbida de fazer algumas compras em Pétionville. Quem me levou foi o sargento Salvador, meu conterrâneo. Acostumada a brincar com ele, dizia ser o verdadeiro comandante da Companhia, pois conduzia o comando. Salvador era o motorista do comandante e, frequentemente, levava-nos aos orfanatos, hospitais e farmácias. Uma pessoa muito especial, um gaúcho que, como todos os outros, estava ansiando pela sua volta ao sul.

Passava do meio-dia e estávamos com fome. Resolvemos então almoçar em Pétionville, onde comemoraríamos nosso último almoço do ano. Salvador confidenciou seus planos quando voltasse para casa: aproveitar a folga e viajar com a esposa e os filhos pequenos. Visivelmente emocionado, contou-me que, quando se comunicava com os filhos, eles sempre lhe perguntavam “se faltava muito para o pai voltar”. Acho que o final do ano deixava-nos ainda mais emotivos quando nos referíamos a nossas famílias e, ao ter visto Salvador falar de seus filhos, senti uma saudade imensa do meu pai.

Fazia tempo que não pensava nele. Meu pai foi meu maior presente na vida e também minha maior perda. O maior presente, pois a conexão que compartilhávamos era única, uma verdadeira dádiva divina. Além da grande semelhança física, constantemente um complementava o pensamento do outro; nossos gostos eram muito semelhantes, nossa relação transcendia muito uma simples relação paternal: éramos, de fato, grandes amigos.

Quando nasci, meus pais eram muito jovens. Ele era um estudante de medicina. Na infância, eu tinha grande dificuldade para pegar no sono. Meus contos de fadas não eram com princesas nem bruxas, mas povoados por doenças, exames, livros com letrinhas miúdas e figuras feias, nos quais meu pai estudava e eu acompanhava ao lado. Muitas vezes, quando ele pegava no sono, eu o cutucava para que acordasse e seguisse lendo. O fato de eu ter me tornado médica foi uma evolução natural, ainda que a psicanálise deva ter outras explicações mais complexas. No fundo, eu queria ser igual àquele homem que amei e amo tanto. Quando se foi, levou parte de mim, de minha mãe e de meu irmão.

Fiquei imaginando o que aconteceria se ele ainda estivesse vivo. Tenho certeza de que teria vindo atrás de mim e estaria, seguramente, trabalhando de alguma maneira pelo Haiti. O meu maior exemplo profissional veio sempre dele: passou por vários reveses na vida, mas o amor pela medicina e pelos pacientes sempre prevaleceu.

Não sei o porquê da conversa com Salvador ter me remetido a esses pensamentos, mas sentia meu pai pertinho de mim naquele momento, como nunca havia sentido durante a missão toda. Nos primeiros tempos depois de sua morte, eu ficava muito triste e chorava quando pensava nele, o que ocorria quase todos os dias. Agora isso não mais acontecia. Quando alguma lembrança vinha à mente, como naquele momento, sentia-me invadida por imensa felicidade, uma sensação de calor no meu coração. Nas ocasiões em que tive dúvidas sobre o caminho a seguir ou com relação a decisões que tive de tomar, pensar em meu pai e ter essa sensação davam-me a certeza de ter feito a escolha certa.

Esse calor no peito, essa impressão de plenitude que eu experimentava ao pensar em meu pai no meio do Haiti deram-me enorme vontade de falar com minha mãe. Ao chegar à base, essa foi a primeira coisa que fiz.

A festa de Ano-Novo seria diferente para todos nós. Comemoraríamos longe de nossas famílias, mas isso não era novidade: muitos, eu incluída, já haviam passado essa data trabalhando. Seria diferente, pois estávamos em outro país e dividiríamos esse momento com nossos companheiros da missão, uma relação que se desenvolvia dia após dia. Essa seria mais uma experiência que fortaleceria esses laços.

O jantar foi servido às 22h. Arrumamo-nos para a festa como se estivéssemos no Brasil: os que faziam questão não abriram mão do

branco. A cor desse Ano-Novo, de acordo com os supersticiosos, era o amarelo, que muitos usaram na festa. Minha única reclamação – e das outras mulheres também – foi que as mesas foram postas na área de formaturas, com o solo forrado por pedrinhas britas, o que tornava o uso do salto alto quase que impraticável. Pode parecer besteira, uma futilidade, mas essas ocasiões em que trocávamos os coturnos e as fardas por uma roupa mais feminina eram muito importantes para nossa autoestima, além de não nos deixar esquecer que ainda éramos mulheres e vaidosas.

Antes da ceia, Lorenzo e Ângelo, do G7, propuseram uma brincadeira na qual enorme presente passava de mão em mão entre os componentes da Companhia. Cada um passava adiante para alguém que tivesse determinadas características, ou seja, a pessoa que julgava ser mais organizada, mais feliz, mais amiga e assim por diante. No final, depois da caixa passar pelas mãos de várias pessoas, o último a recebê-la distribuiu seu conteúdo entre todos: uma singela lembrança que falava sobre medidas simples para ser mais feliz no novo ano.

Depois do jantar, logo chegou o horário da virada. Muitos já o comemoravam, pois levavam em conta o horário do Brasil, onde o novo ano já tinha três horas de vida. Alguns fogos estouraram na Companhia, colorindo o céu já cheio de estrelas. Brindamos a chegada de 2011 com espumante. As emoções estavam à flor da pele. Abraços, lágrimas, declarações acaloradas de amizade e apreço que a emoção de uma data como essa trazem à tona.

Vários amigos vieram das outras unidades para comemorar o *réveillon*. Cada unidade dispunha da própria comemoração, mas, depois dos brindes, as visitas apareciam. Recebi votos inesquecíveis de bom ano. Desejos que, quando os relembro, deixam-me extremamente feliz, pois sei que foram sinceros. Desejos recíprocos, que nasceram inesperados e cresceram ainda mais repentinamente, como todos os sentimentos sem previsão nem planejamento. Votos que estarão eternamente na lembrança de um Ano-Novo que nunca envelhecerá, que será sempre o feliz Ano-Novo do Haiti.

No telão montado no pátio da Companhia, a música brasileira embalava a festa. Não houve dança nem muito barulho. A exemplo do Natal, certa melancolia imperava no ar, acredito ser pela saudade de casa. Víamos sorrisos e conversas de esperança: a missão encaminhava-se para o final, e, em 20 dias, o primeiro grupo já embarcaria de vol-

ta para o Brasil. Muitos estavam animados com a proximidade da volta para casa depois de tanto tempo.

No começo da madrugada, recolhi-me mais uma vez e escutei os ruídos que me acompanhavam naquelas noites.



Comemorações

Naqueles dias, aconteceu outra festa memorável: a homenagem aos aniversariantes do mês de janeiro, entre os quais eu me incluía. No dia 8 de janeiro, fez-se uma festa na área vip, na qual comemoramos, além do meu aniversário, o da major Gizele, o da capitã Fabiana, médica do Brabatt 1 e esposa do meu colega capitã Jackson, além dos aniversários de mais alguns militares da Companhia. Houve um coquetel com delicioso bolo, e a Companhia toda comemorou conosco, cantando, inclusive, o “Parabéns a você” a que tínhamos direito.

Entretanto, um pouco antes do início da festa, passamos por um susto: o major Emerson, nosso subcomandante, passou muito mal e teve de ser removido para o hospital argentino. Retornado havia pouco do Brasil, onde passara o *réveillon*, começou a manifestar sintomas de intensa gripe que evoluiu para pneumonia.

Sentimos muito sua falta na festa, mas, felizmente, em poucos dias estava de volta e recuperado. Major Emerson é um homem jovem e saudável, que se alimenta bem e exercita-se com regularidade. O fato de ele ter adoecido lembrava-nos de que todos eram suscetíveis a adoecer a qualquer momento, especialmente nestas circunstâncias: a distância de casa, a carga de trabalho e o retorno de longa viagem com muitas horas em avião lotado. Bom serviço de saúde é imprescindível em uma situação na qual vivíamos, com estoque de medicamentos sempre em dia, boas instalações e a possibilidade de realização de exames. Sabemos que nem todas as unidades nível 1 contavam com os recursos que possuíamos, mas estávamos sempre nos esforçando pela manutenção de nosso material e pela melhoria das instalações. Essa era uma batalha

travada por meio de muitos pedidos, documentos e incansáveis inspeções, nas quais nossa seção de saúde sempre se saiu muito bem.

Janeiro trazia também as trocas de comando dos outros países, que já iniciavam seu rodízio. Compareci à troca de comando do Chile, uma das tropas com a qual tivemos os laços mais estreitados pelos trabalhos em conjunto realizados com a Engenharia do Brasil.

A ordem unida do Exército chileno é um pouco diferente da nossa. Quando tomam a posição de sentido, batem com força seus calcanhares, o que ocasiona um barulho bem alto, com toda a tropa fazendo ao mesmo tempo. Dá até a impressão de que dói por tamanha força com que executam o movimento. Outra diferença é na posição de descansar que, diferentemente da nossa, não se coloca as mãos para trás. No mais, cantaram seu hino e depois executaram o hino do Haiti, momentos nos quais prestamos continência em respeito aos dois países. A cerimônia foi bem mais modesta do que costumam ser as trocas de comando das tropas brasileiras, até porque o efetivo chileno é bem menor, mas foi emocionante para nós, pois percebemos que nossa hora de voltar para casa estava próxima.

Em Tabarre, no Boulevard Quinze de Outubro, quase toda vez quando saímos da base em direção ao centro da cidade, passávamos em frente ao Parque Histórico da cana-de-açúcar. Tabarre, onde estávamos, está localizada na Plaine Du Cul-de-Sac, uma planície outrora fértil, que se estende até quase a República Dominicana. Na época da Revolução Haitiana, a região era uma das mais ricas do país. Canais irrigados e moinhos movidos por água tornaram essa região grande centro da produção de açúcar, graças também ao trabalho de milhares de escravos.

Esse parque é um dos remanescentes do sistema de *plantation*, posto abaixo com a independência do país, e é conhecido hoje como o Museu da Cana-de-açúcar. Construído onde costumava ser a Chateau-blond Plantation, em fins do século XIX, exhibe a céu aberto objetos relativos à produção de açúcar, como prensas, moendas e parte do aqueduto usado para mover o moinho. Lá também está exposto um pedaço de um trem sobre trilhos, que parece prestes a partir, levando um carregamento da produção de açúcar. Até o barulho dos carros que passam na movimentada rodovia em frente parece não penetrar os muros do agora museu, o que dá a impressão de que o tempo não passou naquele pedacinho do Haiti.

Porém, essa sensação logo se dissipa quando o visitante é abordado por um gentil garçom que pergunta, em francês, o que se deseja beber. Nesse instante entendemos que o tempo realmente não para, apesar de que o excelente rum haitiano servido ali seja também um remanescente de outras épocas.

Hoje, além do museu, funciona um restaurante no local, onde também costumam acontecer festas e shows. Ergueu-se bela infraestrutura para tais eventos, com palco bem iluminado e moderno sistema de som.

Em meados de janeiro, chegou a primeira parte do contingente que nos sucederia. Para marcar sua chegada, os chefes de seção e membros do estado-maior, tanto de um quanto do outro contingente, foram jantar no Cana-de-Açúcar. Eu fui representando o capitão Jackson, que estava de folga. Os pratos que lá servem são bastante interessantes. Notamos uma influência francesa, mas com toque local muito preponderante, que vemos nos peixes e carnes guarnecidos por bananas fritas, bem populares no Haiti.

Apesar da onipresente cerveja e dos vinhos, tanto franceses quanto chilenos, o rum é a bebida nacional. O delicioso *rum sour* foi eleito por mim e por outros integrantes da missão a melhor bebida local. Trata-se de um coquetel à base de rum, suco de limão e xarope. É muito bom se assim preparado, mas se torna inesquecível quando se usa, em vez do xarope doce comprado em qualquer supermercado, um pouquinho de melado de cana-de-açúcar haitiana. Fica soberbo se, em lugar de rum ordinário, esse melado for gentilmente misturado ao rum *anejo*, como se referem em espanhol ao rum envelhecido que, muitas vezes, como o *Barbancourt* cinco estrelas, pode ficar em um barril por 15 anos antes de ser consumido. Junte-se a essa mistura um leve toque de cereja ao marasquino e, *voilà!* O *rum sour* gelado é a perfeita companhia nas noites quentes haitianas, quando a Lua parece ainda mais próxima da Terra depois do segundo copo.

Nessa noite em especial, conversamos muito com alguns daqueles que seguiriam nosso trabalho depois de partimos. Pudemos, em ambiente informal, mas tão cheio da história do Haiti, passar um pouco de nossa experiência e das impressões que acumulamos nesses últimos seis meses. Guardávamos especial interesse em transmitir nossa paixão pelo trabalho no Blessing Hands, ao que, tanto o novo

comandante como a médica que chefiaria a seção de saúde, asseguraram-nos que seria mantido.

Naturalmente aqueles com as funções semelhantes acabaram encontrando mais assuntos em comum e aproximaram-se mais ao longo do jantar. Percebíamos o interesse daqueles que chegavam e, portanto, escutavam-nos atentos. Agora, passado alguns meses, imagino esses eventos como um ciclo: cada um que se vai deixa um pouquinho de si, das suas impressões àqueles que estão chegando.

Foi uma noite inesquecível, pintada com as cores da história do país em que nós, brasileiros, estávamos tomando parte.



12 de Janeiro

Fm 12 de janeiro de 2010, mais precisamente às 16h53min, a terra tremeu no Haiti. Naquele dia, eu estava na minha cidade, Santo Ângelo, onde passava férias. Ouvi a notícia na cozinha de nossa casa, enquanto tomava um chimarrão e conversava com minha mãe. Meu irmão, que assistia à televisão na sala, entrou correndo:

– Um terremoto destruiu o Haiti.

Corremos para frente da televisão. As notícias ainda eram poucas nas horas seguintes ao ocorrido, mas no outro dia já havia uma cobertura sobre tudo o que estava acontecendo no país. Várias pessoas cientes da minha ida ao país ligaram para falar a respeito. A morte da Dra. Zilda Arns, assim como a de todos os brasileiros que com ela pereceram na catástrofe, consternava o Brasil inteiro.

As cenas dramáticas dos salvamentos, crianças chorando sozinhas e as pessoas andando sem rumo pelas ruas enterneceram os corações de todo o mundo. Assistimos à atuação da tropa brasileira no resgate de sobreviventes e também dos corpos dos falecidos, mas nunca saberíamos a real dimensão do ocorrido se, durante nosso preparo em São Gabriel, não houvéssemos tido a chance de ouvir o relato de alguns militares que participaram dessas operações.

Ao conversar com um tenente que estava no Haiti durante o terremoto, perguntei-lhe sobre como ele lidou com suas emoções e as de sua família durante aquele período. A resposta obtida foi corajosa: “Eu me blindei”. Abrir mão do próprio medo, da própria incerteza frente ao desconhecido, ao que poderia afetar-lhe – uma vez que não estava ali porque havia ido ajudar, mas porque se encontrava no local e tornou-se, portanto,

um dos protagonistas da tragédia – fez-me admirar esse e todos aqueles que bravamente participaram dos resgates.

Quando chegamos ao Haiti, o contingente que substituímos havia chegado ao país logo em seguida ao terremoto. Os que passaram pela experiência lembravam sempre que faltavam poucos dias para que eles retornassem ao Brasil. Esses militares viveram a tragédia imediata: corpos ainda eram retirados dos escombros; feridos e mutilados andavam pelas ruas. O tenente Volpone, auxiliar de saúde, relatou-nos muito do que presenciou quando chegou. Contou-nos a respeito do trabalho de atendimento e reabilitação do Hospital Infantil Saint Damien, com o qual chegou a colaborar. Falou das pessoas pedindo ajuda pelas ruas, da instalação dos campos de deslocados para acomodar aqueles que não tinham mais casa para onde voltar, da tristeza que assolou o país inteiro, dos saques, da violência que já estava dominada, mas que por um breve período voltou à carga. A Engenharia teve participação marcante desde o primeiro momento: no resgate de feridos e corpos e na identificação desses últimos, além da remoção de escombros e entulho do meio de ruas e estradas.

Um dos fatos curiosos contados por um dos militares presentes durante o terremoto no Haiti foi justamente em relação ao entulho: a tropa passava o dia todo limpando uma área. Quando a julgava já livre, acabava a missão e retornava à base. No outro dia, quando pretendiam passar por aquele mesmo lugar, com a intenção de realizar limpeza em outra área, esta já estava novamente tomada pela sujeira, muitas vezes em quantidade ainda maior que no dia anterior. Isso acontecia porque as pessoas retiravam de suas casas pedras, ferros ou o que quer que tivessem de material de “destruição” e não de “construção”, para que os militares recolhessem. Era, segundo ele, um trabalho que nunca terminava.

Eu e todos aqueles selecionados para a missão ficamos em prontidão; porém, naquele momento, houve acertadamente a preferência em levar militares que já conheciam o país e assim se montou, às pressas, o Brabatt 2, o 2º Batalhão de infantaria, que seguiu para o Haiti com a missão de auxílio imediato ao terremoto. Fui questionada se ainda manteria a minha posição depois do ocorrido. O curioso, repito, é que esse questionamento não partiu de amigos civis ou de familiares, mas de colegas militares na unidade onde eu servia. Em momento algum titubeei. A sensação experimentada por diversas vezes era a de que deveria

partir imediatamente, mas a falta de treinamento prévio ou de preparo psicológico seria, com certeza, mais um fator que dificultaria o trabalho.

As chances de novo terremoto sempre existiram. Houve mesmo tremores durante a nossa estada lá, alguns colegas inclusive os sentiram. Confesso que nada percebi, até porque, em uma dessas ocasiões, estava dormindo.

Um ano havia se passado e agora estávamos no lugar daqueles militares os quais nos fizemos esses relatos. Nossa missão havia sido muito diferente daquela que eles haviam vivido. A experiência nunca é a mesma para todos. Eles viveram a tragédia, nós a ouvimos e vivemos as suas consequências.

A lembrança daquele 12 de janeiro não poderia passar em branco. Uma homenagem ao país, especialmente aos que faleceram no terremoto, foi planejada. Na Log Base, na exata hora em que o terremoto ocorreu, uma cerimônia com a presença de autoridades haitianas e internacionais, como o ex-presidente americano Bill Clinton, foi a maneira singela e emocionante encontrada para dizer ao Haiti e às famílias dos falecidos que eles jamais seriam esquecidos.

Outra solenidade foi realizada no Camp Charlie, no pátio do Brabatt 1, com a presença das tropas estrangeiras, governantes, embaixadores e representantes da ONU. Fui escalada para participar da recepção desses militares, mas não como médica e sim como intérprete. Conversei com muitas pessoas de diversos países, entre elas um coronel do Burundi, que ficou muito impressionado com o fato de eu ser brasileira, apesar de tão loira.

As tropas perfilarão-se no pátio, no qual se exibiam, em vários telões, cenas do Haiti e fotos com os nomes dos mortos. Nesses nomes, muitos brasileiros, militares de diversas patentes. Emocionei-me muito quando li seus nomes; pensei em suas famílias, na dor da perda de alguém amado de forma tão trágica e em um lugar tão longe de casa. O que se passou pela mente de cada uma dessas pessoas nos seus momentos derradeiros? Lembro-me de que, quando meu pai morreu depois de um infarto fulminante, fiquei um tempo remoendo a dúvida sobre se ele havia sentido muita dor nos momentos que precederam sua morte; se sentira medo naqueles instantes finais; se pensara em nós, sua família. Senti muito pelas famílias dos falecidos, pois essas dúvidas corroeram-me por tempos e, às vezes, ainda voltam. E são muito dolorosas. Só quem tem

a dor da perda consegue vislumbrar dor semelhante. Digo vislumbrar, pois ninguém tem condições de comparar a sua dor com a do próximo. Não existe uma medida, um sistema métrico que avalie o tamanho do que cada um sente. Existe a solidariedade em todos os sentimentos. Inclusive na dor da perda.

É importante que os familiares dos falecidos no terremoto saibam que ninguém se esqueceu de seu pai, sua mãe, seu esposo, seu filho ou sua filha. A memória sobrevive à morte física. Naquele dia, um ano depois que eles se foram, não haviam sido esquecidos. Centenas de pessoas estavam ali e prestavam homenagens àqueles que estavam trabalhando como nós, quando a fatalidade pegou-lhes de surpresa. Porque é o inesperado que nos surpreende e, quando ruim, chamamos-lhe assim: fatalidade. Apesar de que a vida seja cheia de tais acontecimentos, nenhum deve ser esquecido.

Depois da cerimônia, todos os oficiais brasileiros foram chamados a uma reunião com o representante do secretário-geral da ONU, que fez questão de agradecer o trabalho da tropa brasileira e elogiou a presença com que todas as ordens sempre foram cumpridas. Salientou os trabalhos de reconstrução do país e a rapidez com que foram formados o Brabatt 2 e o hospital de campanha, logo em seguida ao terremoto. Pareceu-me bastante genuína a sua declaração e devo dizer que, no pouco tempo de Exército, esse foi o momento no qual senti a importância que alcança o trabalho realizado pela instituição. Tarefas árduas, de muito suor e empenho. Um trabalho que implicou perdas inestimáveis, mas repleto de sentimentos, de entrega e de emoções como as quais encheram esse e todos os dias 12 de janeiro, que se seguirão de agora em diante.



Inauguração

Em meio a todos esses acontecimentos, as melhorias no Blessing Hands foram, enfim, concluídas. As barracas que antes ocupavam espaço no pátio foram retiradas. Em seu lugar ergueu-se um parquinho de diversões com balanços, escorregador e gangorra. Em vez da grande barraca escura e quente, agora as crianças participariam do culto e teriam aulas sob um telhado que protegia as cadeiras e mesas, onde poderiam ler e escrever confortavelmente, a salvo do calor ou da chuva.

Instalaram-se também máquina de lavar roupas e novo gerador, pois o anterior estava muito antigo. Agora, o trabalho para que todos tivessem roupas limpas seria mais fácil, e períodos de escuridão pouco prováveis.

Em um sábado do mês de janeiro, organizou-se a festa de inauguração das novas instalações. A exemplo das outras comemorações com as crianças, prepararam-se lanche e brincadeiras. Dessa vez, no entanto, as crianças dos arredores também participaram. Passado o auge da epidemia de cólera, os portões do orfanato foram abertos e todos puderam participar.

Chegamos cedo. Algumas meninas ainda penteavam-se, daquela maneira à qual já me referi algumas vezes: as maiores fazendo trancinhas nas menores. Todos muito arrumadinhos para a festa. Os meninos já jogavam futebol no pátio, ansiosos pela nossa chegada, que sempre significava que alguma coisa boa aconteceria por lá. Madame Suse, administradora do orfanato, uma senhora muito vaidosa, também não deixava por menos: em ocasiões especiais, vestia sua melhor roupa e usava bela peruca. Aliás, Suse nunca permitia ser vista com os

seus cabelos ao natural, sempre usava uma peruca ou lenço colorido sobre a cabeça.

Os brinquedos do parquinho estavam presos por fitas que seriam cortadas na ocasião da inauguração, realizada com a pompa que a ocasião merecia. Podíamos sentir a ansiedade das crianças olhando para aqueles brinquedos prontos para o seu divertimento. Dias antes, o sargento Miolo e a sargento Bicca foram pintar os brinquedos. A festa já começara naquele dia, com os pequenos querendo ajudar na pintura. De acordo com Bicca, foi difícil mantê-los longe. Apesar dos protestos do Miolo, ela permitiu que as crianças maiores ajudassem a decorar os brinquedos. As gangorras tiveram seus assentos pintados com doces coraçõezinhos. No entanto, o mais difícil foi tirá-los do escorregador, que ainda estava com a tinta fresca. A brincadeira continuou até que conseguiram virar uma lata de tinta. Segundo Miolo, a culpa foi da criança mais levada: Bicca.

Enquanto aguardávamos o início da cerimônia, Esther veio correndo de casa em minha direção. Ria-se toda. Peguei-a em meu colo e sentamos no muro da varanda da casa. Que diferença da menina tímida dos primeiros dias quando a conheci! Agora ocupava seu espaço no Blessing. Tinha uma personalidade forte, verdade que até um pouco agressiva com os outros. No momento quando o pastor começou a entoar uma canção religiosa, passou a cantar junto e puxou-me pela mão até o local do culto, onde todos nos sentamos nas carteiras escolares.

Carolina estava sentada entre as crianças. Tinha o semblante feliz, mas cansado. Em poucos dias retornaria ao Brasil. Durante o período, fora aprovada no concurso para oficial da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Tinha a expressão do dever cumprido estampada no seu rosto de menina. Era tão forte, tão guerreira, mas ainda uma menina, de coração doce e atitudes surpreendentes pela delicadeza.

Duarte ajudava a descarregar os mantimentos e o lanche de uma viatura e acompanharia Carolina na volta. Sempre trabalhou nos bastidores, não queria chamar atenção para si, apesar de inevitável, em razão da competência e do chamado “espírito de corpo”, de que ouvimos falar tanto no Exército. Para qualquer missão estava pronta. Ela foi grande revelação para mim e para todos, pela sua pouca idade, já que era uma das integrantes mais jovens do contingente. Seu gosto pela música e pela dança trouxe a brejeirice aliada à competência no trabalho que realizou.

A cerimônia enfim teve início: o pastor começou a celebrar seu culto e todos acompanhamos as homenagens feitas ao nosso trabalho no orfanato. Uma das meninas maiores cantou. Tinha uma bela voz, parecia um anjo atrás do púlpito do pastor, e entoava uma canção que poucos entendiam a letra – em francês –, mas o silêncio da audiência mostrava o quanto todos estavam tocados naquele momento. A inocência daquela voz calou fundo no coração de todos os voluntários que ali estavam, alguns pela última vez, dada a proximidade do seu embarque de volta.

Finalmente, as fitas que prendiam os brinquedos do parquinho foram cortadas. As crianças correram para os brinquedos enquanto as outras dos arredores do Blessing começavam a chegar. Lembro-me de três meninas de mãos dadas trajando vestidinhos verdes. Deveriam ser irmãs, com idades entre três e seis anos. A mais velha cuidava das outras duas. As três de tamanhos quase iguais, era difícil determinar quem era a maior. Outras crianças começaram a espiar por cima do muro, pois estavam desconfiadas com o barulho e todo o resto que estava acontecendo. Foram chamadas para entrar e comer junto conosco.

As crianças foram organizadas em fila para receber seu cachorro-quente com refrigerante. Era muito bonitinho vê-los assim: depois de várias festas e ocasiões nas quais fizeram suas refeições conosco, eles haviam aprendido a portar-se com educação. Aguardavam na fila, pacientemente, desde os menorezinhos, ajudados por nós e pelos maiores, até os adultos. Uma cena inesquecível: Fedina, a menininha linda sobre a qual já relatei antes, depois de beber todo o seu refrigerante, procurava a lixeira para depositar o copo de plástico. Essas pequenas atitudes demonstravam o resultado de nosso trabalho lá. Mostravam o quão inteligentes essas crianças eram; só lhes faltava o estímulo adequado.

De repente, formou-se um pequeno tumulto. As crianças pareciam se afastar de alguém ou de alguma coisa na fila. Até achei que fosse uma briga, mas não era. Um menino de aparência diferente entrou na fila e todos, adultos e crianças, pareciam repeli-lo. Ele deveria ter uns oito ou nove anos de idade, talvez mais, porém a estatura sempre nos enganava em virtude da desnutrição. Os cabelos, rapados rente à cabeça, começavam a crescer em desalinho. Usava camiseta muito maior do que o seu tamanho, de estampa camuflada, como as que usávamos na nossa farda, provavelmente uma doação antiga. Tinha os pés descalços, muito sujos, assim como o resto do corpo. Tanto as mãos como os pés

tinham a pele grossa, cheia de calosidades, como de um trabalhador muito maltratado. O rostinho parecia assustado, mas não surpreso com aquela reação. Ele não me surpreendeu. O que espantava era a reação dos outros com relação a ele. Queriam que ele saísse dali a qualquer custo, como se fosse um invasor. No entanto, era apenas uma criança, como todas as outras, à primeira vista. Mas não, ele não era como os outros.

Um fato muito triste no Haiti, e também em várias partes do mundo, é a escravidão infantil. No treinamento preliminar ministrado pela MINUSTAH no nosso primeiro mês de missão, uma das palestrantes de uma agência da ONU de proteção a mulheres e crianças havia relatado o fato, mas até então eu não havia tido contato com essa situação. Ainda no Haiti, um país que conquistou a liberdade da população negra por meio de uma revolução, a persistência dessa prática é surpreendente. O termo usado para o que ocorre com essas crianças é o *restavek*. A maioria são meninas do interior, dadas pelos pais que, incapazes de alimentá-las, entregam-nas para famílias da cidade, com a promessa de que serão bem cuidadas. Com raras exceções, essas crianças são usadas como escravos domésticos, não raro que também sejam sexualmente abusadas. Muitas delas preferem fugir e viver nas ruas a continuar com seus supostos “pais adotivos”.

Não sei quem disse ou como foi, mas soubemos que esse menino era uma dessas crianças exploradas. A primeira atitude tomada foi trazê-lo para junto de nós e alimentá-lo. Não cheguei a saber seu nome. Foi acolhido pela Bicca, que o alimentou e acarinhou – atitude que não foi surpresa vinda de uma pessoa tão boa e generosa. Em outra ocasião, ele novamente apareceu no Blessing e foi igualmente repellido. Não conseguimos entender o porquê da reação das pessoas com relação a ele. Afinal, era vítima daquela situação, como qualquer um daqueles órfãos, mas parecia não ter a população essa visão. Essa aparente divisão em castas, criada por eles mesmos, era chocante e revoltante.

Depois de comer, ele desapareceu. Provavelmente voltou para seu mundo, diferente do Haiti que estávamos acostumados a ver. Existia outro universo paralelo àquela miserabilidade, do qual não fazíamos ideia até então.

A diversão prosseguiu com as crianças e os adultos brincando. Revi, há pouco tempo, uma filmagem muito divertida, na qual Carolina ensina às crianças a usar os brinquedos: como não fala creole, nem eles

entendem português, ela usa gestos muito engraçados para chamá-lhes a atenção. Os menorezinhos vinham nos pedir colo para colocá-los no escorregador. A fila era grande, e Esther já estava brigando por uma vaga no balanço. Eu a observava de longe. Sua atitude agressiva era típica da situação em que fora criada: a necessidade de defender-se era um instinto que crescia a cada dia. Alimentei a ideia de adotá-la por quase toda a missão. Sentia uma afinidade muito grande com aquela menina de olhar distante. Quando sorria, parecia fazer o dia nascer de novo! Porém, segundo informações que colhi junto à embaixada brasileira, um decreto-lei expedido depois do terremoto proibia a adoção de crianças haitianas por brasileiros. Acredito ter esse decreto função de proteger brasileiros de acusações de tráfico de crianças, como as que ocorreram em seguida ao terremoto.

Pequenos robôs foram doados às crianças, e Jerry, nosso intérprete, ajudava Bicca a fazer uma espécie de teatrinho com elas, que estavam encantadas com aqueles brinquedos tão modernos. Ele imitava vozes dos robôs falando em creole, enquanto ela manjava os brinquedos. Bicca tinha essa capacidade incrível de saber agradecer as crianças. Eu creditava esse seu talento ao fato de já ser mãe de um menino de 11 anos, apesar de tão jovem. Depois constatei que não era por isso: ela tinha esse dom porque não deixava morrer a criança dentro dela. Vivia as brincadeiras verdadeiramente e nunca, em hipótese alguma, subestimava a vontade ou a opinião de alguma criança: tratava todas como iguais e levava a sério suas opiniões e desejos. Que ela nunca deixe morrer esse dom, nem todas as pessoas são abençoadas assim. Conseguir comunicar-se com as crianças da forma como faz é um presente de Deus.

Alguns meninos jogavam futebol com bola nova que também havia sido presente de algum padrinho. O sargento Juliano fazia alguns truques com as mãos, e as crianças seguiam encantadas, tanto que passaram a chamá-lo de “o mágico”. Muitos já dormiam aninhados em alguns colos adultos, especialmente os menores.

Era hora de voltarmos para a base e começarmos a nos despedir. Vi um dos nossos militares, um soldado muito jovem, colocando suas mãos delicadamente sobre a cabeça de um dos meninos com quem estava brincando. Fiquei observando o que ele ia fazer. De maneira discreta e, muito delicado, fez uma oração pedindo para Deus abençoar e proteger aquela criança.



Partidas

Os dias pareciam passar mais rápido agora que o final da missão se aproximava. Víamos a ansiedade nos rostos daqueles que estavam prestes a reencontrar suas famílias, a voltar para suas casas. O primeiro grupo a retornar partiria no dia 21 de janeiro, um sábado, portanto a festa de despedida seria na noite anterior. As pesagens das malas constituíam uma dor de cabeça para aqueles que fizeram muitas compras, tanto nas folgas quanto na feirinha dos sábados. A ordem era entregar a bagagem a ser embarcada (as duas sacolas T10, verde-oliva), já no dia anterior à partida, e ficar apenas com a bagagem de mão.

Com a iminente partida de Carolina e de Duarte, Bicca ficaria sozinha no contêiner que dividia com as duas. Dava tristeza não ver mais a bagunça que elas faziam. Estava tudo tão vazio e arrumado agora! Tudo tão sem graça.

As festas na Companhia sempre foram muito alegres, descontraídas. Contudo, essa carregava um sentimento de despedida e causava tristeza. Amigos com os quais convivemos tão proximamente nos últimos meses iriam embora. Com muitos ainda manteríamos contato, mas com outros certamente a distância causaria, para sempre, boa lembrança.

Como de praxe, a festa foi iniciada com as despedidas formais e alguns discursos, os quais faziam aumentar a fome da audiência antes do jantar. Ao final, todos se levantaram para aplaudir aqueles que partiriam no outro dia. Foi uma ovação demorada e calorosa. Os componentes do contingente que nos substituiria também estavam lá. Todos também emocionados ao testemunharem o carinho com que nos despedíamos.

Foi servido um churrasco e depois os músicos de plantão fizeram suas apresentações. Nelson, o subtenente do “está lotado!” no auto de Natal, fez sua última apresentação ao violão, enquanto vários cantavam e dançavam. A todo o momento alguém queria ocupar o microfone. Alguns cantavam muito bem e levantavam a plateia. Outros, bem, outros cantavam.

No meio da festa, alguém colocou uma música muito significativa para todos nós: *Amigos para sempre*. Desde o preparo, quando essa música era entoada, todos se abraçavam e cantavam-na juntos. Dessa vez não seria diferente. Subimos ao palco, onde mal cabíamos e, emocionados, cantamos com nossos amigos que estavam indo embora. Porém, de repente, alguém que eu não conhecia abraçou-me aos prantos! Era um militar do novo contingente, levado pela emoção do momento e, acredito, com uma ajudinha da cerveja. Se em nossa partida ele já chorava assim, o que faria na deles, que seria dali a seis meses?

O dia amanheceu com alvorada festiva, tocando músicas de despedida, muitas delas típicas do Nordeste, terra natal de vários dos que estavam retornando. Às 10h30min da manhã, todos se posicionaram em frente ao portão da Companhia, com suas bagagens de mão em punho. Alguns levavam a bandeira do Brasil junta a do Haiti, penduradas lado a lado na mochila. Muitos sorriam alegres, mas a maioria estava muito emocionada, sem ao menos conseguir falar. Nós, que assistíamos a sua partida, estávamos sem palavras para agradecer a amizade e a confiança que nos fora depositada nesse período de convivência. Ouvi tantos agradecimentos que cheguei a ficar constrangida. Não imaginava que tivesse conquistado o reconhecimento de tantas pessoas. Esses agradecimentos me comoveram mais porque não eram relativos ao meu trabalho como médica: eram pela amizade e pela convivência. Votos de felicidade à minha família e, em especial, à minha mãe – todos a haviam conhecido durante o preparo para a missão, lá em São Gabriel – levaram-me às lágrimas.

Chorei ao despedir-me da Carolina, que partia para nova fase de sua vida: oficial da Polícia Militar do Rio de Janeiro. E também da Duarte, amiga fiel que terei para sempre. Sinto grande orgulho por ter convivido com elas, dividido nossas dores e alegrias por todos aqueles meses. Ainda bem que foram muito mais alegrias!

Na partida, cada militar recebia um canudo azul com a foto de toda a Companhia reunida. Nela estão todos, exceto Lorenzo, pois estava içado pelo terex – uma espécie de guindaste – com o intuito de fotografar do alto, de onde conseguiria pegar a imagem de todos igualmente. Ele realizou a proeza de ser a ausência mais presente da foto, pois toda vez que olho para ela, ainda escuto seus gritos estridentes do alto, coordenando a posição de todos para que a foto saísse perfeita, como, de fato, aconteceu.

Essa foi a primeira partida. Partida foi a palavra certa no sentido de ida, de viagem. No entanto, descreve igualmente bem a sensação de que a Companhia partiu-se em mais de um pedaço a cada vez que um grupo se retirava.

E assim aconteceu no dia 29 de janeiro, quando o segundo grupo, formado na maioria por gaúchos, foi-se. Com esse grupo iam também Bicca e Jackson, pessoas muito próximas a mim. A festa da noite anterior à partida deles foi um pouco diferente. Um dia desses escutei uma expressão muito interessante, que definia o comportamento dos gaúchos: “hipertrofia de identidade”. A festa de despedida dos gaúchos no Haiti foi uma das maiores manifestações dessa chamada hipertrofia, expressão que não sei se foi usada com escárnio ou admiração quando a ouvi, mas se adequou àquela situação muito bem. Por pouco um Centro de Tradições Gaúchas-CTG não foi fundado em Porto Príncipe. Talvez se tivéssemos mais uns seis meses, isso seria fato consumado. Contávamos com vários candidatos a patrão – para quem não é gaúcho, chefe – do CTG, que andavam trajados a caráter a cada churrasco feito na Companhia. Nunca uma Semana Farroupilha foi tão festejada fora do país como a que tivemos em 2010, em pleno Haiti. Durante toda a missão, comi os carreteiros mais deliciosos da minha vida, feitos pelos meus conterrâneos do Alegrete, de Cachoeira do Sul, de Dom Pedrito, de São Gabriel e vários outros rincões do Sul do Brasil.

Nenhum Grenal deixou de ser disputado na Companhia. Todos os gaúchos reservaram alguns quilos na bagagem de ida – eu inclusive –, para levar a erva-mate para o chimarrão que tomávamos todos os dias e que fez muitos adeptos, inclusive entre os nordestinos. Pergunte ao meu amigo baiano Israel se ele não está sentindo falta de nossas conversas na Companhia, quando nos sentávamos em roda, em frente ao passadiço dos contêineres, para tomar um mate.

Na festa de despedida da gauchada, houve as tradicionais despedidas e discursos. E aplausos também. Contudo, a festa teve um colorido verde, amarelo e vermelho da bandeira do Rio Grande, que subiu ao palco, lindamente acompanhada das bandeiras dos municípios de onde alguns militares eram oriundos. Todos entoaram o Canto Alegretense juntos e, depois, como não poderia deixar de ser, o Hino do Estado do Rio Grande do Sul. Faltou muito pouco mesmo para a pedra fundamental do CTG!

Em outro dia, a alegria foi substituída pela despedida. A alvorada festiva, dessa vez com as músicas gaúchas, prenunciava mais uma partida, mais um pedaço de nós que se ia.

Mais uma partida aconteceu em 4 de fevereiro, quando se foi, na maioria, o pessoal do Nordeste. A festa de despedida já contava com mais pessoas do próximo contingente do que do nosso, já que, à medida que nossos militares partiam, os novos chegavam. Nas mesas, antes ocupadas por rostos tão familiares ao longo dos meses, agora encontrávamos novas faces, que chegavam com muita animação para os próximos meses, mas todos unânimes em comentar com respeito e admiração a amizade que viam em nosso grupo.

Depois da partida do dia 4 de fevereiro, a próxima seria a minha, no dia 13.



‘Rum sour’

Eram os últimos dias. Já havia passado minha função na seção de saúde e, de acordo com uma expressão corrente na Companhia, sentia-me como “água de salsicha”, ou seja, sem muita função. Ocupava-me com a arrumação da minha bagagem e selecionava roupas e objetos que levaria para o Brasil, além de outros que deixaria por lá mesmo. Foi com pesar que tive de abandonar alguns livros e revistas, pois faziam muito peso na bagagem. Não poderia ultrapassar os 45kg.

Estava bastante só nesses últimos dias. Minhas amigas já haviam retornado ao Brasil. Tivemos notícias do pessoal que já estava em casa, depois da “quarentena”, um período de quatro a cinco dias que passávamos em desmobilização em algum quartel do Brasil. Eu faria a minha desmobilização em Brasília, visto que minha unidade pertencia ao Comando Militar do Planalto. Conversava muito com minha mãe nesses dias de espera. Estávamos ansiosas pelo nosso reencontro.

Havia duas coisas que eu queria fazer antes de ir embora: despedir-me do Blessing Hands, o que sem dúvida seria muito triste, e ir à praia ainda uma última vez. Os passeios à praia haviam sido novamente liberados em janeiro.

No final de semana anterior à minha partida, pude me despedir da praia. A lembrança que eu queria levar do Haiti não era do trânsito caótico, das ruínas do terremoto, tampouco da onipresente pobreza. Claro que carreguei tudo isso comigo, mas meus seis meses lá vividos foram muito mais. Tempos depois, ao fechar meus olhos e imediatamente me transportar de novo para lá, queria que meu primeiro pensamento fosse agradável e suave como o sorriso de Esther; os gritinhos das

crianças quando brincávamos no orfanato; o colorido impressionante das telas da galeria El Saieh; o gosto inebriante que o *rum sour* deixava na boca depois do último gole; o calor nos pés ao afundá-los na areia fofa da praia; a água morna onde o corpo flutuava sereno, com os peixinhos batendo em nossos corpos, pedindo para que saíssemos da sua frente.

Embarcamos cedo em direção ao Indigo Club. Fui no micro-ônibus junto a integrantes do novo contingente, que iriam pela primeira vez para conhecer o local. Tomamos a direção de Cabaret e logo alcançamos a cordilheira de montanhas que nos acompanharia até nosso destino final. O céu estava de um azul lindo, sem nenhuma nuvem aparente. Parecia grande pano pintado de um tom feito de vários matizes de azul misturados, até que o artista encontrasse o tom perfeito, com a luminosidade do sol distribuída igualmente por todo o cenário. As montanhas ali presentes, guardiãs incansáveis daquele mar verde, continuavam vigiando aquelas praias, como uma mulher zelosa vela o sono do amado – mesmo maltratada, mesmo vilipendiada no seu sentimento, continua sendo-lhe fiel ou conformada com sua sina. Seguem ali, mesmo depois de exploradas ao máximo em sua superfície, outrora verde, e mostram seu semblante, de onde lhes arrebatam os minérios, como a arrancar o coração de um peito desnudo.

Adentramos as instalações do clube. No período quando não o frequentamos, houve grandes melhorias no ajardinamento. Logo na entrada, uma espécie de coreto recoberto por buganvílias. Mais adiante, várias pequenas árvores de hibiscos. O ar era úmido, mas a brisa fresca da manhã deixava tudo mais leve; a luminosidade que só as manhãs possuem era dolorida à primeira vista, mas aquele cenário, com a grama verde estendida como grande tapete, era idílico, um jardim encantado.

Troquei de roupa rapidamente e corri para a água. Estava morna. Não senti o choque térmico do corpo com a água gelada, porque isso não acontecia naquelas águas eternamente tépidas. Fui nadando até uma plataforma flutuante, onde alguns dos meus amigos, que haviam chegado um pouco antes, já se encontravam. Todos arrebatados pelo sol.

Naquele dia eu não quis almoçar no restaurante do hotel. Preferi lanchar no quiosque da orla, pois não queria perder nenhum minuto do dia em um restaurante fechado. Acho que todos tiveram a mesma ideia, pois poucos foram os que se renderam ao restaurante. Comemos uma pizza, sentados na praia. Eu afastava o pensamento de que estava ali pela

última vez, pois eu realmente adorava aquele lugar. Nem me importei com o sol forte que castigava a minha pele. Queria que aquele momento durasse para sempre.

As piscinas do hotel não estavam tão cheias. À beira delas havia alguns gazebos com colchonetes, onde poderíamos nos deitar. Contudo, deitando-se em um deles, corria-se o sério risco de não mais se levantar, tamanha a preguiça que se abatia sobre quem o fazia. A languidez com que tudo acontecia ali contaminava qualquer um.

Fui até o bar em busca de meu derradeiro *rum sour* à beira mar. O *barman* atendeu-me sorridente. Eu gosto de assistir ao preparo dos drinks. Em todos os bares, há aqueles indiferentes em seus movimentos, pouco se importando se há alguém observando. Há ocasiões em que se encontram artistas dedicados. Não me refiro aos espetáculos de pirotecnicia e acrobacia que povoam as festas, com profissionais contratados para tais shows nos bares. Refiro-me ao indivíduo que faz da mistura dos ingredientes uma obra de arte – de vida fugaz, é bem verdade, já que logo será sorvida, muitas vezes em um gole só, dependendo do anseio do bebedor –, mas a habilidade em saber quando os ingredientes devem ser apenas mexidos com delicadeza, como no caso do *Dry Martini* ou macerados com sutil pressão junto às folhas de hortelã, quando se prepara um bom *mojito*, é um talento lapidado por anos de preparo e observação.

Meu *rum sour* foi preparado por um senhor simpático, com um sorriso de poucos, porém brilhantes dentes. Usava uma camisa estampada por coqueiros, na qual se lia “Hawaii”, apesar de estarmos no Haiti. Tinha movimentos lentos, porém precisos. Não precisava usar medidores para saber a quantidade de rum ou suco de limão a despejar na coqueteleira: fazia aquilo há tanto tempo que seu instinto já lhe dizia o quanto era suficiente. Depois de chacoalhar a coqueteleira por breves momentos, acrescentou com graça a cereja no copo curto antes de me entregar o drink pronto. Não pude me conter: aquele dia pedia um guarda-chuvinha colorido em meu copo, no que fui atendida prontamente.

Voltei à beira-mar com meu copo na mão e sentei-me na espreguiçadeira de frente para o mar. Fiquei observando as pessoas que brincavam na água. Era visível a maioria de estrangeiros; os haitianos eram poucos. O local estava tomado pelos onipresentes militares e membros da MINUSTAH, além de outros que deveriam ser funcionário

de ONGs ou agências da ONU. Um espetáculo local, disponível apenas para forasteiros. Pergunto-me se quem nasce e vive sempre em um lugar como esse tem a noção exata da beleza do lugar, ou se esse prazer é exclusivo aos olhos de quem vem de longe? Por que tanto potencial é acessível apenas a poucas pessoas que estão nesse país a trabalho, justamente em função da pobreza que nele impera?

Enquanto me perdia nesses pensamentos, ouvi a voz do subcomandante do novo contingente, o mais antigo da viatura, avisando que partiríamos em 15min. Corri para a água, para o último mergulho no mar do Haiti.



Blessing Hands

Na sexta-feira que antecedeu minha partida, fiz o mais doloroso passeio. Tantas vezes fiz aquele caminho até Croix-des-bouquets, mas nunca havia pensado em como seria a última vez que me dirigiria até o Blessing Hands. Fomos eu, major Emerson e major Cláudio. Eu estava ansiosa. Nos últimos dias, sentimentos contraditórios tomavam conta do meu coração. Queria voltar para casa, sentia muita saudade de minha mãe, de meu irmão e da vida que me aguardava na volta. O próximo ano estava cheio de acontecimentos previstos: mudança para outra cidade, nova unidade – dessa vez uma organização militar de saúde, onde faria novo curso. Estaria de volta a um ambiente hospitalar e acadêmico, de onde me afastara havia algum tempo. Ansiava por retomar a vida no Brasil, que parecia paralisada, esperando somente meu retorno para que continuasse. Mas a missão havia sido tão boa, assim como a convivência com os colegas. O trabalho na Companhia proporcionou-me experiências tão gratificantes que era dolorido pensar em deixar tudo isso.

Porém, parte daqueles com quem eu havia compartilhado aquelas experiências já não estava mais ali comigo, e isso tornava a permanência na missão um pouco mais difícil, se comparada aos dias anteriores.

Finalmente chegávamos ao orfanato. As crianças estavam divididas: as menores, sentadinhas na varanda da casa, em frente a um quadro onde o irmão de Suse fazia as vezes de professor e ensinava as letrinhas básicas. Já as maiores tinham sua aula na área coberta, há pouco inaugurada. Era gratificante vê-las usufruindo de nosso trabalho. Caminhei um pouco mais e vi as roupas limpas sendo retiradas da máquina de lavar e estendidas nos varais. O cheiro de limpeza em nada lembrava o forte odor de urina que vinha da casa nos primeiros tempos da missão.

Esther estava sentada entre os menores. Olhou para trás e riu quando percebeu minha chegada. Escondia o riso com as mãozinhas. Estava ao lado de Fedina, que foi chamada ao quadro pelo professor para ler alguma coisa escrita na lousa. Por mais que tentássemos não atrapalhar, nossa chegada causou tumulto. Major Cláudio foi ao quadro e escreveu seu nome: queria ensinar às crianças divertidas como escrever, mas elas pouco se importaram, queriam todas subir em seu colo ao mesmo tempo. Já Esther correu para mim. Tirou meu gorro e colocou na sua cabecinha, o que lhe conferia um ar engraçado, pois ficava muito grande nela. Parecia um jogador de beisebol daquelas figurinhas americanas.

Suse saiu da casa. Pela primeira vez, eu a vi com seus cabelos naturais, sem peruca nem lenço. Parecia pressentir que aquela seria nossa despedida. Quando me viu, logo disse “Docteur, docteur”, com um ar de doçura. Muitas vezes me irritei com ela, pois, às vezes, parecia não dar importância às recomendações que eu e as meninas fazíamos. Entretanto, toda as vezes em que eu fui fazer os atendimentos, sempre me agradecia de forma educada na despedida. A vida daquela mulher também havia mudado muito com a nossa presença lá. As cobranças feitas em relação à higiene e aos cuidados com a saúde das crianças tiraram-na de uma inércia que vinha de anos. No entanto, ao final do período, o olhar carinhoso que depositava sobre nós denunciava a opinião de que as coisas tinham melhorado muito por lá.

Às crianças maiores foi concedida uma folga momentânea, acredito que em função de nossa chegada. Martina pendurou-se no major Cláudio. Os dois andavam como se ela fosse uma bandeira, com seus braços estendidos, e ele a carregá-la pelo orfanato. Riam-se o tempo todo. Tirei várias fotos daquela cena. As outras crianças queriam fazer igual e, ao pularem sobre ele, acabaram fazendo com que caísse no chão, o que provocou várias gargalhadas. O major Emerson estava mais quieto, acredito que também emocionado, e observava tudo um pouco mais afastado.

Abracei cada uma das crianças. Mentalmente pedi que Deus as conservasse com saúde e protegesse-as de todo o mal. Contudo, a vida não parava por ali. Nova criança fora trazida havia poucos dias. Tinha aparente paralisia nos membros inferiores. Já devia ter quase um ano e ainda não firmava as perninhas no chão, porém era bastante responsiva a todos os estímulos que fazíamos. Estava no colo de Suse. Os no-

vos médicos da Companhia já estavam fazendo os atendimentos com a equipe de saúde. Apesar de nossa partida, graças a Deus o trabalho seguiria adiante.

Ficamos um bom tempo conversando e despedindo-nos. Era difícil conter as lágrimas. Olhei para Pèleje, o menino que levei nos primeiros dias à base para a consulta no dentista. Ele sorria o tempo todo. Paul Carlens era um menino de cerca de 10 anos, muito inteligente. Estava no orfanato com seu irmão um pouco mais jovem. Em várias ocasiões quando lá estive, Paul, que entende português muito bem, ajudou-me na comunicação com as outras crianças. Enquanto me despedia de todos, perguntava-me: será que se lembrariam de nós no futuro? Será que fizemos alguma diferença na vida deles? Daqui a alguns anos, recordariam daqueles momentos que passamos juntos? Saberiam que houve um Natal em que um bando de brasileiros carentes fazia de tudo para ter a atenção deles?

Eu tenho as perguntas, mas não as respostas. E tudo que ali fizemos não foi em busca de reconhecimento, disso todos podem ter certeza. Fizemos porque tivemos a oportunidade de nos aproximar daquelas crianças e criar um vínculo no período. Fizemos porque não acreditamos que doações impessoais, apesar de muito importantes, seriam efetivas. Fizemos porque não queríamos terminar a missão com a sensação de vazio, de nada ter realizado. Não salvamos o Haiti nem tínhamos tal pretensão. Salvamos crianças de momentos de dor de dente, de conjuntivite e de sarna. Ajudamos a limpar um lugar onde antes estava bem sujo, talvez por desconhecimento das consequências que aquela falta de higiene poderia trazer. Salvamos um Natal que poderia ter sido bem sem graça, tornando-o uma festa inesquecível, senão para eles, para nós, com certeza. Imprimimos algumas boas lembranças em algumas infâncias. Se essas recordações ficarem, já terá valido a pena. Se Fedina continuar procurando a lixeira para depositar o lixo, como o fez depois de tomar o refrigerante na inauguração das instalações, tudo terá valido muito a pena.

E fizemos amigos, muitos amigos.

E eu levaria todas elas comigo no coração. E Esther.



Minha Despedida

Preparei minhas malas e as entreguei no sábado, dia da pesagem. O coronel Alberto, da Aeronáutica, organizava tudo com muito rigor. Era um homem adorável, sempre com sorriso aberto e presente em todos os momentos. Amante de bom samba e de boa conversa, esteve sempre presente nos momentos de alegria e de dificuldade que tivemos. Ele com o major Charles Roberto, do Brabatt 1, eram considerados os membros honorários da Engenharia. O major Charles Roberto ficou conhecido como “Charô” e ainda continuaria na missão até o mês de abril, quando completaria um ano de Haiti.

Nossa festa de despedida havia sido marcada para aquela noite. Passei o dia com tamanha ansiedade que tentei dormir à tarde, mas não consegui. Caminhei pela Companhia e fui conversar com os outros que também partiriam comigo. Depois de nós, ficariam apenas alguns integrantes do estado-maior para a cerimônia de troca de comando, que seria no dia 15 de fevereiro, a data oficial do término de nossa missão.

Em meu passeio pela Companhia, vi não ser a única ansiosa com a partida. A movimentação era grande entre os que estavam partindo. Agora, os ocupantes dos contêineres eram outros militares. Nós, do 13º contingente, já éramos minoria. A seção de saúde já estava com a cara dos novos integrantes, que faziam as modificações a comando dos novos médicos. Virávamos história.

À noite fomos para a área vip, onde seria servido o churrasco. Essa foi a noite mais triste, pois, além de ser minha despedida, a maioria dos que haviam trabalhado comigo durante o período já haviam partido. A lembrança deles era muito viva, o que fez a noite ser toda de reminiscências. Amigos como o major Charles Roberto e

o coronel Alberto vieram para nossa despedida, assim como os tenentes Venâncio e Werneck, do Brabatt 1, os meus colegas na Escola de Saúde do Exército. Venâncio é médico e iria ficar por mais seis meses; Werneck, é dentista e havia chegado há pouco tempo. É muito boa a sensação de reencontrar os amigos, ainda mais quando eles vêm participar de um momento tão importante como era aquela festa para mim. A presença deles foi uma das alegrias que tive aquela noite.

Mais uma vez se repetiram os discursos. Dessa feita não tão longos, talvez porque a maioria da audiência estivesse mais preocupada com os dias vindouros do que com os decorridos, que diziam mais respeito a nós, que partiríamos em breve. Aqueles mesmos que cantavam, naquela noite cantaram pouco, e logo se recolheram aos contêineres para a última noite das tantas que passamos ali.

O outro dia não demorou a nascer. Depois de tomar o café da manhã, dirigimo-nos à frente do portão da Companhia. Eu lembrava com exatidão o momento em que adentrei aquele portão pela primeira vez. Há seis meses fizemos o trajeto do *main gate*, a entrada principal da base, onde, durante o período eleitoral, quando o efetivo do Brabatt 2 estava empenhado na segurança das eleições, nosso pessoal, inclusive as minhas sargentos, tiraram um cansativo serviço de guarda. Passamos depois pelos muros do Brabatt 2, ao longo dos quais todo o sábado acontecia a feirinha, para então, finalmente, adentrarmos os portões do Brabatt 1.

Bem em frente está o monumento em memória aos militares mortos no terremoto. É uma parte de parede de azulejos azuis ruída, com a data e uma placa que faz menção ao fato, além de um capacete pendurado. Esse pedacinho do Haiti, habitado há quase sete anos por brasileiros, é feito de muitas lembranças, tanto alegres quanto tristes. É onde a história dos dois países entrelaça-se, o que podemos sentir vivamente pelas ruas, não apenas em monumentos e fotos, quando ouvimos crianças haitianas falando português. A influência que o Brasil tem no Haiti é incomensurável e terá reflexos por várias gerações daquele país, mesmo depois que o último soldado brasileiro houver deixado o solo haitiano.

Dobrando à direita, depois de passarmos pelo monumento, vislumbramos o portão da Bra Eng Coy, a Companhia Brasileira de Engenharia. Estava agora tão diferente de quando havíamos chegado, com os lavatórios erguidos em função da epidemia de cólera, além da rotina

de higienização de calçados e pneus dos automóveis. Recordei momentos quando passei naquele portão. As inúmeras saídas para a corrida no final da tarde, ao fazer o trajeto no entorno de toda a base. Naquele horário, boa parte dos militares de todas as tropas, inclusive alguns civis, vinha até ali para se exercitarem. Naquele entardecer lindo, que só o Haiti tem, corríamos, muitas vezes acompanhados do fumacê, que passava sobre uma viatura, com a intenção de livrar-nos dos onipresentes mosquitos.

Em frente ao portão da Engenharia ministrei os primeiros momentos da instrução sobre a prevenção do cólera na unidade, presenciada por médicos e militares do Brasil e tantos outros países. Inesquecível a participação dos colaboradores haitianos na instrução: Setout, Nelson e Jerry, que passaram em muito do horário de seu expediente naquele dia, a fim de nos ajudar na demonstração do cuidado que tínhamos com eles na base, na questão da desinfecção. Com o atraso peculiar dessas ocasiões, recorde-me bem de quando fui desculpar-me com Nelson, que aguardava pacientemente o seu horário para “entrar em cena” na representação que criamos. Estava sentado no meio-fio da calçada e respondeu-me sorridente que eu não precisava preocupar-me.

Recordo também do capitão Paullo Norberto, sentado na guarda e tomando seu chimarrão, enquanto tirava seu serviço. Lembro-me de que todas as vezes que eu por ali transitava, sempre recebia um sorriso e parava um pouco para uma conversa.

Daquele portão para dentro passamos seis meses de nossas vidas. E agora, depois de tantas vezes entrar e sair, eu saía em definitivo. Despedia-me das flores de que Josias cuidou com tanto carinho; daquelas pedrinhas caprichosamente pintadas; da nossa área de contêineres, a “Barbie’s house”, onde os meninos não podiam entrar sob hipótese alguma. Enfim, despedia-me de um pedaço da minha vida, que agora era uma das lembranças que ficava ali para sempre.

Confesso não me lembrar muito bem do momento exato quando me despedi dos que ficaram. A memória prega-nos essas peças, acredito que para proteger-nos de algumas emoções. Lamentei não ter podido me despedir de algumas pessoas tão importantes para mim. Mas depois, pensando bem, foi preferível assim. Levo a imagem de um sorriso na minha memória.



Posfácio

Hoje, vários meses se passaram da nossa experiência haitiana. Escrever esse relato foi como uma catarse. A readaptação no retorno não foi fácil, como muitos podem imaginar. Quando voltei, fui transferida para outra unidade, no Rio de Janeiro. Estava acostumada a uma rotina de seis meses, onde convivia com as mesmas pessoas e sabia muito a respeito delas. No retorno, as novidades foram muitas, e, em muitos momentos desejei ter permanecido lá, não nego. As mudanças em minhas atividades me proporcionaram retornar a um meio científico, acadêmico. Afinal, estava de volta a um hospital. Entretanto, como tudo que é novo, precisei me readaptar, inclusive à nova cidade, em um ritmo de vida bem diverso.

Usei o termo catarse, pois, colocando no papel, revivi vários momentos, alguns bons, outros nem tanto. Relembrei de pessoas que talvez não volte a conviver, mas de certa forma gostaria que soubessem que as guardo em minha memória. As redes sociais hoje nos permitem manter contato com amigos e colegas de outros tempos. Fico feliz quando tenho notícias de companheiros da missão. A essa altura, alguns inclusive retornaram ao Haiti. É um sinal de que a experiência foi enriquecedora para todos nós.

Outro motivo o qual me levou a escrever: não gostaria que as lembranças se perdessem no tempo. Nossa memória costuma ser traiçoeira à medida que os anos passam, por isso, carregava pequeno caderno de anotações onde acostumava escrever algumas impressões durante o período, assim como fiz questão de dedicar-me a esse relato tão logo pude fazê-lo. Tentei ser o mais fiel possível às sensações do momento, além dos fatos ocorridos. Posso ter deixado muitos fatos e pessoas de

fora, mas a psicanálise explica pelo conceito de memória seletiva. Por isso, não se trata de um relatório pós-missão, e sim de um relato emotivo e pessoal, que quero dividir com quem lá esteve comigo e com as pessoas que tenham alguma curiosidade sobre nossas atividades lá e sobre o Haiti.

O Haiti é um país fascinante. Sua história é muito mais complexa do que poderíamos supor. Antes de partir para a missão, tentei ler o máximo que pude a respeito do país, seus costumes, sua língua. Porém, foi depois do meu retorno que tive acesso a uma obra extraordinária, na qual encontrei muitas explicações a respeito do povo e respostas para alguns questionamentos obtidos sobre o comportamento da população. Trata-se do livro de CLR James – Cyril Lionel Robert James –, *Os jacobinos negros*. À parte da grande admiração que o autor demonstra pelo líder Toussaint Louverture, temos um relato minucioso do que a colônia francesa representou, não apenas para França, mas também para Inglaterra e Estados Unidos.

De acordo com o autor, o mundo ocidental não conheceu prosperidade igual a que a Ilha de São Domingo (onde está o Haiti como o conhecemos atualmente) teve durante séculos. Pelos dados do livro, em 1767, a colônia exportou para a França 35 mil toneladas de açúcar bruto e 25 mil toneladas de açúcar branco, 500 toneladas de anil e mil toneladas de algodão, além de couro, cacau e rum. Isso sem contar a quantia que saía da ilha por contrabando pela Jamaica, que aumentaria esse montante em, pelo menos, 25%. Segundo Lewis: “E seria a própria prosperidade o que a levaria à revolução.”

Essa prosperidade aguçaria a cobiça inglesa, que, sabedora da importância dos escravos para a prosperidade da colônia francesa, passou a ter postura antiescravagista, vigiando a costa, a fim de impedir os navios negreiros vindos da África de aportarem com sua “mercadoria” nos portos de São Domingos. Os interesses não podiam ser menos humanitários. Sem a mão de obra, como produzir toda aquela matéria-prima, que pelo sistema do “absoluto” só poderia ser comercializada com a França?

O porto de Marselha, na França, além de ser a principal porta de entrada dos produtos coloniais, também era por onde saíam os produtos que abasteciam a colônia, ou melhor, os franceses que lá habitavam, além da elite crioula, bastante numerosa. Os vinhos de Bordeaux, os quais ainda hoje apreciamos, tiveram sua cultura financiada justamente pela exportação para a pujante colônia.

Líderes negros como Lovverture, Dessalines e tantos outros representaram a oportunidade dos negros de tomarem as rédeas do próprio destino. No entanto, pagaram um preço muito alto. Quando em 29 de novembro de 1802, Dessalines declarou a independência haitiana, deu-se o início aos massacres contra os brancos no país. E isso foi uma tragédia para os brancos, sem dúvida. Entretanto, muito pior para os haitianos. Segundo Lewis: “aquela não era uma política e sim uma vingança, e a vingança não tem lugar na política”. Como tudo aconteceu, determinou um isolamento da nação, os brancos foram banidos de lá e a população, por muitas gerações, foi economicamente arruinada e culturalmente alijada.

Durante mais de um século após a sua independência, o Haiti tentou ser uma França no Caribe, copiando a cultura e a civilização do seu outrora colonizador. Os filhos da elite haitiana, em busca de educação primorosa, eram mandados para a França. Porém, no início do século XX, com a invasão americana, em virtude de sua estratégica proximidade com o Canal do Panamá, houve a necessidade de encontrar-se uma identidade nacional. Onde estava ela? Nos salões parisienses? Não, estava justamente na Mãe-África, de onde vieram aqueles que construíram toda aquela prosperidade de outrora e descobriu-se a *Negritude*, ou *Noirisme*, movimento cultural que reforçava a identidade cultural do país, em muito herdada da Costa do Marfim e do Reino de Daomé (atual Benin). Pierre Vérger, fotógrafo radicado na Bahia, onde alcançou a notoriedade por registrar imagens de nosso país, fotografou o Haiti na década de 1940, assim como o Benin, registrando as semelhanças na nomenclatura das divindades entre os dois povos: Maitresse Mambo Erzulie Freda, a deusa do amor e da maternidade na África, encontra a sua correspondente no vudu haitiano com o nome de Erzuli Freda. É uma figura forte, como uma Madonna negra, que não fala, porém carrega na face as cicatrizes de sua terra natal africana.

Os brancos haviam sido exterminados ou haviam ido embora; os criolos estavam ligados à França. Assim, os camponeses negros reviveram a sua África, desde a religião, música, até os métodos de cultivo. “Adeus à Marselhesa” era a expressão cunhada para se referir à troca da cultura francesa pela africana. Com essa identificação, durante a invasão americana, com a desculpa de saldarem-se dívidas do país, uma greve geral foi deflagrada, liderada por intelectuais que se deram conta desse movimento importante no país. Tal movimento, que os haitianos não

consideravam africano, mas sim próprio do Haiti, teve reflexos entre os negros de outros países, como a atuação de Marcus Garvey, um imigrante jamaicano nos Estados Unidos que orquestrou o retorno para a África de milhares de africanos e seus descendentes. Não obteve o sucesso esperado, mas transmitiu aos negros de todo o mundo a sua crença no retorno à pátria-mãe africana. Isso para citar apenas um exemplo.

Os americanos foram embora em 1934, porém continuaram influenciados pelos governos subsequentes. A situação dos haitianos era a mesma, muitos buscando a imigração para a República Dominicana como solução. Porém, o massacre que o presidente (ditador) dominicano Trujillo ordenou em 1937 custou a vida de cerca de 20 mil haitianos, que em teoria estavam concorrendo com os dominicanos por trabalho.

Os tristes governos de Papa e Baby Doc não ajudaram a nação a recuperar a prosperidade de outrora. Reflexos que o país carrega até hoje.

Alejo Carpentier, em *O Reino deste Mundo*, comenta:

“Pisava eu numa terra onde milhares de homens ansiosos por liberdade acreditaram nos poderes licantrópicos de Mackandal, a ponte de que essa fé coletiva produzisse um milagre no dia de sua execução. Já conhecia a história de Boukman, o iniciado jamaicano (...). Havia respirado a atmosfera criada por Henri Christophe, monarca de incrível obstinação, muito mais surpreendente que todos os reis cruéis inventados pelos surrealistas (...). A cada passo encontrava o real maravilhoso. Mas pensava, além disso, que essa presença e vigência do real maravilhoso não era privilégio único do Haiti, mas sim patrimônio da América inteira, onde ainda não se terminou de estabelecer, por exemplo, um inventário de cosmogonias (...). O real maravilhoso se encontra em cada passo nas vidas de homens que inscreveram datas na história do continente e deixaram nomes ainda lembrados...”

A história do Haiti é a nossa história. É a história do povo americano, seja no Caribe (“as Índias Ocidentais”), seja no Brasil. É a história da América Latina. Nós brasileiros, com tantas diferenças culturais dadas por nossas dimensões territoriais gigantescas, temos nosso *Noirisme*, a nossa identidade, na nossa língua comum, com a qual o gaúcho da campanha consegue falar com o amazonense que mora na fronteira com a Colômbia. Vejo isso todos os dias no Hospital Central do Exército, onde atendemos pessoas vindas de todos os cantos do Brasil. Assisti *in loco*, desde o preparo em São Gabriel, à convivência do Sul e do Norte do Brasil em um país estrangeiro.

Todos que entram no Exército Brasileiro, militares de carreira ou temporários, recebem alguma instrução a respeito da Batalha de Guararapes.⁹ Estudando a respeito do Haiti, eu me identifiquei muito com o país, enquanto brasileira. Acredito que a colaboração do Brasil e, como já citei, a influência que nossa presença terá nas próximas gerações trarão grandes benefícios àquela nação e a nós mesmos. Muitas vezes, ao sair de nosso ambiente, acabamos nos descobrindo como nação. Não precisamos de nova revolução para isso. A valorização do nosso trabalho fora do país às vezes pode resgatar uma autoestima abalada aqui dentro.

Nossas fronteiras estão guarnecidas por militares das três forças. Médicos militares (agora faço propaganda de meu serviço, sem dúvida) estão prestando atendimento a populações indígenas e ribeirinhas da Amazônia, onde o poder público não chega. Boa parte desses médicos não são locais, mas foram levados de diversas outras partes do país e prestam tanto o serviço militar obrigatório como também voluntário. A maioria dos brasileiros não sabe disso. Há que se escrever e divulgar mais sobre nosso trabalho.

Relatar sobre a presença dos militares em lugares inóspitos de nosso país é motivo para outro livro. Comentar sobre a presença das mulheres no Exército idem. Escrevi esse texto para registrar o quão significativa é essa missão no Haiti, tanto para os haitianos como para o resgate da identidade nacional brasileira. Escrevi para que se discuta a influência que um país, hoje dependente da ajuda mundial, seja lembrado pela influência exercida pela América e pela economia europeia. Escrevi minha história para que você, que suportou essas páginas até meu posfácio, saiba que o Haiti não é uma nação de desolação e desespero. Lá existem lugares lindos, pessoas encantadoras, uma elite intelectualizada e uma incomensurável capacidade de transformação histórica. Escrevi para que você, meu paciente leitor, saiba que, ao contrário da música, o Haiti não é aqui, mas está em todo o lugar da nossa América Latina.

⁹ Batalha travada em 1649, pelo Exército Brasileiro contra os invasores holandeses, quando os brasileiros saíram vitoriosos. É considerada a origem do Exército Nacional, uma vez que diferentes correntes étnicas uniram-se por um ideal comum.

Referências Bibliográficas

CARPENTIER, ALEJO. *O Reino deste Mundo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

DANDICAT, EDWIGE. *Adeus Haiti*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2010.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

GREENE, GRAHAM. *Os comediantes*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

JAMES, CLR (CYRIL LIONEL ROBERT). *Os jacobinos negros*. São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 2010.

Dominican Republic & Haiti, Lonely Planet. 4th edition, 2008.

WILENTZ, AMY. *Running in the Ruins*. The New Yorker, September 6th, 2010. p. 26-33.

Quantidade de páginas	172 páginas
Formato	16 x 23cm
Mancha	29 x 45 paicas
Tipologia	Cambria
Corpo/entrelinha	11,5/14,5
papel do miolo	Pólem Sóft 80g
Papel de capa	Cartão Supremo 240g (plastificada)
Impressão e acabamento	Ediouro Gráfica



Criada em 1881, a Biblioteca do Exército (Bibliex) se tornou importante vetor da difusão da cultura na sociedade brasileira e vem contribuindo para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento profissional-militar e geral, com acervo à disposição dos públicos civil e militar.

Em 1937, iniciou um programa editorial que firmou tradição pela qualidade de suas publicações, oferecidas a seus assinantes e também destinadas a vendas avulsas.

A Bibliex possui atualmente cerca de um milhar de títulos publicados e reedita obras esgotadas, sobretudo as de maior relevância no campo da história militar.

Obras literárias de interesse para futuros líderes, formadores de opinião e leitores que buscam enriquecer a cultura geral são selecionadas anualmente por um Conselho Editorial integrado por destacados militares e civis da intelectualidade brasileira.

Companhia de Engenharia de Força de Paz 13º Contingente Haiti



“Solidários, seremos UNIÃO.

Separados uns dos outros seremos ponto de vista.

JUNTOS, alcançaremos a realização de nossos propósitos.”

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

Publicação 887

Coleção General Benício

Volume 489

ISBN 978-85-7011-497-6



978-85-7011-497-6